FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 26 DE SETEMBRO DE 1959

ANO 39.º — NÚMERO 13 219

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Estudar para passar ou para saber?

Pelo prof. DANIEL BARBOSA

Pouco falta para se poder fazer o juizo devido e completo acerca da forma como decorreram os exames liceais de 1959, em que o prémio do trabalho realizado se misturou algumas vezes com um ou outro caso de mais sorte e, frequentemente, também, com amargas desilusões provenientes de imerecidos insucessos.

Dir-se-á que a vida do estudante é mesmo assim, e que a contingência inevitável das provas não pode deixar de fazer parte do seu regime de estudos; mas o certo é também que uma análise, objectiva e fria, ao modo como são feitos os exames do curso dos liceus — e, valha a boa verdade que se afirme, de alguns outros, também — pode levar á duvida de se a forma que taxativamente os sujeita, ou as normas a que rigidamente obedecem, serão já não digo as mais perfeitas mas, pelo menos, satisfatóriamente conducentes ao fim que, por meio deles, se procura atingir.

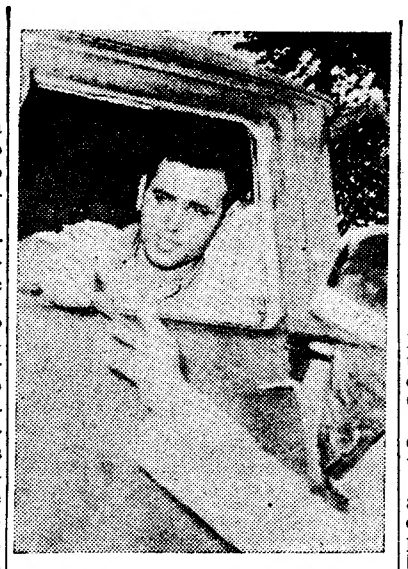
Poderia, por isso mesmo, perguntar-se, na hipótese de a experiência demonstrar que esse sistema habitual de provas está absurdamente deslocado quanto ao alcance da sua realização, se é lícito mantê-lo rotineiramente pelo tempo fora, á espera de vastas reformas do ensino, ou se, pelo contrário, não seria mais racional e proveitoso emendá-lo desde logo com resoluta decisão; isto é, de forma a expurgá-lo no possível das causas principais de injustiça e contingência em que fundamentalmente se apoiam as críticas dos interessados: dos alunos, dos pais, dos professores.

Mesmo sem querer, por agora, ponderar aquilo que a experiência testemunha como pró ou como contra do sistema á base do «ponto unico» nem, muito menos ainda, pretender criticar o requinte alucinante de classificações aproximadas ás décimas ou o facto, na verdade lamentável, de ainda — embora já de longe em longe — aparecerem problemas de tal forma estruturados que mais se diriam conter condições para reprovar do que para avaliar de um «preparo», temos de reconhecer que o sistema actual desses exames, na sua aplicação prática, funciona em grande parte com a rigidez de uma máquina sem maleabilidade e sem alma; e porque os examinandos são tratados práticamente dentro dela como unidades impessoais de um todo — ou pouco mais — nisso reside, decerto, o maior defeito do sistema, dado mecanizar amorfamente prestações de provas que deveriam ter sobretudo em consideração o indivíduo na sua personalidade sem menosprezar, de for-

(Continua na 11.ª página)

Mais um capricho da moda agora apresentado em Londres, para a estação que entra: sapatos verdes, de concepção italiana, e chapéu de tiras de cabedal azul

Visado pela Comissão de Censura



Um condutor profissional com carta há sete anos, sem qualquer acidente, merece um louvor da P. V. T.

Os Ingleses respeitaram os nossos direitos de soberania sobre Dadrá e Nagar-Aveli — afirmou o prof. Galvão Teles na Haia

HAIA, 26 — Abriu ás 10 e 33 horas a décima audiência, para a tradução em inglês, de uma parte da exposição lida ontem pelo prof. Galvão Teles.

Entre os juizes registou-se, por doença, uma falta — a do magistrado grego João Spiropoulos.

Na delegação indiana, notou-se a ausência de todos os peritos, com excepção dos dois que têm nomes portugueses — Shri Caraciolo Cabral e Shri Gouveia Pinto.

Às 10 e 46 horas o prof. Galvão Teles retomou o uso da palavra.

O advogado português principiou por afirmar que lhe competia dizer alguma coisa acerca da atitude das autoridades britanicas perante os direitos que Portugal havia recebido dos Maratas.

O Governo indiano veio sustentar — disse, em seguida — que as autoridades britanicas, ao tomarem conta dos territórios limítrofes de Damão, se recusaram a reconhecer os direitos que nos tinham advindo dos Maratas.

(Continua na 3.ª página)

A SEMANA DE SEGURANÇA NO TRÂNSITO

A selecção dos melhores condutores do Porto continuou hoje na ponte D. Luís

Todos os dias cresce a relação dos automobilistas já escolhidos, em primeira selecção, para atribuição dos nossos títulos de condutores exemplares. Do Minho ao Algarve, das estradas que correm á beira da costa ou cortam a raia com a Espanha, o «Diário de Lisboa», com a colaboração da meritória corporação que é a Polícia de Viação e Transito, continua a anotar os nomes e os numeros das cartas dos condutores que se evidenciam pelo rigoroso cumprimento do Código da Estrada e dão mostras de prudência e cortesia. Não se atemorize, pois, se estiver a conduzir correctamente e um agente da P. V. T. o mandar parar. Não vai ser multado, mas felicitado. E' que foi designado candidato ao título de condutor exemplar do seu distrito. Claro que um candidato não é um titular: numa segunda selecção, entraremos em linha de conta com os seus antecedentes— numero de anos de condução e acidentes de que já foi autor, por exemplo.

Se também for aprovado neste segundo exame, será proclamado condutor exemplar. E' claro que o numero de condutores exemplares a designar não será igual em todos os distritos: doze, em Lisboa; dez no Porto; e cinco em cada um dos outros distritos.

Além do publico reconhecimento dos seus méritos como condutor conscienciosо, receberá, durante uma grande concentração automobilística a realizar em Lisboa, um diploma e uma medalha comemorativa oferecidos pelo «Diário de Lisboa».

Seja prudente e colabore com a Semana de Segurança no Trânsito

Nunca será demais repetir que não foi por acaso que o «Diário de

(Continua na página central)

Nota do dia

OPULÊNCIA E SANTIDADE

A notícia não deixa de entristecer os bons católicos que contribuiram para a oferta de uma imagem da Senhora de Fátima ao presidente Kubitschek, a fim de ser colocada na catedral de Brasília: os gatunos assaltaram o templo e roubaram, entre outras preciosidades, as joias que tinham sido oferecidas á Virgem. Em todos os tempos as igrejas tiveram os seus tesouros, uns oferecidos pela magnanimidade dos reis e dos príncipes, outros adquiridos pela devoção dos crentes. Representam quase sempre uma prova de gratidão pelos benefícios concedidos áqueles que invocam com proveito, numa hora de angustia, o nome de Deus ou simplesmente o de um santo. Os que operam maior numero de milagres, ou espalham na Terra uma soma mais avultada de bençãos, recolhem naturalmente mais provas de gratidão. Muitas traduzem-se em piedosos ex-votos que algumas vezes deixam as formas humildes de cera para serem moldados em ouro de lei. Tratando-se de imagens femininas, os devotos acham preferivel oferecer-lhes joias de uso comum, convencidos de que assim conquistarão mais seguramente as suas boas graças. O critério, embora simplista, não deixa de ter justificação. Mas serão as santas sensiveis a essas frivolidades mundanas? Tudo indica que não e que á oferta de joias opulentas teriam preferido a prática de alguma boa acção que se traduzisse por um acto de benemerência em proveito do próximo. A Senhora de Fátima, quando apareceu aos pastorinhos na Cova da Iria, não ostentava certamente nenhuma joia a adornar-lhe o colo de neve, nem luzia nas orelhas diamantes de alto preço. Não será a Virgem mais simples e mais bela, não infundirá maior respeito e devoção aos crentes, sem essa manifestação de luxo mundano e de opulência deslocada com que quiseram enriquecer a imagem de Brasília e outras imagens que em dias festivos se oferecem à veneração dos fieis?

Diario de Lisbôa
publica hoje
32
páginas
nas quais se incluem
TRÊS SUPLEMENTOS:
MAGAZINE
*
JUVENIL
*
DE UMA SEMANA
PARA A OUTRA

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Falsificadores célebres da Agua de Inglaterra

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

NA «Apologia da Ágoa de Inglaterra da Real Fábrica de José Joaquim de Castro» (1812), João Lopes Cardoso Machado, delegado de Medicina e Cirurgia de Pernambuco, revolta-se contra as falsificações da mesma Água por farmacêuticos e boticários, como sucede hoje com muitas das drogas que nos chegam do estrangeiro e dilatam os haveres dos imitadores. Quem a fabricou em primeira mão? Fernão Mendes (Dr. Fernando ou Moisés Mendes), segundo se lê na «Gazeta de Lisboa», 14.1.1720: «Apareceu Fernão Mendes em Portugal com uma preparação, a qual teve pouca duração no seu uso; ou por-

(Continua na 3.ª página do suplemento)

À saída da ponte D. Luís, no Porto, um candidato ao título de condutor exemplar é identificado pela P. V. T. (Telefoto transmitida pelos serviços experimentais dos C. T. T.)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

CULTURA POPULAR

MUITOS dos problemas com que nos debatemos, entre nós, resultam de deficiências de educação e de cultura. Tudo quanto se faça, pois, no sentido de suprir essas deficiências representa um serviço de projecção nacional, que merece, sem duvida, ser posto em relevo. O sr. presidente da Camara Municipal de Lisboa, que noutros aspectos da sua acção, tem dedicado a melhor atenção a alguns dos problemas fundamentais da população da cidade, deu agora mais uma prova desse interesse, com uma contribuição que não se deve circunscrever ao ambito de um simples sector da população de Lisboa, porque, na verdade, se enquadra no conjunto de esforços indispensáveis para melhorar o nivel cultural do nosso povo: foi a entrega a que procedeu ontem, no Palácio Galveias, ao Atlético Clube de Sete Moinhos e ao Andorinhas Football Clube, de duas bibliotecas com mais de trezentos livros cada uma, de carácter profissional e cultural. O sr. brigadeiro França Borges aproveitou, aliás, a oportunidade para afirmar, significativamente, que o Município deseja contribuir para a cultura e o bem-estar dos Lisboetas, entendendo, por isso, que com a ajuda que assim dava ás colectividades populares, procurava justamente alcançar esse objectivo.

FEIXE DE NOTICIAS

COMEÇOU a erguer-se a Casa da Criança, em Melo (Gouveia), iniciativa digna de tanto mais carinho, quanto é certo que parte de um grupo de pessoas bondosas da terra, que conta com a generosa colaboração das crianças das escolas. Para angariar fundos para a bela obra, está a organizar-se um desfile, em que toma parte a gente moça de localidade, com um entusiasmo que mostra bem os seus belos sentimentos.

*** Já que se apontam atitudes benemerentes, registadas na província, é de citar também, a generosidade do sr. Joaquim Palhavã Cristovão, de Vendas Novas, que entregou a Misericórdia da vila, a quantia de 320 contos, destinada á construção duma enfermaria de isolamento para homens e mulheres e de um asilo para velhos. A Misericórdia dará ao asilo o nome da sr.ª D. Maria Soares Brito Palhavã Cristovão, falecida esposa do benemérito, que ainda há pouco deu 100 contos para os bombeiros.**

JORNAL PEQUENO

PARTIU para o Brasil o ministro da Saude, que vai á inauguração do novo hospital da Beneficência Portuguesa de S. Paulo. * O ministro dos Negócios Estrangeiros, por sua vez, seguiu para Bonn, em visita oficial á Alemanha Ocidental. * Em Moselos (Viseu) morreu afogada uma rapariga, que caiu de uma figueira para um poço.

Terminou a reunião

da comissão executiva da União dos Arquitectos

O ultimo acto oficial da reunião dos delegados da União Internacional dos Arquitectos efectuou-se hoje, de manhã, no Palácio Foz, onde esteve sob a presidência do chileno Hector Mordones Restat, a nova comissão executiva eleita, tendo já estado presente o arquitecto professor Carlos Ramos, director da Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Na referida reunião, foram tratados problemas de propaganda e orientação das actividades da U. I. A., para os próximos congressos; da organização do «Dia Mundial do Arquitecto» e de serviços de viagens e informações dos arquitectos.

Um dos pontos mais importantes, que foi discutido e aprovado, foi, sem duvida, o apelo que vai ser feito aos vários governos, no sentido de ser estabelecido um estatuto para os arquitectos. E, ao mesmo tempo, tratou-se de um projecto de carta comum á associação internacional das Artes Plásticas e á U. I. A., e, finalmente, de congressos e métodos de discussão.

Hoje, á noite, será oferecido, pela secção portuguesa, no Hotel Ritz, um banquete ás diversas individualidades que têm participado nos trabalhos.

Um aspecto da reunião

Reunião dos delegados distritais

da Mocidade Portuguesa

Prosseguiram hoje, de manhã, as sessões de estudo da reunião anual dos delegados distritais da Mocidade Portuguesa, que ontem se iniciou no Palácio da Independência.

Presidida pelo comissário nacional adjunto, dr. Joaquim Romão Duarte, e com a presença dos drs. Julio Evangelista e Pereira Bernardes e Julio Barão da Cunha, inspectores nacionais das zonas Norte, Centro e Sul e, ainda, do professor Manuel Tavares Junior, subdirector da Escola Nacional de Graduados, a sessão da manhã foi destinada á apreciação dos seguintes temas: alargamento da acção da M. P.; Centros Extra-Escolares e Casas da Mocidade; Iniciativas locais; graduados — sua preparação e coordenação da sua acção.

Na sessão da tarde, que se iniciou ás 15 e 30, foram apreciadas: as actividades culturais: as publicações da M. P.; os Cursos de Instrutores; a frequência dos Centros Especiais.

As sessões prosseguem amanhã, com a presença dos delegados distritais de Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Evora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Setubal, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.

O encontro das dirigentes dos Centros Primários da M. P. F.

Na sede do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, decorreu hoje o ultimo dia de trabalhos do encontro de professoras primárias, dirigentes dos centros escolares daquela organização, o qual foi preenchido com uma lição, de manhã, dada pela sr.ª D. Ester Soeiro de Sá, sobre a missão da professora e a Mocidade Portuguesa Feminina.

De tarde, houve lições práticas de ginástica e de jogos, e ainda outra de trabalhos manuais, dirigida pela sr.ª D. Aurea Soares, dirigente da M. P. F. no Porto.

Ao fim da tarde, haverá a preparação para a festa de encerramento que se efectuará amanhã, á noite, na sede do referido comissariado.

«Cruzeiro Honório Barreto»

Os filiados da Mocidade Portuguesa, de Cabo Verde e da Guiné, do «Cruzeiro Honório Barreto», que têm andado a visitar o Sul do País, pernoitaram em Beja, e hoje, depois de estar em Évora, são esperados em Lisboa, ao fim da tarde. Os rapazes permanecerão na capital até quarta-feira, dia em que partirão de avião para aquelas províncias ultramarinas.

Amanhã, os filiados ultramarinos percorrerão o triangulo turístico, Sintra-Cascais-Lisboa.

Dizem os leitores...

Cauteleiros... e cauteleiros

Do cauteleiro n.º 2174, Joaquim dos Santos, morador na Calçada de Santana, 61, 2.º, recebemos a seguinte carta que contém observações que achamos dignas de serem levadas em conta:

«Assíduo leitor desse jornal, tenho acompanhado com interesse tudo quanto no mesmo, tem sido escrito sobre a crise na venda da lotaria.

Porém, li no passado dia 16, com o título «Cauteleiros... e cauteleiros» uma carta em que há considerações que brigam com a dignidade dos cauteleiros profissionais que vendem na parte central da cidade.

Refiro-me á afirmação de estes não são profissionais vendendo só ás quintas e sextas-feiras, e só servindo para espalhar a confusão nos preços da venda, e mais ainda: que se tornam indesejáveis, porque maçam e irritam o transeunte, chegando até a tratá-lo mal, caso este não lhe compre.

Com certeza, essa carta foi escrita por qualquer vendedor por atacado que, esquecendo-se de que todos têm direito á vida, também se esqueceu de que o cauteleiro que vende no centro da cidade, lhes é tão util como os que vendem nos arrabaldes.

Creio bem que uma grande parte do jogo não se venderia, sem os cauteleiros na rua, porque, estes, com os seus pregões, chamam o cliente á compra.

O que esse senhor devia dizer é que é necessário uma fiscalização aos vendedores da lotaria, visto que, de facto, uma grande parte desses só vendem ás quintas e sexta-feiras, e nos outros dias só depois das 18 horas. São estes os que têm outro modo de vida, alguns com bons empregos (dizem que até os há funcionários publicos) e que, ás quintas e sextas-feiras vêm para a rua e vendem por qualquer preço, em prejuizo dos que vivem exclusivamente da venda da lotaria e que, desde o sábado até á terça-feira, pouco ou nada vendem, porque o cliente se reserva para comprar depois da aparição dos tais, que vêm estabelecer a confusão.

Há, no regulamento da venda de lotaria o artigo 8.º que diz que todo o vendedor deve andar munido da licença, usar boné de pala, etc., mas nos dias de fim de semana aparece uma grande quantidade de vendedores, uns em cabelo, outros de chapéu, boina, etc., e são estes os tais que maçam e insultam o transeunte, em prejuizo do vendedor legalizado que tem todo o desejo de captar a simpatia do cliente, não só para aquela ocasião, mas para o futuro».

Os planos do acesso à Rua Damasceno Monteiro

Escreve-nos uma leitora assidua, fazendo diversos reparos sobre as dificuldades de acesso á Rua Damasceno Monteiro. De facto, esta rua, de grande extensão, é muito mal servida de transportes, mesmo sem qualquer transporte que a percorra. Os autocarros e «eléctricos» que passam nas imediações param bastante longe. A hipótese levantada em tempos da abertura de uma rua ligando esta artéria ao Largo do Intendente, parece ter sido posta de parte, ou então, não é de esperar tão cedo este melhoramento.

Agora, por dois prédios ameaçarem ruina, até nem é possível o transito de automóveis numa parte da rua. Apesar de todos estes contratempos, a nossa leitora conserva ainda a esperança de que a resolução do caso esteja para breve.

Foi aprovado o plano

das actividades municipais para 1960 em Évora

EVORA, 26. — (Pelo telefone). — Na reunião da Camara Municipal desta cidade, foi apreciado e aprovado o plano de actividades municipais para o próximo ano, que inclui a realização de grandes melhoramentos citadinos e rurais, destacando-se, entre eles, a construção do parque infantil, a construir na antiga «horta dos soldados» e doada para aquele fim pelo sr. dr. Francisco Margiochi; o calcetamento a cubos das ruas da Republica, Serpa Pinto, Alcaçarias e S. Mamede; a rede de electrificação e de águas da freguesia da Boa Fé e outras; e a conclusão da electrificação do palácio D. Manuel com a colocação de 3 lustres no valor de 9.400 escudos, cada um.

O vereador sr. dr. Coelho Serrano propôs que fosse acrescentado ao plano a arborização do recinto de S. Brás.

O plano de actividades vai ser apresentado, hoje, na reunião do Conselho Municipal.

Cursos da Escola Prática

de Ciências Criminais

Estão abertas ainda durante alguns dias as matrículas para os cursos de preparação destinados a preceptores e agentes de assistência social das Direcções-Gerais dos Serviços Prisionais e dos Serviços Jurisdicionais de Menores.

Prestam-se esclarecimentos na secretaria da Escola, na Rua Joaquim Bonifácio, n.º 38, ou pelo telefone 43610.

Acidente de viação

no Carregado

Próximo do Carregado, chocou com uma camioneta uma bicicleta motorizada em que seguia o comerciante António Santos, de 39 anos, morador em Cruzes, Marinha Grande, que ficou gravemente ferido numa perna e com um braço fracturado, pelo que foi conduzido ao Hospital de S. José e deu entrada na sala de observações.

VIDA ESCOLAR

Exames da 2.ª chamada

e inspecções médicas nos liceus

Terminados, ontem, os exames de 2.ª época do 1.º e 3.º ciclo, hoje não se efectuaram provas, que prosseguem na segunda-feira, com Físico-Químicas e Geografia, do 2.º ciclo.

Continuaram esta manhã, em diversos liceus, conforme temos noticiado, indicando a sua ordem, as inspecções médicas dos alunos que, pela primeira vez, frequentam aqueles estabelecimentos de ensino.

No Liceu de Passos Manuel, estas inspecções principiam na segunda-feira para os alunos do 1.º ano, das turmas A. B. C. e D; no dia 29, para o 1.º ano, turmas E. F e G.; no dia 30, alunos dos restantes anos.

Escolas técnicas

Na Escola Francisco Arruda, começaram esta manhã os exames de transição aos alunos que, depois de completarem o 1.º ciclo dos liceus, pretendem ingressar no Ensino Técnico. Apresentaram-se 30 candidatos, relativos ás escolas industriais, comerciais e de arte decorativa.

As provas prosseguem nos dias 28, 29 e 30, com Desenho, ás 9 horas e Trabalhos Manuais, ás 15.

Neste mesmo estabelecimento de ensino o ano escolar inicia-se na terça-feira, ás 18 horas, com a reunião dos encarregados de educação para estudo dos planos de actividade e andamento escolar no 1.º período; no dia 30, ás 9 horas, os alunos reunem-se com o director da Escola, começando as aulas no dia 1 de Outubro.

Na Escola Técnica Pedro de Santarém, são afixados, na segunda-feira, os horários dos alunos para o próximo ano lectivo, bem como a constituição das turmas. Também se encontra afixada uma relação dos alunos do 1.º ano que transitam para a Escola Técnica de Sintra, a funcionar no Cacém.

Rotary Clube de Lisboa

A reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa, do próximo dia 29, na Casa do Alentejo, começará ás 20 e 30, fazendo o sr. José Robert Auguste Callens uma palestra, intitulada «Diamantes célebres».

União Internacional

de Higiene e Medicina Escolares e Universitárias

Portugal obteve, por intermédio da Liga Portuguesa de Higiene Escolar, as seguintes posições na União Internacional de Higiene e Medicina Escolares e Universitárias, recentemente instituída: assembleia geral, drs. José dos Santos Bessa, Vasco Bruto da Costa e Eugénio Ribeiro Rosa; e conselho de direcção, drs. Vasco Bruto da Costa e Eugénio Ribeiro Rosa.

Escritório comercial

do Brasil em Lisboa

O sr. dr. Clodomir Leite, director do Departamento Nacional de Industria e Comércio do Ministério do Trabalho do Brasil, do qual dependem todos os escritórios comerciais do Governo brasileiro no Mundo, e que ontem chegou a Lisboa, acompanhado de sua esposa, para demora de alguns dias, esteve na sede do Escritório Comercial Brasileiro, onde conferenciou com o seu director, sr. dr. Fanor Cumplido Junior sobre assuntos relacionados com o desenvolvimento daquele departamento em Portugal, que tem tido notável actividade no plano das relações luso-brasileiras.

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em ABRANTES e ALFERRAREDE por intermédio de CASACA & MARTINS.

Cafiaspirina BAYER
CONTRA DORES · MAL-ESTAR · ABATIMENTO

Clínica Dentária Santa Joana
RUA BRAAMCAMP, 88, 1.º ESQ. TELEFONE 733257
Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA
Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇÃO LEAL — DR. A. FALCATO SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESÃO — DR. LÉLIO MARQUES — DR. MANUEL VASCONCELOS
DIAS UTEIS — das 9 à Meia-noite
DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

Restaurante «IMPERIAL»
CARREGADO
Nova gerencia — Novo serviço
NOVAS INSTALAÇÕES

O JULGAMENTO NA HAIA

Só o Governo indiano

pela primeira vez na história duvidou da soberania portuguesa concedida pelos Maratas

(Continuação da 1.ª página)

«Esta tese — acrescentou — é, porém, desmentida pelos factos. As autoridades britanicas, na realidade, não desconheceram os referidos direitos. Não os desconheceram nem poderiam, juridicamente, desconhecê-los. Não desconheceram, antes inteiramente respeitaram, os nossos *direitos de soberania* sobre Dadrá e Nagar-Aveli. Tão pouco desconheceram, pelo contrário acataram fielmente, o nosso *direito de acesso* a esses territórios».

Em que se reservaram então a sua liberdade os Ingleses?

«Apenas — respondeu o prof. Galvão Teles — em matéria de *privilégios* ou *imunidades* respeitantes ao transito entre Damão e os enclaves, como, nomeadamente, a *isenção* de pagamentos de impostos aduaneiros.

«Isto é: a Grã-Bretanha não se atribuiu a faculdade, que seria legítima, de proceder com desprezo dos direitos de Portugal, quer dos direitos de soberania sobre os enclaves, quer do direito de transito necessário ao exercício dessa soberania. Não. A Grã-Bretanha considerou-se sómente autorizada a *regular* esse transito, *privilegiando-o ou não com imunidades ou isenções*. Mas isto não contradiz em nada os pontos de vista do Governo português. Muito ao contrário, confirma-os e corrobora-os plenamente.

«Está fora de toda a discussão — prosseguiu o prof. Galvão Teles — que a Grã-Bretanha tratou, desde o primeiro momento, Portugal como soberano dos territórios de Dadrá e Nagar-Aveli. Nunca pôs em duvida, nem de longe nem de perto, que essa soberania nos pertencesse plenamente. Antes sempre inteiramente, sem a mais ligeira restrição nos acatou como seus titulares.

«Contudo — diz o Governo indiano — isto aconteceu porque nós Portugueses enganámos os Ingleses, usando para com eles do dolo ou má-fé, induzindo-os em erro quanto á verdadeira índole dos nossos direitos sobre a Praganá de Nagar-Aveli.

«Nós, Portugueses — é sempre o Governo indiano que fala — sabíamos ter sobre os enclaves direitos limitados e revogáveis, de natureza fiscal, concedidos pelo tratado luso-marata de 1779.

«Note-se entre parêntesis que os nossos adversários, embora subestimando os efeitos do tratado, reconhecem aqui a sua validade, que noutros passos da sua argumentação contestam, aliás, só a partir do contra-memorial.

«Mas — fala ainda o Governo indiano — nós não nos apresentámos aos olhos dos Ingleses como se tivéssemos apenas aqueles direitos limitados Apresentámo-nos, falsamente, como se nos pertencesse a plenitude da soberania. E foi iludidos por esta falsidade ou aparência enganadora que os Ingleses nos trataram como soberanos plenos».

Mas «esta construção histórica — arquitectada pela parte contrária, pela primeira vez, no contra-memorial e reproduzida na tréplica — não tem — acentuou, seguidamente, o prof. Galvão Teles — o mais ligeiro apoio nos factos ou nos documentos. E' verdadeiramente uma criação artificial inteiramente desligada da realidade.

«Em primeiro lugar, o raciocinio do Governo da União Indiana parte da premissa errada, porque assenta no pressuposto, cuja inexactidão creio achar-se já demonstrada concludentemente, de termos recebido das mãos Maratas sómente direitos precários sobre a Praganá».

«Em segundo lugar, não existe, nem a parte contrária aponta, o menor indício documental de estarem os Portugueses convencidos de apenas terem sobre Dadrá e Nagar-Aveli direitos limitados e de nesse estado de espírito procurarem iludir os seus vizinhos. Nós não estávamos convencidos de apenas ter direitos limitados: não estávamos nem podíamos estar, porque os tínhamos plenos.

«Nunca, de resto, ninguém, antes do Governo indiano, contestou, ou pôs sequer em duvida, que houvéssemos adquirido dos maratas soberania plena sobre os enclaves. Só o Governo indiano neste processo fez essa contestação — pela primeira vez em toda a História. Esse mesmo Governo, no parágrafo 302 da sua tréplica, expressamente reconhece que é assim, pretextando ser esta a primeira ocasião que historicamente se ofereceu para o efeito. Mas a verdade é que a ocasião se teria oferecido sempre que invocámos o tratado ou nos apresentámos como soberanos plenos dos enclaves e isto aconteceu vezes sem conta — digamos mesmo: de forma contínua e permanente.

«E não só não existe o menor indício da má-fé das autoridades portuguesas, como, pelo contrário, existe a prova cabal da sua boa-fé».

Essa prova resulta de uma carta de 11 de Novembro de 1818, do Governador de Damão para o governador de Bombaim, com que se iniciou a correspondência entre as autoridades locais dos dois Estados, carta que o prof. Galvão Teles leu no Tribunal, comentando:

«E' difícil conceber testemunha mais eloquente da lisura do nosso procedimento».

E pergunta:

«Teríamos agido como agimos se quiséssemos iludir os Ingleses e houvesse, aliás, matéria para isso?» — (A. N. I.).

As contradições da defesa indiana são trunfos a nosso favor

HAIA, 26 — (Pelo enviado especial da A. N. I., Dutra Faria — Copyright n.º 319) — O prof. Guggenheim forneceu ontem, com as suas obras, boa parte das citações em que o prof. Silva Cunha assentou uma cerrada, certeira argumentação. Guggenheim, porém, ausentara-se da sala quando Silva Cunha repetidas vezes o citou, em benefício da sua tese. E foi pena... São tão raros os sorrisos no Tribunal, que custa, na verdade, perder um — mesmo que se trate, como seria o caso, de um sorriso amarelo.

Pouco antes, no momento em que o prof. Silva Cunha, de borla e capelo, subiu á tribuna, Henri Rolin, ao vê-lo tão jovem, piscou o olho, discretamente, para o prof. Waldock, sentado ao seu lado, como se dissesse: «Com este, assim tão novo, podemos nós bem...»

A verdade, todavia, é que, primeiro os juízes e depois os delegados do Governo da India foram, um a um, prestando crescente atenção ás suas palavras; e quando, no fim, Silva Cunha citou Ehrlich — uma citação que caiu no Tribunal como a sopa no mel, perdoe-se-me o plebeismo — o prof. Henri Rolin, apesar dos seus cabelos brancos, da sua experiência, da sua cultura, da sua eloquência, já não sorriu, já não piscou o olho, já não pensou que decididamente, os professores em Portugal eram jovens em excesso; o prof. Henri Rolin — «menino bonito» do Tribunal, «coqueluche» dos jornalistas que frequentam por gosto ou ofício o Palácio da Paz — teve, visívelmente, um sobressalto. Foi evidente que a citação lhe desagradara...

Agora, está no uso da palavra, novamente, o prof. Galvão Teles. E sob os golpes conjugados seus e dos profs. Maurice Bourquin, Braga da Cruz e Silva Cunha, o edifício de arquitectura barroca laboriosamente erguido, pedra a pedra, pelos advogados do Governo indiano lá se vai desmantelando...

Muitos dos documentos que figuram nos volumes de anexos á treplica indiana demonstram, afinal, o contrário do que o Governo de Nova Delhi pretendia demonstrar. Algumas das citações que se encontram na tréplica — duas, pelo menos — não foram reproduzidas fielmente, escrupulosamente. Há contradições flagrantes entre o que os advogados da India já afirmaram e o que afirmam agora. E tudo isto são cartas a nosso favor.

Nada mais imprudente, porém, do que deitar foguetes antes do tempo. Também são bons os advogados que a India contratou — e também com certeza trazem alguns trunfos escondidos na manga.

Para já, no entanto, sabe-se apenas que devem começar a falar por volta dos dias 5 ou 6 de Outubro, devendo manter-se no uso da palavra 15 ou 16 dias.

Depois de Setalvad, teremos, por certo, Henri Rolin — e lá para o fim do período, concluídas as eleições na Inglaterra, contados os votos, apurados os resultados, ouviremos então sir Frank Soskice, agora ocupado com os trabalhos da sua candidatura a deputado pelo Partido Trabalhista. — (A. N. I.).

VIDA SOCIAL

DR. ELIAS DAMIÃO PIRES

Segue hoje de avião, para ir tomar parte no Congresso do «American College of Surgeons», em Atlantic City, e no Congresso da «American Society of Plastic Surgeons», em Miami, o dr. Elias Damião Pires, que aproveitará a sua deslocação para visitar, naqueles importantes centros, clínicas da sua especialidade.

Exposição do centenário de Luís de Magalhães

No Palácio Galveias, ao Campo Pequeno, continua patente ao publico a exposição bibliográfica, iconográfica e documental comemorativa do centenário do ilustre escritor e homem de Estado que foi Luís de Magalhães, promovida pela Camara Municipal de Lisboa.

Este certame está aberto até ao fim do mês, das 14 ás 19 e 30 horas.

O CENTENÁRIO do nascimento de Eduardo de Noronha

Faz hoje onze anos que faleceu o ilustre escritor e jornalista Eduardo de Noronha. E o centenário do seu nascimento passa no dia 26 de Outubro próximo.

REUMATISMO ?

Os sais Kruschen, com suavidade, mas presistentemente, estimulam a eliminação dos resíduos ácidos. Experimente desde já um tratamento Kruschen. As dores e demais incómodos serão suavisados. Se mantiver o tratamento, verá como eles auxiliarão o seu bem estar, fazendo desaparecer o reumatismo.

À venda em todas as farmácias.

Experimente este tratamento durante sete dias

A CIDADE

Caso do dia

A vida é dura e bem amarga para muitos que têm de angariar os meios de subsistência para si e para os seus...

Vejamos a vida desta pobre Maria Alves, de 37 anos de idade, que o marido abandonou com três filhitos de tenra idade:

E' uma mulher que tem vincadas no rosto a melancolia e a tristeza. Um vestido modesto, e simples e um avental azul com peitilho. Assim se apresentou no Tribunal de Polícia, perante o magistrado, que lhe perguntou a identidade.

Ela na sua simplicidade inquiriu:

— O que é isso, sr. dr. juiz?

— O seu nome, a sua idade e os nomes dos seus pais.

— E' acusada de ter fugido ao captor, quando andava a vender fruta sem ter licença...

Ela contou a sua infelicidade: Foi abandonada pelo marido, com três filhos. De manhã, trabalha na limpeza de dois escritórios, e, durante a tarde, em várias casas particulares, em dias alternados. As senhoras das casas onde trabalha estão fóra e ela, para poder arranjar mais um pouco de pão para os filhos, comprou um cabaz de maçãs, na praça, para revender.

— Quanto tencionava ganhar nesse cabaz de fruta?

— Dez mil reis. A minha miséria e a minha aflição levaram-me a tomar aquela resolução.

O guarda da Camara disse, por seu turno, que a prendeu por ela não ter licença, e que, quando a levou á barraca do Mercado 24 de Julho, para a identificar, ela, em dada altura, saiu. Foi nesse momento que escorregou e caiu no mercado.

— Tem testemunhas de defesa? — perguntou o magistrado.

— Não, sr. dr. juiz. Mas faço a limpeza na Repartição do Registo Civil e do escritório que está por baixo. Todos ali me conhecem.

A audiência foi suspensa, para ela apresentar testemunhas.

Pessoas idóneas e de representação social abonaram o seu comportamento moral e de mãe estremosa.

O magistrado conciliou a lei com os ditames da sua consciência e do seu coração.

— A ré não pode deixar de ser condenada; por isso, condeno-a em 10 dias de prisão, a 15$00 por dia, e em 50$00 de imposto. Mas, atendendo a várias circunstancias que militam a seu favor, suspendo-lhe a pena por dois anos.

A' saída do tribunal os filhos aguardavam a chegada da mãe, que se agarrou a eles, a chorar, impressionando vivamente todos os presentes.

VÍTIMA de choque eléctrico

VIANA DO CASTELO, 26. Pelo telefone) — Quando, hoje, pelas 10 h. e 30 m., o electricista dos serviços municipalizados, Alípio António de Matos, casado, de 47 anos de idade, procedia á reparação da rede eléctrica de baixa tensão, na freguesia de Darque, foi vítima de um choque eléctrico, que lhe originou a queda do poste em que trabalhava. Conduzido ao Hospital da Misericórdia verificou-se que sofrera graves contusões, tendo recolhido á sala de observações.

ACIDENTE na desmontagem de um circo

QUELUZ, 26 — (Pelo telefone)— Quando, com outros colegas, procedia á desmontagem do circo Arriola-Paramés, de que é empregado, uma viga de ferro desprendeu-se e atingiu o operário Mário Fernandes da Cruz, de 19 anos, que ficou gravemente ferido nas costas, pelo que foi transportado, numa ambulancia, para o Hospital de S. José, onde ficou internado.

Da janela à rua

Esta manhã, caiu da janela da sua residência á rua e morreu imediatamente António Joaquim Lopes, de 68 anos, morador na Rua Sabino de Sousa, 69-2.º, cujo cadáver deu entrada no Instituto de Medicina Legal.

DESASTRE numa fábrica de cortiça

EVORA, 26 (Pelo telefone) — Esta manhã, quando se procedia á tiragem de fardos da caldeira de cozedura, numa fábrica de cortiça, situada no bairro da Senhora da Glória, um deles caiu na água a ferver que saltou em grande abundancia e foi atingir o proprietário da fábrica, sr. João Manuel Jardim, de 63 anos, casado, e o operário António João, de 24 anos, casado, residente no bairro dos Canaviais.

Ambos foram transportados ao Hospital da Misericórdia, ficando o primeiro internado com queimaduras graves em todo o corpo; o segundo, após os tratamentos, recolheu a casa.

O 80.º aniversário do jornal «A Voz do Operário»

Na secretaria-geral da Sociedade Comercial «A Voz do Operário» e na Farmácia Morão, no Largo da Graça, 63, encontra-se aberta a inscrição para um almoço de confraternização a efectuar-se no dia 11 de Outubro, data em que se celebra o 80.º aniversário da fundação do órgão privativo daquela sociedade.

Pela Polícia

INFIEL DEPOSITÁRIA — Pela Polícia Judiciária foi enviado ao Tribunal Correccional da Boa Hora um processo em que é queixoso o sr. José António de Sousa Marques, e arguida Felicidade Rosa Fernandes, que também dá pelo nome de Maria João. No decorrer das investigações, a Polícia apurou que ela, aproveitando-se do facto de aquele comerciante lhe ter confiado um anel, uma pulseira e uma figa de ouro, no valor de 3.670 escudos, os desencaminhou tendo oferecido o anel a uma pessoa das suas relações, e empenhado os restantes objectos. A «Maria João», que confessou o delito, está na Cadeia das Mónicas.

FURTO DE MÁQUINAS DE FILMAR — A Polícia Judiciária está a investigar um furto, praticado, no passado dia 20 de Agosto, no Estoril, na Avenida Amaral, de onde os gatunos roubaram, do interior de um automóvel, três valiosas máquinas de filmar, marca «Wanlogellee» e «Kiston», e outros objectos, no valor de 20 contos.

Até a este momento, aquela corporação prendeu um dos assaltantes, um indivíduo de nome João Manuel Duarte da Silva Branco. Este, por sua vez, denunciou um outro, de nome Sérgio, que é agora procurado activamente, pois o Branco, o denunciou, não só como participante, mas como tendo em seu poder todos os objectos furtados.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil):

Um brinco de ouro com dois brilhantes de apreciável valor; um periquito; bomba de ar para bicicleta; livro — «Sumário da Legislação», de Maria Augusta de Sousa Rodrigues; um rosário de contas pretas; boné de fazenda escura; carteira com o bilhete de identidade de Julio Garcia Oliveira; carteira com fotografias e cartões de visita; bilhete de identidade de Argemiro Alves Salgado; cédula militar de Alberto Pereira de Oliveira e certidão de nascimento de Dolores de Barros Dantas; luva de «nylon»; dois porta-moedas com dinheiro; chapa de ferro com dois reflectores de veículo; uma tampa de metal para caldeiro; chapa de inscrição do veículo GB-24-66; manípulo de veículo automóvel e um aro de roda; um porta-chaves com cinco chaves e um pequeno canivete; diversas argolas com chaves.

— Na secretaria do regimento de cavalaria da G. N. R., no Cabeço de Bola, em Lisboa, dão-se informações acerca de uma ovelha achada no Parque Florestal de Monsanto, por um sargento da corporação.

TEATROS E CINEMAS

MONUMENTAL AVENIDA

T. 55133 ESP. VASCO MORGADO, LDA T. 27273
(Para M/ 12 anos) HOJE A'S 21,45 (Adultos M/ 17 anos)
AMANHÃ, ESPECTÁCULOS À TARDE, ÀS 16 HORAS

EM 10.ª SEMANA
LAURA ALVES
NA COMÉDIA DE NEVILLE
O BAILE
com
PAULO RENATO e RUI DE CARVALHO
Ultimas representações

EM 4.ª SEMANA
JOÃO VILLARET
NA COMÉDIA DE MARCEL ACHARD
PATATE
com
ALMA FLORA, ROGÉRIO PAULO, MARIA PAULA, LOURDES NORBERTO, RUI LUIS

Madrid vai ter

dezoito teatros a funcionar

Madrid terá na próxima temporada a funcionar dezoito teatros. Além de oito locais, ainda com variedades de Verão, inauguraram já a temporada cinco teatros: Lara, com a estreia da comédia «Harvey», de Mary Chase; Maravilhas com a peça «Crime em Fiske Manor»; Infanta Isabel com a reposição de «Gigi»; Recoletos com uma obra original de Zalbaza «Camerim sem biombo», e o Comico com a reposição dum grande êxito da companhia de Pepe Alfayate, «Manda a tu madre a Sevilla», de Jose Lucio. O Espanhol, Eslava e Martin esperam a sua oportunidade, o Beatria, remoçado, abre no próximo dia 18 com uma nova peça de Mihura, e o Maria Guerrero vai repor «La Loca de la Casa», de Goldón.

Atrás do reposteiro

A popular actriz Teresa Gomes que, na época transacta, ainda fazia parte da companhia do Teatro Maria Vitória, vai despedir-se da vida artística, onde ocupou lugar de merecido destaque. Durante longos anos encheu de alegria os nossos palcos com criações de recorte popular que a tornaram querida e estimada do nosso publico. Está em preparação um grandioso espectáculo para a sua despedida, que se realizará no Coliseu.

— A actriz Maria Dulce não fará parte da companhia de declamação de que é primeira figura a actriz Irene Isidro. Em seu lugar o empresário Vasco Morgado acaba de contratar a actriz Alina Vaz.

— Está marcada em definitivo para terça-feira próxima, a apresentação no Capitólio, da companhia Maria Della Costa, com a estreia da peça «Gimba».

— Amanhã, em Torres Vedras a companhia Rafael de Oliveira, leva á cena a farsa «Daqui fala o morto».

— Quando da representação no Porto, da peça «Gigi», a protagonista continuará a ser desempenhada pela artista Milu, sua criadora em Lisboa.

— Para a companhia de declamação que vai fazer a temporada no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, foi contratada a actriz Maria Salomé.

— A revista «Delírio em Lisboa», em ensaios no Teatro ABC, só subirá á cena na quarta ou quinta-feira, próximas.

— Paulo Rodrigues, jovem actor que faz parte do Teatro de Gerifalto, ingressou na companhia do Teatro ABC.

— O artista brasileiro Brown, volta a Portugal com um conjunto artístico de que faz parte a sambista Anita Otero.

Primeiras exibições

«Suprema Justiça», no Avis

A Andaluzia e a sua atmosfera profunda e trágica servem de ambiente a «Suprema Justiça», estreado, ontem, no Avis, cuja acção decorre no século XIX. A morte dum capataz de minas é o ponto de partida deste filme espanhol, que nos transporta, depois, aos lugares montanhosos onde se refugiam aqueles que são perseguidos pela Justiça.

(Continua na página seguinte)

HOJE EM ÊXITO TOTAL DE ENCHENTES

A FAMOSA ATRACÇÃO COM 7 ESCULTURAIS «GIRLS»
ANA MARIA y su BALLET

O EXTRAORDINÁRIO CONJUNTO COREOGRAFICO
BALLET ALBENIZ DE LOS REYS

CHITA y ALVERTO E AINDA TODO O ELENCO DE OURO DO «RITZ»
AÇA E SUA ORQUESTRA

RITZ CLUB
EMPRESA RITZ CLUBE
ADULTOS (Maiores de 17 anos
NO SALÃO TÍPICO
ADMIRÁVEIS CEIAS
FADOS E GUITARRADAS

EM ESTREIA
A NOTÁVEL BAILARINA
MARUJA SEVILLA
EM PLENO TRIUNFO
LES VILLALTAS
UMA ATRACÇÃO QUE PROVOCA O ENTUSIASMO DO PUBLICO

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — Telefone 27172
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Um espectáculo gigantesco. Um filme colossal
O GRANDE AMOR DE GOYA
com Ava Gardner, Anthony Franciosa e Amadeo Nazzari
Technirama e Technicolor

EDEN — Telefone 20768
15.30 - 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
A mais bela história de amor
Erich M. Remarque
ARCO DO TRIUNFO
com Ingrid Bergman e Charles Boyer
Só o cinema pode reviver as grandes obras do passado, mais belas e palpitantes do que nunca.
Adultos — 17 anos

ALVALADE — Telefone 763080
15.15 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
Um espectáculo gigantesco
O GRANDE AMOR DE GOYA
com Ava Gardner, Anthony Franciosa e Amadeo Nazzari
Technirama e Technicolor

ODEON — Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
SUPREMA VINGANÇA
As falsas virtudes de uma aristocracia decadente, frente á sólida moral dos humildes.
Panoramico Eastmancolor

ROYAL — Telefone 845037
21.00 (M/17 anos)
Cinemascope
O FUNDO DA GARRAFA
PARADA DE ESTRELAS

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
21.00 (M/17 anos)
PALA NEGRA
MILAGRE À CHUVA

TERRASSE — Telefone 20917
21.00 (M/17 anos)
PEPE, O BRAVO
A MULHER X

TIVOLI — Telefone 50595
A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos)
Um dos maiores êxitos do Mundo com o célebre filme
ORFEU NEGRO
com Breno Mello e Marpessa Daun
Palma de ouro no Festival de Cannes

POLITEAMA — Telefone 26305
15.15, 18.15 e 21.30
Sensacional êxito
A espantosa derrocada do maior império do crime que existiu no Mundo
AL CAPONE
com Rod Steiger e Fay Spain
Adultos (M/17 anos)

CONDES — Telefone 22523
15.15 (p. r.) e 21.00 (M/12 anos)
O maior espectáculo de todos os tempos
OS DEZ MANDAMENTOS
com Charlton Heston, Yul Brynner e Anne Baxter
em Vistavision e Technicolor

AVIS — Telefone 47163
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
Três homens perseguidos por uma culpa, abraçados a uma esperança de salvação
SUPREMA JUSTIÇA
com Francisco Rabal e Isabel de Pomes
— Eastmancolor —

PAVILHÃO PORTUGUÊS (Parque Mayer)
21.15 (M/17 anos)
Cinemascope
O PECADO DE TER NASCIDO
com Ann Blyth
O GRANDE ERRO
com Edward Robinson

ESPLANADA PORTUGÁLIA
21.15 (M/12 anos)
Cinemascope
ANTES DO FURACÃO
PRECISA-SE UM VOLUNTÁRIO

CASINO ESTORIL
O RAPAZ E O CÃO
21.30 (M/17 anos) c/ Kevin Corcoran

LIZ — Telefone 48560
21.00 (M/12 anos)
Eastmancolor
SUSANA E EU
Cinemascope
O TESOURO DE ROMMEL

IMPÉRIO — Telefone 55134/5
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Admirável filme de Mankiewicz segundo o famoso romance de Greene
UM AMERICANO TRANQUILO
com Michael Redgrave e Audie Murphy
Empolgante história desenrolada no Oriente entre mistérios e amores.

SÃO JORGE
BALCÃO 54154
PLATEIA 54157
A's 15.15, 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
4.ª SEMANA
Kirk Douglas, Tony Curtis, Ernest Borgnine, Janet Leigh
em
OS VIKINGS
Technirama — Technicolor

ROMA — Telefone 727778
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
O mais excitante filme de movimento e espionagem
A CONTRA ESPIONAGEM ATACA
com Lino Ventura e Estella Blain

MONUMENTAL — Telefone 55131
15.15 e 21.30 (M/17 anos)
O filme que obteve 9 Óscars e de que Lisboa tinha saudade
GIGI
com Leslie Caron, Maurice Chevalier e Louis Jourdan
Aos preços normais deste cinema

CAPITÓLIO — Telefone 27493
NO TERRAÇO:
21.00 (M/12 anos)
Cinemascope col.
DESTINO AO PACÍFICO
c/ Denholm Elliott
OS GIGANTES DOMINAM
com Van Heflin

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M/17 anos)
Panoramico
ARIANE
com Gary Cooper

TAGIDE
APRESENTA
Mais um sensacional programa de Music-Hall
EM ESTREIA NA EUROPA
O famoso conjunto cubano
LOS CHAPANECOS
com
NITA del PINO
Milhões de discos vendidos em todo o Mundo!
Grandes vedetas da rádio, cinema e televisão americana
NESTE MESMO PROGRAMA DIGNO DAS MAIORES SALAS DE ESPECTACULOS
O ritmo frenético do Harlem
pelo
TRIO TREMAINE
O grande comediante da canção francesa
PIERRE GURVAN
A vedeta brasileira única no seu genero
DEO MAIA
com
Walter Machado e os Irmãos Guarás
O conjunto português de harmónicas de boca
TRIO «M»
A jovem cançonetista portuguesa
MARIA JOÃO
Na TAGIDE: — Conjunto FERNANDO POTIER
com MARTIN e o pianista solista
Tobias Valido
No PALM BEACH: — Conjunto MAX MARINO
1 Grande Prémio do Disco 1959
(Maiores de 17 anos)
PALM BEACH
Este formidável «show» será apresentado, em espectáculo único, esta noite na
CONCHA
(Piscina da Praia das Maçãs)

VOSSA EX.ª
Encontra: doçaria caseira — café inconfundivel
Uma pega 6$50 — O Ribatejo 10$00
Na Praça do Areeiro, 11-D — BAR RIBATEJO
(abre às 6 da manhã)

NO COLISEU

Telef. 31997

Em 2 sessões, ás 20.45 e 23 h.

EM PLENO TRIUNFO!

A REVISTA DAS BOAS PIADAS, DOS BONS CÓMICOS E DAS MULHERES BONITAS!

Ad. M/ 17 anos

HÁ FEIRA NO COLISEU!

PREÇOS POPULARES: GERAL a 7$50

Amanhã, Domingo, às 16 h.

Espectáculo á tarde!

CAMPO PEQUENO

5.ª FEIRA, 1 DE OUTUBRO, ÀS 22 HORAS

Extraordinária novilhada

de 9 toiros, 8 do Ex.mo Sr. DAVID RIBEIRO TELES e 1 do Ex.mo Sr. JOSÉ PINTO BARREIROS, para apresentação, em Portugal, do grande novilheiro

José Martinez LIMEÑO

com o qual alternarão os bravos portugueses

ARMANDO SOARES

que tão grande êxito obteve na ultima corrida

e AMADEU DOS ANJOS

que lidará o toiro do sr. Pinto Barreiros

A cavalo apresentar-se-ão os finos artistas

DAVID RIBEIRO TELES

e PEDRO LOUCEIRO

Forcados Amadores de Vila Franca de Xira, sob o comando do Ex.mo Sr. VASCO NUNO DE MORAIS

A bilheteira dos Restauradores, 7, abre na 2.ª-feira, com preços desde 15 escudos

—— Maiores de 12 anos ——

Toiros amanhã, em MONTIJO

AS 17.30 EFECTUA-SE UM SENSACIONAL FESTIVAL COM 7 NOVILHOS-TOIROS DAS GANADERIAS DOS IRMÃOS OLIVEIRAS E DO DR. ANTÓNIO H. SILVA

CAVALEIROS:

DAVID RIBEIRO TELES

e eng.º JOSÉ LUPI DOS SANTOS JORGE

ESPADAS:

ANTÓNIO DOS SANTOS

ARMANDO SOARES e JOAQUIM NAMORA

FORCADOS DO MONTIJO

Um vapor de ida para Montijo, às 16 horas. Um vapor de regresso a Lisboa, às 20.15

PREÇOS DESDE 10 ESCUDOS!!!

O MORRO DO RIO DE JANEIRO TRANSFERIU-SE PARA O PARQUE MAYER ONDE GIMBA

E SUA ESCOLA DE SAMBA

PASSARÃO A SAMBAR BREVEMENTE PARA O POVO DE LISBOA NO NOVO TEATRO CAPITÓLIO

Espectáculo para Maiores de 17 Anos

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da página anterior)

Aí, intervem o bandoleiro Juan Cuenca, que é um tipo curioso de fora da lei, interpretado por Francisco Rabal. A intriga adensa-se, surjem factos inesperados, e o desfecho surpreende o publico.

A realização em eastmancolor de José Maria Forqué revela qualidades.

Complementos com interesse. — *Visor 27.*

No Monumental

Laura Alves interpretará «Gata em telhado de zinco quente»

Tennesse Williams, o autor de «O eléctrico chamado desejo», «Rosa tatuada» e tantas outras obras aplaudidas e consagradas nos teatros e cinemas do Mundo inteiro, alcançou um dos seus maiores sucessos com «Gata em telhado de zinco quente». É esta peça que o emprezário Vasco Morgado, fiel ao seu princípio de apresentar espectáculos de inegável categoria, levará brevemente á cena, no Teatro Monumental, numa encenação de António Pedro, director do Teatro Experimental, do Porto.

Com a estreia desta peça, cujo desempenho está confiado a Laura Alves, Brunilde Judice, Alves da Costa, Paulo Renato, Rui de Carvalho, João Guedes, Alberto Ghira e Susana Prado, o emprezário Vasco Morgado comemora as 10 mil representações das suas peças em todo o País.

«O fogo nasceu na neve»

pela Associação Recreativa Aurora da Liberdade

Logo no primeiro dia da fase final do Concurso de Arte Dramática das Colectividades de Recreio, dissemos da nossa estranheza ao ver aparecer, após uma fase eliminatória, peças como «Uma mulher que veio de Londres» e «O senhor roubado». Ontem, o nosso espanto foi absoluto ao ver a peça «O fogo nasceu na neve», de Abreu e Sousa, apresentada pela Associação Recreativa Aurora da Liberdade (Matosinhos-Leça).

«O fogo nasceu na neve» é uma peça palavrosa, moralizadora e sem o mais pequeno fio de acção. A pretensão melodramática é tão frágil, que o publico que foi solícito nas suas lágrimas com «A mulher que veio de Londres», riu nas cenas que pretendiam ser mais densas nesta peça.

A interpretação não chega a definir-se por os actores se mostrarem totalmente desligados dos personagens. Fundo musical inconcebível e decoração de um mau gosto surpreendente.

J. E. S.

SEMPRE O MELHOR EM MUSIC-HALL

Pasapoga

Telef. 23584

Empresa MANUEL ZEFERINO

(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

UM NOTÁVEL ELENCO EM VIBRANTE ÊXITO

HERM, HEREDIA y MERCEDES DEL CASTILLO

em bailados clássicos

TRIO GUTIERREZ

em canções e danças típicas

E AS FORMOSAS VEDETAS DE CANTO E BAILE

LINDA DEL VALLE | ROSITA FUSTER | MILY ZUÑIGA

3.ª-FEIRA: A estreia mais famosa do ano

A SENSACIONAL ATRACÇÃO ALEMÃ

DAS BALLET VOGELHEIM

DA SÉRIE DE OURO «DU HANSA THEATRE DE HAMBURG»

Tauromaquia

José Trincheira em Espanha

SEVILHA, 26 — O matador de touros português José Trincheira — que toureia amanhã em Palma de Maiorca — tomará parte, no dia 29, na corrida na «Maestranza» desta cidade, em que entrarão Angel Peralta e Bernardó e tomará a alternativa António Cobo, lidando touros de Guardiola. Esta corrida está a despertar muito interesse, estando já assegurada a vinda de numerosos Portugueses, especialmente do Alentejo.

Novas instalações

no C. Atlético de Queluz

Nos terrenos que foram cedidos, por intermédio da Camara Municipal de Sintra, a direcção do Clube Atlético de Queluz leva a efeito, amanhã, pelas 15 horas, uma pequena festa na qual estarão presentes várias individualidades oficiais.

Nos aludidos terrenos, o C. A. de Queluz vai erguer um pavilhão de desportos, um ginásio, um tanque-piscina e um rinque de patinagem.

EM ALJUBARROTA

inaugura-se amanhã uma escola

ALJUBARROTA, 26. — Doada pelo padre José Alexandre Casimiro e construída com a ajuda do povo, inaugura-se amanhã, na freguesia de S. Vicente, uma nova escola.

A inauguração devem assistir os srs. Olimpio Duarte Alves, governador civil de Leiria; Joaquim Augusto de Carvalho, presidente do Município e muitas outras individualidades do distrito.

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA

Casa recomendada serviço de bom hotel

R. da Glória, 21 — Tel. P. B X. 29807

UMA OBRA-PRIMA NUM FILME PERFEITO

A PONTE DO RIO KWAI

A SEGUIR NO EDEN EM RIGOROSO EXCLUSIVO, AGORA A PREÇOS NORMAIS

(MAIORES DE 12 ANOS)

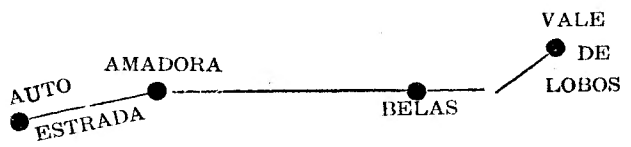
HOTEL VALE DE LOBOS

A CURIA DE LISBOA

FIM DE SEMANA ESPECIAL

UMA OFERTA DA GERÊNCIA DESTE HOTEL, AOS SEUS EX.mos CLIENTES. CONSULTE AS NOSSAS CONDIÇÕES

SIGA V. EX.ª ESTE ITINERARIO E ENCONTRARÁ UM MAGNIFICO HOTEL COM TODO O CONFORTO MODERNO



HOTEL VALE DE LOBOS

RESTAURANTE, SALÃO DE CHÁ, PISCINA, TÉNIS, PATINAGEM.

Telefone V. Ex.ª para 094846 ou 094843 e reserve o seu aposento para um delicioso FIM DE SEMANA

abc

Emp. TEATRAL ABC, LDA. Para maiores de 17 anos

ARRIU HOJE A BILHETEIRA PARA A ESTREIA DA NOVA REVISTA

DELIRIO EM LISBOA

Festas e romarias

A feira de Valejas

VALEJAS, 26 — (Pelo telefone). — Esta risonha e progressiva povoação da freguesia de Barcarena, do concelho de Oeiras, na vertente Norte do Rio Jamor, entre Queluz e Carnaxide e a quatro quilómetros de Lisboa, terá a sua feira anual hoje e nos dois dias seguintes. A comissão de melhoramentos locais, que é composta dos srs. Julio da Silva Rego, Joaquim Marques dos Santos, Paulo Arnaldo; António José Pestana e Francisco de Oliveira, e coadjuvada pelas sr.as D. Debora dos Santos, D. Irene dos Santos, D. Eulália Martins, D. Maria de Lourdes Grilo, D. Lourdes Rodrigues, D. Maria Rita Correia, D. Ilda Vicente e D. Carminda Vicente, não se poupa a sacrifícios, para que a feira, que tanto êxito tem alcançado nos anos anteriores, este ano tenha maior luzimento.

Para receber o elemento oficial e os convidados, foi constituida uma comissão de honra, da qual fazem parte os srs. drs. José Fernando Saraiva, Artur de Campos Figueira de Gouveia, Fernando Bettencourt, e Dinis de Sousa, José Ferreira Basalisa, Mário Martins Pereira e Armindo Varela.

O programa de hoje é o seguinte: ás 21, abertura da feira, com muitos atractivos; ás 22, danças populares, com o concurso da Orquestra «Morning Star»; e ás 23, pau ensebado, com prémios ao vencedor.

Amanhã, ás 7 horas, haverá alvorada, com morteiros e trombetas; ás 9 chegarão Zés Pereiras e cabeçudos; ás 10, a banda de musica Selecção de Carnaxide percorrerá as ruas, tocando; ás 15, desfilará um cortejo dedicado ás províncias de Portugal, com catorze carros alegóricos, charameleiros, alabardeiros, palafreneiros, pagens, um bobo e aquela banda, que passará junto á tribuna onde estará o elemento oficial; depois, será entregue um estandarte á escola primária local, inaugurar-se-ão uma cantina escolar e uma exposição de fotografias e actividades de Valejas, sendo distribuida uma merenda ás crianças das escolas do concelho de Oeiras; e após uma visita ás caves-estufas da Agaracicultura, começarão cavalhadas de gala á antiga portuguesa, dotadas com uma taça para o cavaleiro que apresentar a melhor montada, ás 18 e 30, começará um concerto, pela banda; e ás 20 e 30, arraial danças populares e um concerto pela orquestra «Morning Star».

Em Elvas

ELVAS, 26 — (Pelo telefone) — Dentro do programa das festas do Senhor Jesus da Piedade, começou hoje o habitual torneio internacional de tiro aos pombos do Outono, com prémios no valor de 100 contos e várias taças de prata, numa organização do Clube de Tiro e Caça de Elvas.

A' noite, continua a feira e o arraial no Parque. Aquele torneio, o arraial e a feira continuarão amanhã, ultimo dia dos festejos.

Na praia da Costa Nova

COSTA NOVA, 26 — (Pelo telefone) — Começaram nesta praia, com alvorada, foguetes, Zés Pereiras e a participação de centenas de romeiros, chegados em barcos moliceiros ornamentados e com as tripulações envergando trajos característicos, as festas da Senhora da Saúde. O programa de hoje é o seguinte: ás 16 horas, chegada da Banda dos Bombeiros Voluntários de Ilhavo que, acompanhada das mordomas, percorrerá a praia, cumprimentando os banhistas; e, depois, desfile de barcos moliceiros diante do juri do respectivo concurso.

Feira das Colheitas em Arouca

AROUCA, 25. — (Pelo telefone). — Hoje e nos dois dias seguintes, efectuar-se-á, nesta vila a tradicional Feira das Colheitas, muito concorrida todos os anos, e promovida pelo Grémio da Lavoura local.

Dado o seu carácter etnográfico e agrícola, de puro sabor regionalista, este conhecido certame agro-pecuário, que todos apreciam e preferem, ocupa já uns dos primeiros lugares entre os que se têm efectuado, no género, em várias regiões do País. Não admira, pois, que entre a população desperte grande entusiasmo e que atraia inumeros forasteiros e turistas, pelo seu pitoresco e ainda pelas belezas naturais da região.

O programa de hoje é o seguinte: ás 9 horas, inauguração de uma exposição agrícola e de artezanato, de uma exposição pecuária e de uma feira de produtos agrícolas, do comércio e da industria; ás 14, início de um concurso pecuário da Raça Bovina Arouquesa e de uma feira anual de gado; ás 16, bênção solene dos campos e do gado; de tarde e á noite, arraial, com musica pela banda da vila, fogo e outras diversões.

O arraial de Ponte do Lima

PONTE DO LIMA, 26 — (Pelo telefone) — Efectua-se, esta noite, nesta vila um arraial minhoto, com fins de beneficência, com a colaboração da orquestra espanhola «Gran Casino», do conjunto Pedro Osório e dos tocadores do Rancho de Santa Marta. Se o tempo estiver mau, o arraial far-se-á no Mercado.

Na Serra de El-Rei

SERRA DE EL-REI, 26 — (Pelo telefone) — Hoje e nos três dias seguintes, efectuam-se, neste progressivo lugar, os festejos em honra de Nossa Senhora da Piedade. Hoje, á noite, abrirá o arraial, com ornamentações, iluminações, musica e divertimentos populares.

Em Mafra

MAFRA, 26 — (Pelo telefone) — Hoje, penultimo dia das festas em honra de Nossa Senhora da Nazaré, começou, ás 15 horas, um concurso hípico, no Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desportos. A's 17, disputou-se uma gincana de motos e velocípedes com motor. A's 21 e 30, no Jardim do Cerco, principiará um serão para trabalhadores, organizado pela F. N. A. T. e da Casa do Povo de Mafra, com a colaboração da Emissora Nacional. O programa de amanhã é o seguinte: ás 8, concurso de tractoristas; ás 9 e 30, missa solenizada e comunhão geral; ás 11, missa solene, em honra do Santíssimo Sacramento, e sermão, pelo padre Veríssimo de Figueiredo; ás 14, leilão de oferendas e corridas de bicicletas; ás 15, continuação do concurso hípico; ás 15 e 30, concerto pela banda de musica dos Bombeiros Voluntários de Mafra; ás 17 e 30, procissão, «Te Deum», sermão, pelo referido sacerdote, e benção, com o Santíssimo Sacramento; e ás 21, arraial, divertimentos, concerto pela banda de musica da Escola Prática de Infantaria e ultima noite da Feira Popular.

Festival folclórico em Coruche

CORUCHE, 26 — (Pelo telefone) — Amanhã, ás 16 horas, começará, na praça de touros desta vila, um grande festival folclórico, no qual tomam parte o Rancho das Cantarinhas, de Buarcos (Figueira da Foz), o Rancho Folclórico «Os Camponeses de Riachos» e as secções de adultos e infantis do Rancho dos Campinos dos Foros de Salvaterra.

"Sir" Richard Innedden

vem receber as insígnias de grande-oficial de Cristo

Chega a Lisboa depois de amanhã, procedente de Londres, sir Richard Innedden, director-geral da International Shipping, que se desloca a Portugal a fim de o ministro da Marinha lhe entregar as insígnias de grande oficial da Ordem de Cristo, condecoração com que foi agraciado recentemente pelo Chefe do Estado, em reconhecimento da sua amizade por Portugal e pelas suas oportunas intervenções sempre que problemas da Marinha Mercante nacional tiveram de ser focados em conferências no estrangeiro.

O almirante Quintanilha Mendonça Dias, far-lhe-á a entrega daquela condecoração, no decorrer de um banquete que a Junta Nacional da Marinha Mercante oferece ao ilustre visitante, no dia 29, no Hotel Ritz.

LUCHO GATICA

Devido ao grande êxito que obteve em Alicante, que o obrigou a prolongar ali a sua estadia, foi adiada para segunda-feira a chegada do cantor chileno Lucho Gatica, «a voz romantica das Américas», que estava marcada para amanhã, ás 12 e 15, num avião da Ibéria.

O novo vice-presidente do Município de Gondomar, assinando o auto de posse, perante o chefe do distrito
(Telefoto — Serviço Experimental dos C. T. T.)

O PORTO pelo telefone

A posse do vice-presidente do Municipio de Gondomar

PORTO, 26 — No gabinete do chefe do distrito, tomou, esta manhã, posse do cargo de vice-presidente da Camara Municipal de Gondomar, o sr. dr. Mário Barbosa Aguiar Caetano Pereira.

Ao acto assistiram muitas figuras de prestígio na vida local, entre as quais os presidentes do Município e da comissão concelhia da U. N., vereadores, presidente da Junta de Freguesia, representante da comissão distrital da U. N., etc.

Após o dr. Lopes Dias ter lido o acto de posse, o sr. dr. Elísio Pimenta saudou o empossado, fazendo ainda várias considerações de carácter político e aludindo a diversos problemas referentes a Gondomar. Falaram, depois, os srs. padre Crispim Gomes Leite e dr. Ernesto da Fonseca. O novo empossado agradeceu as referências recebidas e saudou várias individualidades, com relevo para o sr. Presidente do Conselho, afirmando que ia entregar-se com a maior dedicação e lealdade ao seu novo cargo.

CARTAZ DO PORTO

SA DA BANDEIRA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Furia de ambições».
RIVOLI — A's 15 e 30 e 21 e 30: «Os sinos de Santa Maria».
COLISEU — A's 15 e 30 e 21 e 30: «O passarinho da ribeira».
BATALHA — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «O grande golpe».
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O amigo da família».
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Totó e Marcelino».
S. JOÃO — As 15 e 30 e as 21 e 30 «A verdade em primeira mão».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «A terra dos homens maus».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Um certo sorriso».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 «A caverna dos malditos».
PALACIO CRISTAL — Feira Popular.

Um Português ganhou o título de campeão internacional de trabalho

Carlos Rojão

Portugal conquistou o primeiro lugar na modalidade de carpinteiros civis, no VIII Concurso Internacional de Trabalho efectuado em Modena, na Itália, conquistando assim Carlos Mendes de Oliveira Rojão, de 16 anos, filiado do Centro Escolar da Mocidade Portuguesa da Escola Industrial Machado de Castro, o título de campeão internacional de trabalho.

Carlos Mendes Rojão terminou este ano o 3.º ano do curso de formação de carpinteiro civil daquele estabelecimento de ensino profissional, e vai agora ingressar na secção preparatória do Instituto Industrial de Lisboa.

O seu mestre, sr. António Joaquim de Sousa, tinha nele uma grande esperança, quando da partida para Itália, visto o considerar um bom aluno e muito apto para o referido concurso.

Os concorrentes portugueses são esperados em Lisboa, depois de amanhã, devendo desembarcar, ás 7 horas, na estação de Santa Apolónia.

Funcionário da Nova Guiné comido pelos canibais

PORT MORESBY (Nova Guiné), 26. — Um funcionário administrativo indígena foi morto e comido por canibais vindos das montanhas. A perseguição aos canibais foi iniciada de madrugada por uma patrulha militar. — (A. N. I.).

CHARLOT está a escrever as suas memórias

PARIS, 26 — Chegado ontem a Paris, Charlie Chaplin recebeu os jornalistas no hotel onde se hospedou, e anunciou-lhes que estava a escrever as suas memórias e que já ia na página 600, por volta de 1932, esperando ter o seu trabalho pronto até ao fim do ano corrente.

Interrogado acerca dos seus projectos de cinema, declarou ter qualquer coisa em mente e esclareceu não estar certo se ele próprio interpretaria o seu filme mas que, na distribuição haveria, pelo menos, um «membro da família».

Como lhe perguntassem se pensava em regressar aos Estados Unidos, respondeu: «De maneira nenhuma. Estou na Europa há já 7 anos e nunca fui tão feliz. Esta parte do Mundo é muito mais livre».

Como pretendessem saber qual o segredo da sua «juventude», respondeu: «Trabalhar, jogar o ténis e andar a pé». — (F. P.).

O grande êxito obtido pelo nosso concurso «DOMINGO FELIZ!»

Com o encerramento do prazo para a entrega dos prémios da ultima jornada do «Domingo Feliz!», pode considerar-se terminado o concurso que instituimos no ultimo Verão, e que se destinou particularmente áquela multidão de veraneantes domingueiros, que, aproveitando o seu dia de repouso e liberdade semanal, acorreu a usufruir os insuperáveis benefícios da Natureza: na praia, entre o iodo que passa e as ondas que se desfazem na areia; e no campo, recolhendo a frescura das árvores e o aroma salutífero das flores.

Certamente que os nossos leitores, mesmo aqueles que não foram abrangidos pelas condições do concurso — e que receberão noutra oportunidade os benefícios doutra iniciativa — puderam confirmar o êxito do nosso empreendimento, que ocupou treze domingos do Estio e distribuiu valiosos e interessantes prémios a muitas dezenas de pessoas, sem o mínimo esforço para estas.
pessoas de pessoas, sem o mínimo esforço para estas.

No entanto, agora, no momento em que a nostalgia do Verão, das férias e do Sol, invade os espíritos e o «Domingo Feliz!» interrompe a sua bem sucedida carreira, é de toda a justiça passar em revista a excelente e utilíssima colaboração dos nossos estimados anunciantes, a qual tornou possível o êxito do concurso, pela variedade e pelo valor dos prémios atribuidos — mais de centena e meia, de importancia superior a 150 contos.

Entre outras, cumpre-nos citar as firmas:

MARÇAL CORRÊA, LDA., fornecedores de batedores «Turmix»; GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA, ventoínhas «G. E.»; SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJAS, produtos «Schweppes»; HOTEL DO GUINCHO, fins-de-semana para casal; VILARINHO & SOBRINHO, LDA., vinhos do Porto, conservas, cafés, vinhos de mesa, «whyskies», etc.; TRANSPORTES AEREOS PORTUGUESES, viagens aéreas ao Porto e volta; GRANDE HOTEL DA BATALHA, Porto, fins-de-semana; ESTABELECIMENTOS VALENTIM DE CARVALHO, relógios «Smiths», gira-discos «Thorens» e «Plessey D-12» e discos; SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES LISBAFRO, LDA., aparelhos de massagem «Vibrette»; CASA CAMPIAO, bilhetes de lotaria; ESTABELECIMENTOS SIDA, LDA., ventoinhas, ferros eléctricos «Morphy-Richards» e aquecedores de pratos «Maxim»; COMPANHIA UNIÃO FABRIL, caixas de sabão activado «Cuf»; JOCKEY CAMISEIROS, camisas; SOCIEDADE ESTORIL, passes mensais; Cidla, fogareiros para gás «Cidla»; T. J. BARROS QUEIRÓS (HERDEIROS), LDA., fogareiros eléctricos em ferro esmaltado com placa «Elekthermax», fruteiro em louça de Alcobaça, candeeiros para mesa de cabeceira, fogareiros niquelados a petróleo e conjuntos de jarro e seis copos em vidro decorado; «ROSARINHO», de Marques & Martins, Lda., bonecas; CHOCOLATES «RAJÁ», LDA., bombons e «drops» «Rajá»; PAPELARIA VASCONCELOS, LDA., flores de plástico; SOCIEDADE COMERCIAL DE METAIS, LDA., gaiolas para pássaros; FERREIRA & MARINHO (FÁBRICA DE TINTAS S. JOÃO-OVAR) tintas «Bel-Plast»; AVEIRENSE, LDA., salsicharia fina e conservas de carne da marca «Coroa»; FABRICAMPO, LDA., artigos para campismo; CASA PIRES, fornos «Minhon»; SOCIEDADE NACIONAL DE SABÕES, sabão activado «Sonasol»; POUSADA DE S. JOÃO BAPTISTA, nas Berlengas, fins-de-semana; um dedicado amigo vinho da Madeira, de 1870; e CIdo «Diário de Lisboa», garrafas de CLO-AREEIRO, bicicletas «Vilar», da fábrica Vilarinho & Moura.

O DIRIGENTE comunista espanhol foi condenado em 21 anos

MADRID, 26 — O dirigente comunista espanhol Simón Sanchez Monteiro, julgado ontem por um tribunal Militar, por participação nos movimentos grevistas e de protesto pacifico dos ultimos anos, foi condenado a 21 anos de cadeia. O co-arguido Luís Lucio Lobato deverá cumprir a pena de doze anos e um dia de prisão.

O procurador militar havia requerido 30 e 25 anos de reclusão.

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em BUCELAS na AGÊNCIA DE PUBLICAÇÕES.

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Jornada de boas perspectivas

com todas as equipas concorrentes sem problemas de delicada natureza

A segunda jornada do «Nacional» da 1.ª Divisão, a disputar amanhã, promete um conjunto de jogos animados e, em certa medida, demonstrará a valia dos contendores sem no entanto afirmar desdejá a existência de problemas delicados, nomeadamente os de ordem psicológica. Ainda é relativamente cedo para na verdade, se vislumbrar o tradicional abismo do futebol português através da diferença qualitativa dos concorrentes, embora a «ronda» de amanhã seja susceptível de sugerir uma ideia.

O calendário marca os seguintes encontros:

Belenenses-Atlético
Sporting-Académica
Sp. Braga-Benfica
F. C. Porto-Guimarães
V. Setubal-Sp. Covilhã
Lusitano-Boavista
Leixões-C. U. F.

Verifica-se que dos «quatro grandes», só um é viajante, o Benfica; os outros, Belenenses, Sporting e F. C. Porto, actuam nos seus ambientes, circunstancia que se repetirá, de um modo geral, alternadamente no decorrer do campeonato.

Por outro, constata-se ainda (o que não é novidade) que os restantes visitados do passado domingo figuram como visitantes, facto que servirá para «complicar» a tabela classificativa.

Belenenses e Sporting duas equipas em foco

Na capital, actuam o Belenenses e o Sporting. Enquanto o primeiro registou, na Covilhã, um empate, o segundo ganhou «fora de casa» por 1-0. Por sinal os «leões» defrontam um adversário, a Académica, que também averbou resultado idêntico sobre os campeões nacionais.

Os «azuis», que enfrentam o Atlético (volta o «derby» da zona ocidental da cidade), não têm tarefa fácil, tal como o Sporting, não obstante ambos agirem nos seus ambientes. A harmonia dos Alcantarenses, que tão boa impressão deixaram na «Taça de Honra», é susceptível de obrigar os Belenenses a um aturado trabalho de aplicação, com relevo para o sector dianteiro que, em nossa opinião, deve decidir um pleito. Matateu e Yauca têm decerto uma palavra a dizer, embora o compartimento defensivo dos homens da Tapadinha não pareça capaz de claudicar ás primeiras tentativas.

JOGOS EM LISBOA
Belenenses-Atlético
Sporting-Académica

Os «leões» que operam modificações no quinteto ofensivo, esperam obter a estrutura que está, aliás, ao alcance do real valor das suas unidades, mas os «estudantes» não parecem ser a cobaia ideal. Admite-se o favoritismo dos donos da casa, mas com evidentes dificuldades.

O Benfica, que se desloca pela primeira vez, defronta um adversário cujo padrão técnico flecte para a boa execução. O novo estilo dos «encarnados» tem um ensejo de se afirmar desde que, evidentemente, a velocidade da manobra se imponha no grau desejado. E' de esperar no entanto uma réplica entusiasta por parte dos Bracarenses. A hipótese de empate apresenta-se como viável, salvo se os dianteiros da Luz souberem aproveitar os ensejos de golo com a avareza que as circunstancias aconselham.

Dos três clubes do Porto dois jogam nos seus campos

O F. C. Porto e o Leixões actuam nos seus campos e o facto parece ser-lhes favorável. Derrotados no passado domingo, por certo radicou-se no espírito dos seus jogadores a necessidade da reabilitação, problema que não se afigura complicado. Haja em vista que os campeões nacionais pensam no Bratislava...

O outro representante do Porto, o Boavista, desloca-se a Evora. Naturalmente, aguarda-se que os Eborenses rectifiquem a substancial derrota que sofreram em Guimarães.

Em Setubal, os vitorianos e os serranos prometem uma luta de interesse.

Prováveis formações

BELENENSES — José Pereira; Pires e Moreira; Carlos Silva, Figueiredo e Vicente; Dimas, Yauca, Tonho, Matateu e Estevão.

ATLETICO — Ramin; Ferreira (ex-Benfica) e Lopes; Orlando, Germano e Fonseca; Angeja, Gomes, Albano, Bispo (ex-Sporting) ou Brandão e Tito.

Arbitro: Encarnação Salgado, de Setubal.

SPORTING — Octávio de Sá; Lino e Hilário; Julius, Galaz e Mendes; Hugo, Pérides, Fernando, Diego e Morais.

ACADÉMICA — Maló; Araujo e Juca ou Mesquita (ex-Sporting); Abreu, Wilson e Torres; Rocha ou Miranda, Miranda ou Malícia, Samuel, Jorge Humberto e Bentes.

Arbitro: Francisco Guerra, do Porto.

SPORTING DE BRAGA — Cesário; Antunes e José Maria Azevedo; Passos, Calheiros e Trenque; Teixeira ou Rafael, Livinho, Ceninho, Mendonça e José Maria Matos.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Mário João; Neto, Artur e Alfredo; José Augusto, Santana, Aguas, Coluna e Cavém.

Arbitro: Jovino Pinto, do Porto.

(Continua na 10.ª página)

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

O Caldas (z. Norte) e o Oriental (z. Sul)

têm amanhã deslocações difíceis

O Campeonato Nacional da II Divisão prossegue amanhã com os encontros da 2.ª jornada, que oferece a particularidade de serem visitadas quase todas as equipas que no domingo passado foram visitantes. E dizemos quase, porque o Académico de Viseu e o Caldas, por via do acordo na semana passada, voltam a jogar «em casa» e «fora», respectivamente.

A expectativa mantém-se tal qual como no primeiro dia, dado que as exibições das equipas na 1.ª jornada podem não querer dizer a «verdade» sobre as suas reais possibilidades. Os jogos de amanhã podem trazer a confirmação ou a rectificação dessas possibilidades, e daí o muito interesse que oferecem.

* * *

O torneio da Zona Norte inclui os seguintes jogos.

Acad. Viseu (0) - Torriense (0)
Desp. Chaves (2) - Salgueiros (2)
Sanjoanense (2) - Caldas (2)
Espinho (0) - Vianense (0)
Peniche (0) - Oliveirense (2)
Marinhense (0) - Beira Mar (2)
U. Coimbra (0) - Vila Real (2)

Entre parêntesis indicam-se os pontos da classificação de cada equipa.

Porque em Chaves e em São João da Madeira se defrontam entre si equipas que foram vencedoras há oito dias, estes jogos revestem-se da maior importancia. Os Flavienses recebem uma equipa com sérias pretensões e depois de se terem dado ao luxo de derrotarem o Torriense (no campo deste), devem, na verdade, oferecer boa réplica. Um empate pode ser uma hipótese...

O Caldas volta a sair para o Norte e desta vez tem adversário mais difícil do que há oito dias, adversário que exige maiores cautelas. Por certo, o vaticínio é difícil.

Os jogos de Peniche, Marinha Grande e Coimbra, em que todos os visitados foram derrotados no 1.º dia e todos os visitantes ganharam, seguem-se na ordem de interesse que despertam. O Peniche e o Marinhense são favoritos... se não confiarem muito. O jogo de Coimbra é de maior expectativa.

As partidas de Espinho e Viseu podem dar ás equipas locais os primeiros pontos.

* * *

Na Zona Sul, teremos:

Montijo (2) - Oriental (2)
Barreirense (0) - Estoril (0)
Almada (0) - Serpa (1)
Farense (1) - Olivais (2)
Beja (0) - Olhanense (2)
Arroios (0) - Juventude (2)
Lusit. V. R. (0) - Portimonense (2)

Todas as atenções se volvem para o desafio do Montijo — o unico em que estão frente a frente duas equipas vencedoras na 1.ª jornada. Não só por isso, mas, ainda, pela capacidade das duas equipas, o jogo merece a preferência. E porque não pensar num empate?

O Barreirense, o Almada, o Beja, o Arroios e o Lusitano de Vila Real, jogando em casa vão, por certo, dar tudo por tudo para alcançarem os primeiros pontos, mas é de crer que nem todos o consigam. E neste caso julgamos estarem os Lusitanistas de Vila Real, o Beja e o Arroios.

O desafio a realizar em Faro oferece boas perspectivas, depois dos Lisboetas se terem dado ao luxo de bater o Barreirense.

O Benfica

defrontará no dia 1 o campeão da Checoslováquia

Passou do campo das hipóteses para o das realidades a efectivação de um encontro de futebol, em Lisboa, entre as equipas do Benfica e do Rudá Hvezda, de Bratislava.

Com efeito, as negociações entre os dois clubes foram encerradas com êxito absoluto e, assim, teremos na próxima quinta-feira, dia 1 de Outubro, á noite, no Estádio da Luz, uma partida que, desde já, poderá antever-se como espectáculo de muito agrado para os apreciadores da popular modalidade, uma vez que o Benfica vem denunciando um já razoável estado de «forma», para princípio de época, e é sobejamente conhecida, entre nós, a capacidade da equipa visitante, depois do seu encontro com o F. C. Porto, em Bratislava, para a Taça dos Clubes Campeões Europeus.

— Sabe-se lá, tudo pode acontecer...

HÓQUEI EM PATINS

Novo êxito do C. de Ourique

desta vez em Paço de Arcos O Benfica ocupa o 1.º lugar

Disputaram-se, ontem, os seis encontros referentes á 14.ª jornada, do campeonato do Sul, de hóquei em patins.

O desafio de maior expectativa desenrolava-se em Paço de Arcos, aonde se deslocava o Campo de Ourique, aureolado com um amplo e convincente triunfo sobre o Benfica, três dias antes.

Os Lisboetas venceram o «team» de Carlos Ramos, por 3-2, confirmando-se a boa «forma» do seu trio defensivo Vaz Guedes-Carlos Bernardino-Matos.

Numeroso publico assistiu ao despique, que se revestiu de extraordinário interesse dado o colossal espírito de luta revelado por todos os jogadores.

O primeiro treeho do desafio decorreu com lances desenhados quer num quer no outro meio rinque. Todavia, o «cinco» de Fausto de Oliveira demonstrava mais clareza ao riscar os seus golpes ofensivos. E como a barreira defensiva se mantinha unida e sempre pronta a impedir infiltrações perigosas, não causou admiração terem sido os visitantes os primeiros a marcar, embora o seu primeiro tento tivesse derivado de um castigo máximo.

O Paço de Arcos prosseguiu a dar réplica briosa, mas o seu binário não lograva infiltrar-se convenientemente para chamar a si o comando das operações. E assim surgiu o segundo golo do Campo de Ourique, de novo por Bernardino, na execução de um «livre», em que se deve registar a felicidade do médio alfacinha, pois não muitas vezes conseguirá repetir a proeza naquelas circunstancias.

Os donos da velha pista, porém, sempre na «berra», com um Virgílio impetuoso a travar uma luta de antes quebrar do que torcer com o pedoroso Vaz Guedes, não desanimavam. E, ao quarto de hora, Correia dos Santos (caso curioso por erro grave dos gigantes do «Caco») reduziu a diferença. Foi também um tento fortuito, mas o «Zé» não perdoou tamanha distracção ...e fez muito bem!

O «cinco» da Costa do Sol ainda aumentou a já extraordinária velocidade dos seus esquemas e, a um minuto do descanso regulamentar, Correia dos Santos, de novo, mas desta feita, sem culpa para os defensores contrários, logrou igualar.

No segundo meio tempo, os visitados chamaram a si desde o minuto inicial, a iniciativa dos lances ofensivos e assim se mantiveram largo período. Virgílio continuava a ser prodigioso nas suas tentativas de perfuração, com o intuito mais de entregar o esférico em condições de remate a Correia dos Santos, do que próprimente para finalizar, atirando ás balizas.

Contudo, Campos, indeciso na entrega da bola aos seus companheiros do binário dianteiro, permitia o trio adversário recompor-se devido ao sistema de contra-ataque que estava a usar. E foi um destes «raids», quando o cronómetro quase assinalava o termo do encontro que Barreto conquistou o golo do triunfo, sem que Pompeu (um grande defesa) tenha chegado a tempo de evitá-lo...

Foi um desafio de empolgar. Houve luta sem tréguas, mas leal, desportiva, para o bom nome do hóquei patinado. O presidente da comissão administrativa da Federação Portuguesa de Patinagem, sr. Ernesto Tapadas, que assistiu acompanhado dos seus colegas Horácio Cunha e Tito Moreira Rato, deve ter ficado satisfeito com a correcção dos jogadores.

Sob a arbitragem de Frederico Pepsoneau, os «teams» alinharam:

P. ARCOS — Vilaverde, Pompeu, Campos, Virgílio e Correia dos Santos.

C. OURIQUE — Matos, Vaz Guedes, Bernardino, Rebelo, Barreto e Julio.

JOSÉ GRAIS

* * *

Os outros desafios terminaram com os seguintes resultados: Benfica, 3-Cuf, 2; Cascais, 3-Parede, 5; F. Benfica, 2-Mundet, 3; Sintra, 6-Oeiras, 4; Lisgás, 1-Sporting, 5.

A classificação geral ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Benfica ...	14	11	1	2	75-38	37
Sintra ...	14	10	2	2	72-44	36
P. Arcos..	14	8	3	3	41-29	33
C. A. C. O.	14	9	-	5	55-29	32
Mundet ..	14	8	2	4	44-36	32
Sporting .	14	6	2	6	45-44	28
Cascais ...	14	7	-	7	49-56	28
F. Benfica	14	6	1	7	40-44	27
Cuf	14	5	1	8	42-47	25
Oeiras	14	3	2	9	36-47	22
Parede ...	14	2	1	11	41-64	19
Lisgás	14	1	1	12	34-96	17

Campeonato do Sul, da 2.ª divisão

A contar para a segunda jornada da «poule» final do campeonato do Sul, da 2.ª Divisão, o Secil venceu o Algés, no rinque da Liga dos Melhoramentos de Algés, por 3-1.

A «Taça Latina» disputa-se em Lisboa de 12 a 14 de Novembro

Ficou definitivamente resolvido pela comissão administrativa da Federação Portuguesa de Patinagem que a «Taça Latina» se dispute no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, de 12 a 14 de Novembro próximo.

HOJE À NOITE

HANDEBOL — «Nacional» de Juniores, variante de sete: Universitário - Campo de Ourique e F. C. Porto - Benfica, ás 21 e 30 e ás 22 e 30, na Constituição.

HÓQUEI EM PATINS — Em Azeitão, ás 22 e 30 horas: Juventude Azeitonense - Sp. Torres para o «Regional» da II Divisão.

NATAÇÃO — Na piscina de S. Bento, ás 21 e 30 horas, festival denominado «Noite Azul», englobado nas comemorações do 40.º aniversário do Belenenses.

O pianista *Varela Cid* regressou do Rio onde obteve um 2.º lugar no concurso internacional

No avião da «Panair», procedente do Rio de Janeiro e a caminho de Londres, passou hoje, por Lisboa, o jovem pianista português Sérgio Varela Cid, que se classificou em 2.º lugar num grande concurso internacional realizado na cidade fluminense, em competição com nomes famosos no mundo da musica, dos quais se citam Peter Frankl, o 1.º classificado; Dominique Merlet, que foi o 1.º prémio de Genebra, em 1957; Ivan Davis, 1.º prémio de Nápoles no ano passado e 5.º prémio do Concurso Viana da Mota, em Lisboa; e Mordehai Simoni, prémio Arthur Rubinstein, em Israel.

O Concurso Internacional de Piano do Rio de Janeiro, segundo nos disse o nosso compatriota, decorreu numa atmosfera de entusiasmo indescritível e a entidade organizadora, a O. I. I. C., não se poupou a esforços para conseguir levar a bom termo este notável empreendimento musical.

Referindo-se ao publico brasileiro, acrescentou:

— É um publico de uma receptividade extraordinária. Quando se deixa prender pelo artista, que escuta, entrega-se completamente, com uma expontaneidade sem reservas.

— Ficou satisfeito com o 2.º prémio?

— Foi para mim uma enorme alegria trazer para Portugal não só este 2.º prémio como ainda o prémio especial concedido pelo presidente Kubitschek de Oliveira, a distinguir o melhor intérprete da musica brasileira no referido concurso. O significado desta distinção — adiantou — que muito apreciei como português vem de certo modo provar que os Brasileiros e Portugueses formam um bloco unido.

Sérgio Varela Cid que vai realizar uma série de concertos, em Londres, o ultimo dos quais em 13 de Outubro, regressará ao Brasil para participar em vários recitais para depois volver á capital da Inglaterra, onde prosseguirá os seus estudos graças a uma bolsa concedida pela Fundação Gulbenkian, teve ainda palavras de muito apreço pelos Portugueses do Brasil e pelos Brasileiros que dedicam a Portugal uma admiração sem limites como é o caso do sr. dr. Mário Saladini que, no próximo dia 17 de Outubro, organiza no imponente Estádio de Maracanã uma Festa Luso-Brasileira, na qual participam os grupos folclóricos representativos das várias regiões de Portugal.

Não é uma indiscrição através do buraco de uma fechadura. É, muito simplesmente, uma foto tirada no átrio de um hotel de Londres, onde a jovem e bela Valerie Martin, «Miss Grã-Bretanha 1959» fez em publico uma demonstração da qualidade de um novo modelo de banheira de plástico

António dos Santos já em liberdade volta a tourear amanhã

Conforme noticiámos, o espada António dos Santos, detido por matar um touro na corrida dos toureiros, no Campo Pequeno, foi ontem á tarde interrogado, na Polícia Judiciária, por um inspector, sendo o respectivo auto entregue, depois, ao dr. Rui de Matos Corte Real subdirector daquela corporação, que lhe arbitrou a fiança de cinco contos.

Depositada essa importancia, na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, e apresentada a respectiva guia naquela Polícia o matador da escola da Golegã saiu em liberdade, acompanhado pelo seu apoderado, Inácio Saraiva, e pelo seu moço de estoques, Manolo Escudero.

António dos Santos já poderá, pois, tomar parte, amanhã, no festival de beneficência do Montijo, alternando com Armando Soares, e cumprir todos os contratos que firmar, enquanto, afiançado, aguardar o julgamento do caso.

O dinheiro da fiança foi depositado pelo próprio matador, que será defendido pelo advogado dr. Alfredo Pimenta.

Um protesto da União Zoófila

A União Zoófila enviou ao ministro do Interior um telegrama, protestando contra o que se passou, anteontem á noite, no Campo Pequeno, e pedindo «castigo severo que tranquilize as consciências alarmadas perante o abuso».

Exportação ilegal *de cobre* no valor de 500 contos

Brigadas da Intendência-Geral dos Abastecimentos têm exercido rigorosa vigilancia nos concelhos fronteiriços, em particular sobre numerosas pessoas sobre as quais incidem suspeitas de se dedicarem á exportação ilícita de vários artigos, especialmente metais (cobre, níquel, latão, etc.). Num lugar do concelho de Monção, junto ao Rio Minho, foi descoberta uma rede de vários homens que, juntamente com uma mulher, faziam sair do País, desde há três anos, metais de diversas espécies. Por alguns elementos que se conseguiram obter, apurou-se já que promoveram a saída ilegal de cobre, no valor superior a 450 contos. Aquela mulher foi levantado um outro processo por ter vendido a dois outros indivíduos, também processados, 1.680 quilogramas de sucata de cobre, em fardos, no valor de 47 contos, metal que saiu clandestinamente do País.

Outros casos de saída ilícita de metais, veículos, etc.

A I. G. A. está ainda a organizar outros processos, alguns dos quais participados pelas autoridades fiscais. Entre eles, contam-se: um contra dois trabalhadores rurais da freguesia de Souto (Sabugal), capturados quando tentavam fazer sair, durante a noite, 600 quilos de cassiterite, que foram apreendidos, bem como três cavalos; outro, contra um proprietário, também de Souto, que pretendia fazer sair ilícitamente uma camioneta, na qual havia aposto chapas de matrícula imitando as usadas no País vizinho; e, ainda, um terceiro contra um agente comercial, residente no Porto, que também pretendia fazer sair ilícitamente 857 quilos de níquel, em lingotes, transportados num automóvel, mercadoria que lhe foi apreendida com o carro.

O novo contrato de trabalho para a indústria vidreira foi hoje assinado na Marinha Grande *pelo ministro das Corporações*

MARINHA GRANDE, 26 (Pelo telefone) — Vindo da Foz do Arelho, onde pernoitou, chegou a esta vila, próximo das 16 horas, o sr. dr. Henrique Veiga de Macedo, ministro das Corporações, a fim de assinar o contrato colectivo de trabalho destinado ao pessoal da industria vidreira, entre o respectivo grémio e a Federação dos Sindicatos dos Operários de todo o País.

No limite do concelho, estrada da Nazaré, aquele membro do Governo era aguardado pelos srs. Olímpio Duarte Alves, governador civil do distrito; dr. Neto de Carvalho, director-geral do Trabalho; deputado Vítor dos Santos Galo, presidente da Camara Municipal da Marinha Grande e do Grémio da Industria Vidreira; D. João Pereira Venancio, bispo de Leiria; general Meira e Cruz, comandante da 3.ª Região Militar; capitão Arnaldo Dias Ribeiro, comandante distrital da P. S. P., etc.

Logo após a chegada á vila, realizou-se, no Teatro Stephens, uma sessão solene, a que presidiu o ministro e na qual tomaram parte as referidas individualidades e centenas de operários. Ali foi assinado o novo acordo, que estabelece melhores condições de trabalho para as muitas centenas de operários vidreiros, aumento de salários, beneficiação do trabalho feminino, etc. seguindo-se os discursos. Falaram, em primeiro lugar, o sr. Albertino dos Santos, em representação dos trabalhadores, que agradeceu as regalias recebidas pela classe; Vítor dos Santos Galo, na qualidade de presidente do Grémio da Industria Vidreira; e, por fim, discursará o sr. dr. Veiga de Macedo, que se referirá, pormenorizadamente, ás vantagens do novo contrato colectivo de trabalho.

Terminada a sessão, o ministro fará diversas visitas na vila e arredores, percorrendo também alguns estabelecimentos fabris em plena actividade.

Na sede do Clube Recreativo da Ordem, haverá, ás 19 e 30, um jantar a que também presidirá aquele membro do Governo, durante o qual usarão da palavra os srs. Augusto de Sousa, pelos operários vidreiros; Adriano Marques Roldão, representante dos industriais; e, a terminar, o ministro das Corporações.

Dois oficiais portugueses condecorados pelas Nações Unidas

Os srs. capitães Fernando Augusto Lopes, de artilharia, com o curso de Estado-Maior, e António Manuel Andrade Lopes, de Infantaria, foram condecorados pela Organização das Nações Unidas com a medalha comemorativa da U. N. O. G. I. L. (Grupo de Observação das Nações Unidas no Líbano).

Os dois referidos oficiais estiveram no Líbano, integrados no grupo de observação, onde a sua acção foi de molde a merecer do respectivo chefe palavras altamente elogiosas. Pelo mesmo motivo, os srs. capitães Fernando Lopes e Andrade Lopes haviam já merecido do ministro da Defesa publico louvor.

A SEMANA DE SEG

Na estrada o "Diário de Lisboa" procurou identificar

(Continuação da 1.ª página)

Lisboa» escolheu estes ultimos dias de Setembro para a realização da Semana de Segurança no Transito. O ano passado, Setembro foi o mês que registou maior numero de acidentes de transito. Nem admira que assim tivesse sido: nestes primeiros dias de Outono, milhares e milhares de pessoas regressam de férias, congestionando as estradas. E o pior é que nem todos os condutores se submetem ás condições da estrada — densidade de transito, as chuvas que agora começam a cair, os fins de tarde menos luminosos e as próprias deficiências da estrada. Está aí a causa de grande numero de acidentes. O que pretende o «Diário de Lisboa» com a Semana de Segurança no Transito? Chamar a atenção para os perigos e dificuldades do transito, recordar a todos os condutores e a todos os peões a necessidade de se cumprirem rigorosamente as regras de transito. Colaborando connosco, estará a defender o seu futuro. E não esqueça: «Homem prevenido vale por dois».

Loures apresenta hoje uma

Uma das localidades do distrito de Lisboa para apuramento do condutor exemplar

Terceiro dia da Semana de Segurança no Transito e terceiro dia de selecção dos condutores exemplares. A equipa volante do «Diário de Lisboa», com a colaboração da P. V. T., prosseguiu hoje a selecção dos condutores do distrito de Lisboa. O ponto de observação escolhido foi a estrada de Loures, uma das que regista maior movimento de automóveis, camiões, ciclistas e camionetas de transporte de passageiros. E' considerada muito perigosa, não só pelo movimento de carros motorizados de toda a espécie, como por atravessar várias povoações com considerável movimento de peões, onde todo o cuidado e atenção é sempre pouco. E ainda

EM 3 LINHAS

Por ter atingido o limite de idade, passando á reforma, foi exonerado do cargo de vogal da Comissão Central de Pescarias o capitão-de-mar-e-guerra da reserva da Armada, Vítor Serra.

///

Foi fixado o perímetro de protecção da igreja de Serzedelo, em Guimarães.

///

Em Santa Comba Dão vai ser construido um mercado, que custará 800 contos.

///

A dr.ª Helena Ilda Levi foi contratada para prospector da cadeira de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina de Lisboa.

O CIGARRO talvez seja um hábito salutar

BIRMINGHAM (Inglaterra), 26. — Um grupo de cientistas britanicos da Universidade de Birmingham, tendo á testa o dr. Thomas Mckeown, admitem que o cigarro talvez seja um hábito salutar, principalmente quando se fumem vinte ou mais por dia.

O dr. Mckeown e os seus colegas apuraram, depois de investigações e estudos aturados, que o fumo do cigarro mantém baixa a tensão arterial. O exame de mil homens com mais de sessenta anos revelou que as tensões mais altas foram encontradas entre aqueles que durante toda a vida nunca haviam fumado. Por outro lado, o dr. Mckeown declara ter o mesmo estudo demonstrado que o consumo de bebidas alcoólicas produz o efeito contrário, fazendo subir a tensão.—(A. N. I.).

Desastre horrível com camião no Brasil

S. PAULO, 26 — Um camião que seguia a grande velocidade, galgou o passeio e matou três crianças, esmagando-as contra a parede. Outras duas pessoas ficaram feridas.

O motorista fugiu. As vítimas são todas de nacionalidade brasileira. — (A. N. I.).

Os adeptos do Benfica vão ao Norte de avião

Amanhã, de manhã, num avião «Super Constellation», da T. A. P., fretado pelo Benfica, segue para o Norte um numeroso grupo de adeptos do clube que em Braga, assistirá ao jogo com o Sporting local. O regresso está previsto para as 19 horas de amanhã.

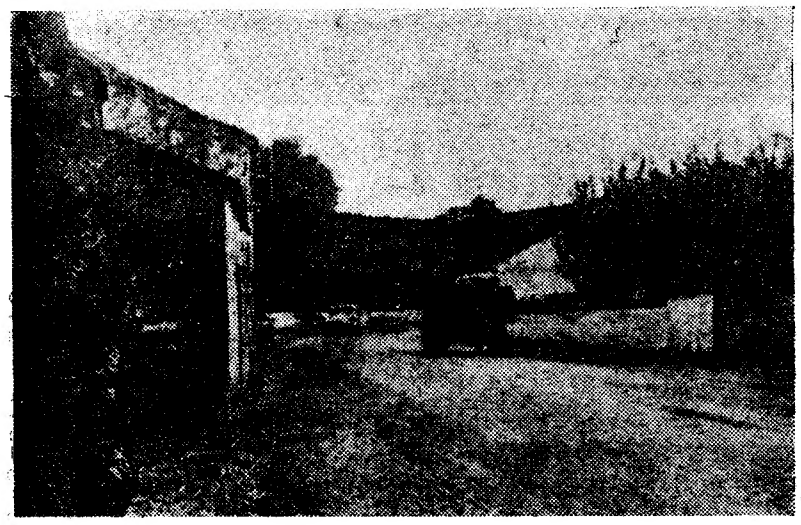
Um edifício imponente na Avenida da Liberdade

A Shell Portuguesa inaugura no próximo dia 30, ás 17 horas, o grandioso edifício da sua nova sede, na Avenida da Liberdade, 249. Construção de linhas modernas e imponentes, o imóvel corresponde por certo ás exigências funcionais para que foi concebido, mas representa também uma contribuição importante para a valorização urbanística da principal zona da capital, que assim fica a dever á Shell um serviço incontestável

«Diário de Lisboa» vende-se Joaquim R. Amaro em MONTEMOR-O-NOVO, na casa

A cortiça natural garante o aroma

Vedante de cortiça ... vedante ideal



Curva perigosa na Mealhada (Loures), onde os condutores revelavam hoje a maior prudência

SURANÇA NO TRÂNSITO

de Lisboa para Loures

le Lisboa" com a colaboração da P. V. T.

ır os condutores exemplares

curvas e possuir alguns entroncamentos que requerem a máxima cautela.

Em Lousa, existe uma ponte bastante estreita e perigosa, que obriga o condutor, por mais cuidadoso que seja, a violar as regras de transito. Impõe-se largar esta ponte.

Colocámo-nos no sítio denominado Mealhada onde existe uma curva bastante perigosa. Um prédio e um muro circundam a curva, tirando parte da visibilidade aos motoristas. Como técnico das regras do transito e boa condução, ajudou-nos na classificação o motociclista da P. V. T. sr. António Orlando Novo. De trinta automobilistas que entraram naquela curva com as devidas precauções, durante a parte da manhã, apurámos três. Um deles, um motorista duma furgoneta que ao entrar na curva o fez cuidadosamente, cumprindo todas as regras do transito. Outro, um automobilista que conduzia com tal aprumo, elegancia e prudência que logo se revelou pessoa conscienciosa e sabedora. O terceiro foi o motorista de um camião de carga, que se revelou bastante seguro na condução, pois, dentro da sua mão, evitou com perícia o possível embate de outros carros que passavam em sentido oposto e que, ao descreve-

grande intensidade de tráfego

(Continua na 11.ª página)

Os acidentes rodoviários são a peste do século XX, disse o eng. Canto Moniz no Congresso de Estradas

RIO DE JANEIRO, 26. — «Os acidentes rodoviários são a peste do século XX» — declarou o eng. José do Canto Moniz, membro da delegação portuguesa que participa no 11.º Congresso Internacional das Estradas de Rodagem, que se realiza nesta cidade.

«Por essa razão, há necessidade de se aplicar o máximo de esforços para a obtenção de elementos que contribuam para melhorar a segurança nas estradas» — prosseguiu o eng. Canto Moniz, que acrescentou ser Portugal um pioneiro no campo de segurança rodoviária, uma vez que, o mês passado, foi decretada uma lei proibindo a publicidade comercial ao longo das estradas. Os técnicos portugueses chegaram á conclusão de que o anuncio é culpado de muitos desastres de viação.

«Além dessa providência — declarou ainda o eng. Canto Moniz — as autoridades portuguesas desenvolvem grandes esforços no sentido da educação do peão, com ensino das regras de transito desde os bancos da escola primária». — (A. N. I.).

O 1.º subchefe da P. V. T., Morais Ribeiro, dando instruções aos postos espalhados pelo País e ás brigadas móveis da corporação

O obstáculo argelino (6)

A subita modificação dos dados do problema argelino é de molde a causar uma funda perturbação. Até ao discurso do general de Gaulle procurava-se acautelar, por processos inviáveis, a vida de uma minoria indígena no conjunto da Nação francesa; depois dele, é indispensável fazer o mesmo á minoria francesa na população da Argélia. Em ambos os casos, é da sorte de uma minoria dominada pela exaltação e pelo ódio, que se trata. Desde que os franceses ali desembarcaram foi esse o fundo das relações franco-argelinas. De Bugeaud a de Gaulle, naquele país existiu, através das aparências que a dissimulavam, a questão, e de nada servem, para a resolver, as palavras mágicas, a integração, num caso, a independência no outro.

Onde quer que haja uma minoria insatisfeita há uma injustiça a reparar e um risco de guerra a remover. Na Argélia, dois nucleos populacionais diferentes do ponto de vista étnico, opostos do ponto de vista histórico, antagónicos do ponto de vista religioso, são, só por si, uma realidade explosiva. A guerra em que se degladiam é o epilogo de um longo processo de animadversão latente em que as responsabilidades dos colonizadores não podem ser iludidas para responsabilizar apenas os indigenas pelos excessos por que se tornaram culpados.

O general de Gaulle ofereceu quatro anos para saldar as primeiras e fazer esquecer os segundos. No cálculo de probabilidades a que vão entregar-se os interessados, a sua idade pesa tanto como a estabilidade da sua magistratura que tem o valor de uma arbitragem. Aos setenta anos, as contingências da vida e da saude a que aludiu, são factores a ter em conta. A sua autoridade não tem a garantia da duração, á sua influência falta o aval do tempo. Essa carência não a suprem a sua boa vontade e a sua firmeza de animo, nem o risco que se propõe correr se a declaração que fez visa efectivamente dar ao problema argelino uma solução definitiva.

No quadro da politica de grandeza, traçado, com prematuro optimismo pelo chefe da nação francesa, o obstáculo argelino é uma sombra penosa e uma prova de que as ambições dos homens, mesmo os mais dotados, e a confiança em si próprios e no seu destino, não bastam para dominar os acontecimentos e orientá-los segundo a sua vontade. Aos seus adversários sobrarão argumentos convincentes para demonstrar a falta de fundamento da sua politica argelina e da sua politica externa. «Verifiquemos, escrevia há pouco o «Echo d'Alger», que os resultados da acção diplomática da França não vão além do zero integral. Essa falência apenas pode espantar aqueles que não conhecem as taras da nossa politica externa».

Entre os bons ofícios do sr. Gaillard, que provocaram o bombardeamento absurdo de Sakiet e apressaram a liquidação da IV Republica, e a visita a Paris do presidente dos Estados Unidos, é dificil descobrir uma diferença sensivel. Nos dois casos a mediação americana transparece, e no segundo mais do que no primeiro. Uma declaração como a do chefe dos serviços de Imprensa da Casa Branca seria inconcebivel, em Paris e Argel, há três, e mesmo há dois anos. Se outras indicações não houvesse, esta bastaria para mostrar como a situação se agravou e graças aos apoios internacionais que, entretanto, recebeu, a posição do Governo Provisório da Argélia se consolidou á margem da situação militar.

O que, sobretudo, impressiona na declaração do presidente da Republica francesa é a resignação lucida com que encara as piores eventualidades. «Se a França quiser e puder continuar com os argelinos a tarefa a que meteu ombros, disse ele, de aqui a quinze anos a Argélia será um pais próspero e produtivo». Que vão responder a estas palavras os homens do 13 de Maio e a Assembleia Nacional integracionista eleita graças á sua influência e á esperança de que seria ele a resolver, segundo os desejos que a animavam, o problema da Argélia?

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era fraco de Oeste, o céu estava muito nublado e chovia a norte do Rio Tejo, por acção de uma massa de ar marítimo transportado na circulação de uma depressão centrada a noroeste da Península.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Porto e Coimbra, 19°; Lisboa, 20°; Faro e Funchal, 21°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 16 HORAS: máxima, 24°,4; mínima, 17°,9. No mesmo dia do ano passado: máxima, 25°,9; mínima, 16°,5.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu muito nublado, por vezes pouco nublado durante a noite; vento Noroeste, fraco a moderado; possibilidade de aguaceiros, geralmente nas regiões montanhosas.

CONFERÊNCIA

no Laboratório Nacional de Engenharia Civil

«Projecto e construção de estruturas em casca nos Estados Unidos da América» foi o tema da conferência, pronunciada esta manhã, ás 11 e 30, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, pelo sr. eng. Alfredo L. Parme, vice-presidente da Sociedade Internacional de Estruturas, com sede nos Estados Unidos da América.

O conferente, que é professor da Universidade de Cornell e autor de alguns livros da especialidade, mundialmente conhecidos, como «Projecto de estruturas em cascas cilindricas» e «Cascas hiperbólicas e parabólicas e com outras formas e duplas estruturas», foi apresentado pelo sr. eng. Manuel Rocha, director do Laboratório Nacional.

Seguidamente, o sr. eng. L. Parme falou sobre o tema, relacionado com a construção de coberturas de lajes que se faziam com espessuras de 10 e 15 centímetros para cobrir vãos ou áreas de 4 e 5 metros, e hoje em dia se podem fazer com a mesma laje, reduzida ao mínimo de 3 e 4 centímetros, abrangendo 300 e 400 metros, graças aos projectos inovadores da aplicação da casca.

POR FAVOR.
NÃO ESQUEÇA!
NÃO CONFUNDA!
A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA 257, com mais de meio século de existência.

In vino veritas - na rolha de cortiça tradição

UMA CAMPANHA DO «DIÁRIO DE LISBOA»

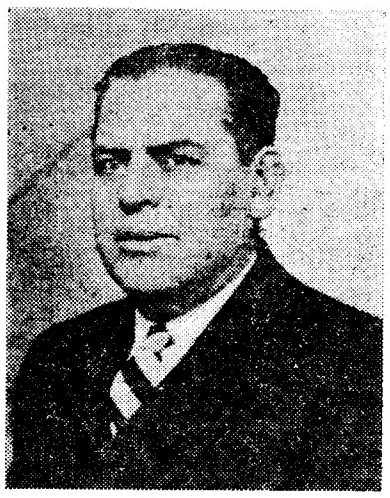
Dão o seu inteiro apoio à Semana de Segurança

os profissionais do volante de todo o País

— diz-nos o presidente do Sindicato dos Motoristas de Setúbal

Quando procedemos ao reconhecimento das nossas estradas, a fim de assinalar os troços ou os locais mais perigosos ou que exigem maior conhecimento das regras de condução, estivemos em Setubal. Não perdemos, então, a ocasião de ouvir sobre as causas do elevado numero de acidentes de transito diáriamente ocorridos nas estradas portuguesas o sr. Mário Carvalho, presidente do Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Setubal.

Profissional com mais de trinta anos de serviço exemplar, sempre á cabeça das justas reivindicações dos nossos motoristas profissionais, o sr. Mário Carvalho granjeou a estima de todos os setubalenses pelo seu carácter probo e lhano. Encontrámo-lo num dos intervalos da sua



MÁRIO CARVALHO

actividade como motorista das carreiras dos Serviços de Transportes Urbanos.

A desmedida ganância de certos camionistas

O presidente do Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Setubal declara-nos, logo no início da nossa conversa, considerar a falta de respeito pelas leis, causa principal de grande numero de acidentes:

— Este desrespeito pela legislação, tanto no que se refere ao Código da Estrada como ás infracções ao Estatuto do Trabalho Nacional, e seus instrumentos complementares — tais como os contratos colectivos, levam o motorista a sujeitar-se a riscos inerentes aos excessos de velocidade e á falta de cumprimento do horário de trabalho. Por isso, estou de acordo com o meu colega do Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Lisboa, quando atribui ao sono, motivado pelo excesso de trabalho, uma grande parte dos acidentes de viação. Sou também dos que reclamam uma mais apertada fiscalização e a leal colaboração dos próprios motoristas.

O sr. Mário Carvalho prossegue:

— Outra causa de boa parte dos acidentes de viação em que são autores motoristas profissionais é o numero ilimitado de horas extraordinárias consentido, nem sempre devidamente remuneradas, mas que permitem encobrir a desmedida ga-

(Continua na 11.ª página

Para vinho precioso... ...apenas cortiça

PASTA MEDICINAL Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da boca

Vinho puro... ...rolha de cortiça

ESCOLHA ENTRE AS 4 ESFEROGRÁFICAS Scripto aquela que mais lhe convém!

Fabricadas com a maior precisão e submetidas a um triplo ensaio rigoroso, oferecem a garantia duma escrita rápida, agradável e regular.

Scripto Satellite com estojo de luxo. Possui a famosa carga gigante transparente e calibrada, com tinta duma nova formação molecular, superior às outras.
AGORA... SÓ 60$00

T 200, modelo inconfundível em 4 atraentes cores. É outra maravilhosa criação Scripto. A sua mecânica robusta e precisão de escrita, deram-lhe fama mundial.
AGORA... SÓ 35$00

Só Scripto podia produzir uma tão bela esferográfica a tão reduzido preço! Tem todas as características exclusivas Scripto. Vale muito mais do que custa.
AGORA... SÓ 25$00

Scripto

Este modelo de baixo custo escreve tão bem como a melhor, porque contém a famosa recarga transparente Scripto. Várias cores e combinações de 2 tons.
AGORA... SÓ 15$00

Satellite, Scripto: Marcas de Fábrica de SCRIPTO, INC.

Representante: ARTUR WESTHEIMER Rua dos Correeiros, 123-2.º Dt.º — LISBOA

AS EMPREITADAS

de abastecimento de água

As obras de abastecimento de água, importantes melhoramentos que tanto valorizam económica e socialmente as localidades que passam a dispor do precioso líquido, continuam a verificar-se em várias localidades do País.

Assim, começaram já os trabalhos para o abastecimento de água a Tolosa e Montalvão, no concelho de Nisa, a Mira de Aire, no concelho de Porto de Mós, e a Ferreira do Alentejo. Em todas estas empreitadas são utilizados quilómetros de tubos de lusalite, assim como nas novas obras que brevemente vão ter começo para o abastecimento de água a Alhos Vedros e á Baixa da Banheira, no concelho da Moita, e de reforço e ampliação da rede de distribuição daquele líquido, ao domicilio, á Amadora, á Buraca e á Venda Nova, em virtude do desenvolvimento urbanístico ali verificado.

Cortejos de oferendas

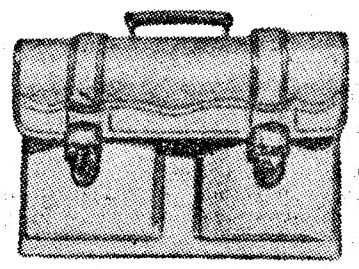
em Poiares

POIARES, 26 (Pelo telefone) — Amanhã, á tarde, efectua-se, nesta vila, o quarto cortejo de oferendas, a favor do Hospital da Beneficiência Poiarense.

O VOO DAS AVES

SERRA DE EL-REI, 26 — No Vale Miguel, desta localidade, foi morto, pelo caçador José Avelino Leal, um taralhão, tendo numa pata uma anilha com as seguintes indicações: «C-82995-Museum Zool.-Helsinki-Finland-«Retour».

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
A Comprido — R. Madalena, 97

Escola de Condução
CASA A. VIEIRA

Ensino perfeito de LIGEIROS, PESADOS e MOTOS com seriedade. Profissionais e não profissionais. AMBOS OS SEXOS. Aulas teóricas e técnicas permanentes. Automóveis novos: TAUNUS, VOLKSWAGEN, AUSTIN e DODGE, e motos BMW e HOREX. Inscreva-se imediatamente e prefira esta antiga e conceituada casa. Sede: Rua D. Pedro V, 5 — Telef. 20947. Escola: Rua de Campolide, 135 — Telefones 680061 e 685951 — Lisboa.

POLICLINICA
CAMPO D'OURIQUE

Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-Dt
Telefone 66 99 64

Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos
Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.
Dr. Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X
Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas

DESPORTOS

O Nacional da 1.ª Divisão

(Continuação da 7.ª página)

F. C. PORTO — Acursio; Virgílio e Barbosa; Roberto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Hernani ou Gastão, Ferreirinha, Humaitá (ex-Recife), Teixeira e Perdigão ou Hernani.

VITÓRIA S. C. — Pinho; Caiçara e Abel; Barros, Silveira e João da Costa; Bártolo, Edmur, Romeu, Carlos Alberto e Daniel.

Arbitro: Braga Barros, de Leiria.

LEIXÕES S. C. — Rosas; Pacheco e Santana; Oliveira I, Raul I e Sá Pereira; Carlos Alberto, Osvaldo, Jaburu (ex-Celta de Vigo), Silva e Nunes.

G. D. C. U. F. — José Maria; Orlando e Durand; Oliveira, Palma e Carlos Alberto; Rodrigues, José Luís, Pedro Silva, Gomes e Ernesto.

Arbitro: Mário Costa, de Braga.

LUSITANO — Antoninho; Narciso e Inácio; Athos, Falé e Vicente; Antunes, Flora, Ivson, Caraça e Fialho.

BOAVISTA — Levi; Franco e Artur; Campos, Ribeiro e Torres; Kovacs, Garcia (ex-San Lorenzo de Almagro), Adriano, Guilherme e Germano.

Arbitro: Dr. Décio de Freitas, de Lisboa.

VITÓRIA F. C. — Libanio; Soares e Manuel Joaquim; Alfredo, Vaz e Zeca ou Serra; Mendonça; Fernandes, Miguel, Mateus e Inácio.

SPORTING DA COVILHÃ — Rita; Helder e Couceiro; Lázinha, Lourenço e Martinho; Pires, Gabriel, Suarez, Caldas e Amilcar.

Arbitro: Jaime Pires, de Lisboa.

Várias provas de amanhã

CICLISMO — Disputa-se em Grandola, ás 15 h., o 5.º Circuito Ciclista Grandolense, para «independentes», no qual estão inscritos os melhores corredores da actualidade.

—Sob a organização da Associação de Ciclismo do Sul, disputa-se numa corrida para iniciados e amadores (juniores e seniores), denominada «100 Quilómetros da Ericeira. A partida é ás 9 horas na circular sul do Estádio «Alvalade».

—O Circuito de Carenque, em Belas, para populares, adiado de domingo passado, disputa-se amanhã.

—Com início ás 13.30 h., disputa-se o 2.º Circuito de Mafra, para «populares».

FUTEBOL (A. F. L.) — Prossegue, com os encontros da 3.ª jornada, o campeonato distrital da 1.ª Divisão da A. F. L., sendo o programa o seguinte: Alhandra-Vilafranquense, Casa Pia-Operário, Alverca-Sintrense, Sacavenense-Desp. Olivais e Vitória-F. Benfica — todos em «honra» e «reservas», respectivamente, ás 16 e 14 horas.

—Começa o campeonato de juniores da 1.ª Divisão, com os seguintes encontros:

Série A — Torriense-Palmense, ás 10 h.; Arroios-Atlético e Estoril-Algés, ambos ás 10.30 h.; Benfica-Casa Pia, ás 11 h., todos nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

Série B — Oriental-Vilafranquense, Alhandra - Sporting, Vialonga-Charneca e Olivais Belenenses — todos ás 10 h. nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

FUTEBOL MINIATURA — Disputam-se os ultimos encontros do torneio organizado pelo Futebol Benfica. No seu «rink», a partir das 9 horas, jogam: Ardinas-Aguias de Xabregas, Vitória de Lisboa-Aguias da Damaia, Leões de C. Ourique-Império e S. C. Venda Nova-Liga de S. Vicente.

HANDEBOL DE 7 — No campo da Constituição, no Porto, realizam-se amanhã os ultimos encontros do campeonato nacional de handebol de sete, em juniores; C. D. U. P.-Benfica, ás 14.30 h.; F. C. Porto-C. Ourique, ás 15.30 h.

HIPISMO — O 19.º Concurso Hípico de Mafra tem a sua 2.ª e ultima jornada, com início ás 14.30 h., por sinal de muito interesse, pois além da prova «Ministério das Finanças», que encerra a reunião e é nem mais nem menos do que o «Grande Prémio», disputam-se mais três provas: «Camara Municipal de Mafra», «Serviço de Remonta», (caça-handicap) e «Direcção da Arma de Cavalaria».

MOTONAUTICA — O certame náutico de esqui e de barcos-automóveis, tem amanhã a segunda jornada, com as provas que se realizam no Portinho da Arrábida (esqui) e em Setubal (barcos).

NATAÇÃO — A Associação de Natação de Lisboa faz disputar a mais tradicional das provas de rio, que se efectuam no nosso País: a «Travessia do Tejo», entre a Trafaria e Algés. A competição é para nadadores seniores e juniores, masculinos e femininos, e principia ás 12 horas.

TÉNIS — Com a realização das finais de singulares-homens, singulares-senhoras e pares-mistos, concluem-se os Campeonatos Internacionais de Portugal, que estão a decorrer nos «courts» do Sporting Clube de Cascais, com o maior interesse.

Os adversários só serão conhecidos ao fim da tarde de hoje.

AUTOMOBILISMO

Rui da Silva

com a melhor pontuação no «Nacional» de Condutores

Após o «Rallye» a Monte Gordo, o Automóvel Clube de Portugal afixou as actuais classificações do Campeonato Nacional de Condutores, que apresenta Rui Martins da Silva com a melhor pontuação (62,97). Seguem-se, eng.º Abreu Valente (54,90), dr. Manuel de Castro (49,19), dr. Manuel Pereira Machado (39,67), José Baptista dos Santos (39,29), Horácio Macedo (39,22), Carlos Faustino (34,96), Amadeu Santos Silva (33,40), Cipriano Flores (33,26), Fernando Duarte Ferreira (30,90) e Manuel Fernandes (30,84).

Rui Martins da Silva, dr. Manuel de Castro, eng.º Abreu Valente e Daniel Serrano, comandam as classificações dos diversos grupos.

Por equipas, o Sporting tem 185,69 pontos, seguindo-se o Arte e Sport (148,31); Benfica (113.23); F. C. Porto (53.23); Belenenses (50.26); Sport Clube do Porto (33.26); Clube «100 á Hora» (28,95) e Estrela e Vigorosa (5,07).

Ténis

na Praia da Rocha

PORTIMÃO, 26 — Termina amanhã o 10.º torneio de ténis organizado pelo Clube de Ténis da Praia da Rocha. Nos encontros disputados, apuraram-se os seguintes resultados:

Selçuk v. A. Camarate Campos, por 6-2 e 6-1; Afonso Feu v. F. Heirbrant, por 2-6, 6-0 e 6-3; Vítor Leiria v. Azambuja Martins, por 7-5, 2-6 e 6-2; António Feu v. J. Camarate Campos, por 6-2 e 6-3; Ernesto Feu v. Jacob Soares, por 6-3 e 7-5; e Azambuja Martins-F. Heirbrant v. Salema Santos-F. Almeida por 8-6 e 6-4.

Companhia Portuguesa de Celulose
S. A. R. L.
CAPITAL ESC. 150.000.000$00
Rua Castilho, 90-5.º — Lisboa

Avisam-se os Srs. Accionistas de que, a partir do dia 1 do próximo mês de Outubro, se encontra a pagamento o dividendo de 5,5 % por conta do exercício de 1959 (cupão n.º 7), na Sede da Companhia e nos Bancos Espírito Santo e Comercial de Lisboa e Pinto & Sotto Mayor, em Lisboa e Porto.

O pagamento ás Caixas de Previdência será exclusivamente efectuado na Sede da Companhia.

Lisboa, 24 de Setembro de 1959.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Sociedade «ESTORIL»
Venda de bilhetes para os comboios dos domingos

Esta venda começar-se-á a fazer aos sábados na estação do Cais do Sodré, a partir das 12 horas até aviso em contrário.

SINTRA ESPERA-O
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Setembro, as feiras e festas que a seguir se in-

AVISO aos ESTUDANTES

Não comprem artigos escolares sem ver os preços das PAPELARIAS EMILIO BRAGA, as casas que mais barato vendem: Rua da Madalena, 42; Rua Alexandre Herculano, 71-C e Avenida de Roma, 10-E. Brindes a todos os estudantes nas compras superiores de 20, 50, 100, 250$00. Peçam tabelas. Descontos aos Revendedores.

NO APROVEITAR É QUE ESTÁ O GANHO

Estudar para passar ou para saber?

(Continuação da 1.ª página)

ma alguma, o aspecto subjectivo das suas próprias reacções.

A consequência é fácil, naturalmente, de prever: se o aluno, nessa forma de provas, nada encontra em que possa pesar, no caso de uma momentanea incompreensão da sua parte — e os nervos tanta coisa prejudicam! — o testemunho objectivo do preparo que, de facto, durante o ano conseguiu; se para vencer no seu exame só marca, e só conta, aquilo que de momento realiza sem o apoio tranquilizante do conceito que o mestre tenha formado a seu respeito em face do estudo, da aplicação e do grau de saber que, na verdade, definem o seu «valor» de estudante; se por contingências fortuitas, que a pouca sorte tanta vez apadrinha, a prova lhe saiu má e o juizo de apreciação não hesitou em colocar, no mesmo pé de igualdade, o aluno que fez realmente um «preparo» e aquele que sobretudo «cabulou», é evidente que a tendência do estudante é a de estudar para passar em vez de estudar para saber.

Quem lucra, poderia perguntar-se, com um sistema assim? Que lógica o acredita, ou que princípio racional o fundamenta?

Cabe naturalmente ao Estado facilitar ao máximo a instrução, e a educação, da juventude de um país, e só é de encaracer o sacrifício dos pais dentro do qual — quantas e quantas vezes! — decorre toda a vida do estudante; assim se vai valorizando uma Nação, dado que o apetrechamento cultural de um povo, a traduzir-se numa verdadeira riqueza intelectual — que, no dizer de S. Simon, é depois da virtude o primeiro dos bens — constitui, hoje mais do que nunca, manancial de possibilidades para o progresso que todos ambicionamos.

O fim racional, portanto, de todos os sacrifícios e de todas as dedicações sobre os quais se apoia o ensino, de toda a contribuição do Estado com vista a que ele se ministre em condições de eficiência e de dignidade — que implica, em face das limitações orçamentais, o secrifício também de outras necessidades que a comunidade gostaria ver supridas — tem naturalmente de ser a criação de valores reais que se afirmem, no campo da aplicação do seu preparo, por um saber conscienciosa na extensão e na profundidade máximas possíveis.

Estas definem-se por programas que cabe superiormente elaborar, mas o estudante, dentro deles, não pode deixar de adquirir a sua preparação amoldando-se inevitávelmente á forma por que se traduz o ensino dos seus mestres, ao modo como o vão a pouco e pouco habituando a compenetrar-se da matéria na importancia relativa dos seus diversos conteudos, a ponderar as perguntas, a analisar os problemas, a encontrar as respostas, a propor as soluções.

Admitindo, por mera hipótese absurda, que se tornava possível, no fito de evitar essa realidade insofismável, mecanizar de tal maneira o ensino que a todos, da mesma forma impessoal e rígida, fosse ministrada a instrução, impor-se-ia reconhecer, também, que se chegava á enormidade pedagógica de tentar substituir o professor, com a sua personalidade e responsabilidade próprias, por simples repetidores, que se não distinguiriam daqueles «robots» anódinos que, sem o poder de interpretação e de raciocínio humano, vencem muitas vezes o homem na exactidão e no tempo quando lhes cabe integrar.

Dois alunos, portanto, vindos de meios escolares diferentes, podem perfeitamente, em certas disciplinas, estar igualmente preparados para poderem transitar de ano, muito embora, na realidade, possam também ter tido formas próprias de preparação que em nada diminuem o valor real dos seus conhecimentos nem, muito menos ainda, o nível geral do ensino que se ministra no País; pelo contrário, até.

Nestas circunstancias não chega para avaliar do grau de preparação de um estudante limitarmo-nos á verificação de que ele **não sabe determinada coisa**, visto se impor honestamente avaliar **porque razão a não soube ou em que condições se mostra capaz ou incapaz de a saber.**

Quantas vezes no decorrer de um ponto escrito de exame, em que exactamente se procura obrigar a uma interpretação á base de um raciocínio, que as fórmulas por si só não podem substituir, mas simplesmente acompanhar, uma parte dos alunos encontra dificuldades aparentemente insuperáveis de partida em que os outros, por sua vez, nem sequer ligeiramente tropeçaram?

E, quantas vezes basta, então, que o professor, com um simples esclarecimento interpretativo os ampare, por assim dizer, nesse embate que os está desnorteando pela confusão em que se encontram para que, tal e qual como os outros que o não sofreram, passem a dar prova satisfatória dos conhecimentos que, na realidade, tinham.

O simples modo de apresentar uma pergunta, os termos dentro dos quais esta se formula, uma menor extensão que se dê ao preambulo informativo ou esclarecedor que eventualmente a acompanhe, podem, em certas disciplinas, comprometer a justeza da resposta de um ou de outro aluno que, embora com nível de conhecimentos igual ao dos restantes, não estava, porventura, habituado ao modo de formulação que se lhe ofereceu.

Devemos reconhecer que dentro do sistema actual dos exames nos liceus nem sequer sobra tempo, muitas vezes, ao menos para, nas provas orais, se atender a esta verdade indiscutível; consequentemente, tem o aluno muitas vezes, também, de sofrer a contingência de «passar» ou «não passar» conforme responde taxativamente ou não na prova escrita que o elimina sem consideração nem rebuço.

Quer isto dizer que no caso de «não ser feliz» nas provas de nada serve quanto mostrou de ser capaz durante o ano, tudo dependendo então da «sorte» que o seu exame lhe traz.

Sendo assim tem de ser este fatalmente — e para seus mestres, claro — a preocupação dominante da sua preparação, de modo que se lhe impõe sacrificar indubitávelmente o tempo que poderia, e deveria, destinar á ponderação do que estuda e á melhor e mais raciocinada compreensão das matérias do programa, á necessidade que sente em ter bem arrumadas na memória, para uma chamada «unica», fórmulas, datas, factos, minucias, etc., que o exame lhe poderá impiedosamente exigir como prova decisiva, sem querer saber — perante uma contingência eventual — se ele foi durante o ano um aluno aplicado ou não.

A orientação a que o sistema assim o obriga é necessáriamente a de estudar para passar, e se é lógico que o saber não deixa de constituir condição necessária para tanto, não chega para lhe garantir tranquilamente o sucesso que deveria fatalmente ser o justo corolário dele.

Lembrem-se os reformadores da sábia observação daquele juiz asturiano: «se é certo que o homem vale quanto sabe, não tem maior valor, todavia, aquele que sabe mais, mas o que sabe melhor»; organizem-se para tanto os exames de tal modo que todos tenhamos consciência de que o estudante «estuda para saber».

Assegurem-lhe, consequentemente, a maneira de mostrar, com segurança e bem, o que sabe e como o sabe, e ter-se-á muito melhor respeitado o fim de tão alto interesse nacional que o ensino procura, como é evidente, atingir.

Tem mostrado o actual ministro da Educação Nacional uma envergadura notável para, se não lhe cercearem os meios, enfrentar e resolver delicadíssimos problemas que agruram as suas altas funções; se no ano escolar que vai seguir-se conseguir levar para bom caminho tão momentosa questão, mais um serviço — e grande — terá prestado aos estudantes, ao ensino, e ao País, que é o principal.

DANIEL BARBOSA

A Semana de Segurança no Trânsito

(Continuação da página central)

rem a curva, se afastaram um pouco da sua faixa de rodagem.

Dois condutores seleccionados na ponte D. Luís, no Porto

PORTO, 26 (Pelo telefone) — Debaixo de uma chuva miuda e impertinente, estivemos hoje, de manhã, junto do posto da Polícia de Viação e Transito no tabuleiro superior da ponte D. Luís, a fim de proceder á escolha de mais alguns candidatos ao título de condutores exemplares.

Anotámos dois nomes, com a colaboração do agente da Polícia de Viação e Transito sr. Floriano Martins.

O primeiro descia a Avenida Marechal Carmona guiando com toda a prudência que exigia um pavimento molhado e escorregadio. Felicitámo-lo pela forma cuidadosa como cumpria as normas de transito; felicitou-nos ele pela Semana de Segurança no Transito.

O segundo condutor escolhido vinha do Porto e seguia pela ponte D. Luís. A' sua frente, pedalava um ciclista. Em vez de o ultrapassar, como faria um condutor imprudente, seguiu atrás dele, até final da ponte. Só então, quando já não existia perigo, fez a ultrapassagem, segundo todas as normas exigidas pelo Código da Estrada.

Depois de nos indicar o seu nome e o numero da sua carta de condução, disse-nos que possui carta desde Março de 1956 e que ainda não sofreu — longe vá o agouro! — qualquer acidente.

Vem a propósito referir que o posto da P. V. T. de Gaia, que o ano passado registou 11 acidentes de viação durante o mês de Setembro, só registou ainda, a quatro dias do fim do mês, seis acidentes. Esperamos que o numero não aumente.

Os condutores algarvios são pouco prudentes

FARO, 26 (Pelo telefone) — Sob a orientação do chefe da Polícia de Viação e Transito sr. Bento Pires Machado, está a efectuar-se a selecção dos condutores exemplares do Algarve. A escolha não é fácil por não serem vulgares os automobilistas algarvios que cumpram rigorosamente as normas de transito e aceitam ós ditames da prudência.

No entanto, os agentes do posto da P. V. T. n.º 26 já apontaram os nomes e os numeros das cartas de catorze condutores, a que haverá que acrescentar ainda os condutores seleccionados pelas brigadas móveis daquela corporação em serviço neste distrito.

Os condutores Tomarenses podem orgulhar-se da sua prudência e cortesia

TOMAR, 26 (Pelo telefone) — Os preparativos para a selecção dos melhores condutores do distrito iniciaram-se ontem, á tarde. O chefe da P. V. T. sr. Francisco Cardoso dirige, superiormente, a selecção dos nossos condutores exemplares. Ao que nos declarou, amávelmente, a escolha torna-se difícil, ao contrário do que acontecerá noutros distritos, por os condutores tomarenses obedecerem normalmente ás normas do transito e se distinguirem pela sua cortesia e prudência. As estradas vizinhas de Tomar são, de facto, das mais seguras do distrito de Santarém.

NOVE MORTOS

numa passagem de nível

CIDADE DO MEXICO, 26 — Nove pessoas morreram e quatro sofreram ferimentos numa passagem de nível perto de Cuautla, a uns 100 kms. ao sul da capital. Um autocarro foi colhido por um comboio e arrastado numa extensão de 50 metros. O veículo voltou-se, e o depósito de gasolina incendiou-se. O motorista e a maior parte dos passageiros morreram carbonizados. — (F. P.).

A Adega Cooperativa de Felgueiras dotada de várias inovações é esta tarde inaugurada

PORTO, 26. — Sob a presidência do governador civil do Porto, autoridades locais e várias individualidades ligadas á vinicultura da região, é, esta tarde, inaugurada a Adega Cooperativa de Felgueiras que faz parte do plano de Adegas Cooperativas, aprovado superiormente, para a região demarcada dos vinhos verdes.

A Adega Cooperativa de Felgueiras é constituida por dois edifícios ligados entre si, sendo um destinado ao fabrico e conservação dos vinhos e o outro á conservação e destilação dos bagaços. Na primeira fase, que hoje é inaugurada, foi construida apenas cerca de um terço do primeiro edifício e a totalidade da destilaria, tendo-se gasto na obra mais de três mil contos. O imóvel reservado á fermentação e conservação dos vinhos é constituido por dois pavimentos: o superior para recepção das uvas e fermentação dos mostos e o inferior para a conservação dos vinhos. A recepção é feita num amplo cais ferroviário, sendo as uvas descarregadas em dornas com munhões, que as despejam sobre uma balança especial, comandada electricamente. Este sistema de recepção e pesagem das uvas constitue entre nós uma inovação, sendo a primeira balança daquele tipo instalada em adegas portuguesas. Numa unica operação, ela pode pesar até 1.800 quilos de uvas, que despeja, depois, sobre um dos dois tegões, alimentadores dos respectivos esmagadores.

Alunagens... —e coisas piores!

Noticiaram há dias os periódicos a aceitação condicional, pela Academia Francesa, do termo «alunar», como designativo do encontrão dado pelo foguetão russo no amável satélite que nos ilumina as noites com a sua romantica claridade...

Salvo o devido respeito por tão douto conclave, nutro grandes receios de que a ilustre Academia tenha cometido um erro deplorável, abrindo um precedente que nos há-de criar grandes engulhos filológicos, logo que o homem comece a andar de planeta para planeta, com a mesma facilidade com que hoje vai do Terreiro do Paço a Cacilhas... Se as astronaves humanas forem de futuro «alunar» á Lua, irão elas com a mesma desfaçatez literária, «amartar», «avenusar», «ajupiterar», etc., etc... conforme se for gradualmente realizando a conquista do espaço?

Eu supunha, desde os bons tempos da escola, que o termo «aterrar» se referia ao contacto com o elemento físico chamado Terra, pois que neste mesmo desgraçado planeta se chama «amarar» abordá-lo pela superfície líquida dos oceanos...

Concluía que, do mesmo modo, nos haveríamos de referir á Lua e dizer simplesmente: aterrou na Lua, no Monte tal, ou amarou na Lua, no deleitoso Mar da Serenidade... o nosso transporte esterilizado numero tantos, com martelos, foices e... picaretas para as primeiras impressões...

Aliás, não dizem os sábios que a Lua é carne da nossa carne, uma parcela deste pobre globo, destacada há um bom punhado de anos lá das bandas do Oceano Pacífico, talvez já nesses remotos tempos geológicos enjoada das tolices terrenas?...

«Aterremos», pois, na Lua... ou aterremos também a pobrezinha com os nossos desvarios de linguagem.

MANUEL GOMES VARELA FRADINHO

FORÇAS ARMADAS

Encontro de formação profissional da Força Aérea

Sob a presidência do tenente-coronel Armando Pais Gaspar, efectuou-se hoje o X Encontro de Formação Profissional, no qual participaram todos os oficiais de intendência e contabilidade do quadro permanente, e de complemento em serviço na Força Aérea. Foram estudados e discutidos casos concretos, relacionados com vencimentos, alimentação, fardamento, combustíveis, organica e funcionamento dos conselhos administrativos, autonomias e competências administrativas, regulamento de disciplina militar e organização geral da Força Aérea.

O período final da reunião foi reservado ao esclarecimento de algumas duvidas surgidas na interpretação e execução da legislação urgente, e preferentemente, a de promulgação mais recente.

Colaboração russo-americana na Agência Internacional de Energia Atómica

WASHINGTON, 26. — Cientistas atómicos norte-americanos e russos concordaram ontem em que os respectivos países deveriam trabalhar juntos no ambito da Agência Internacional da Energia Atómica, a fim de desenvolverem os meios de utilização pacífica do átomo «para benefício da Humanidade».

Num comunicado conjunto emitido depois de uma conferência de quatro horas, o presidente da Comissão de Energia Atómica dos Estados Unidos, John McCone, e o chefe do Programa Russo de Desenvolvimento de Energia Nuclear, prof. Emelianov, contribuem psicológicamente para impulsionar os trabalhos da Agência Internacional que, por várias vezes, no decorrer dos seus dois anos de existência, se ressentiu do esquecimento a que a votavam as grandes potências nucleares na elaboração dos seus projectos de aproveitamento pacífico da energia atómica.

As recomendações contidas no comunicado vão ser estudadas pelo presidente Eisenhower e pelo chefe do Governo russo, Kruchtchev durante as suas conversações em Camp David, iniciadas ontem. — (A. N. I.).

EXPLODIU sobre o Atlântico

um míssil «Snark»

CAPE CANAVERAL, 26 — Explodiu e caiu em chamas, no Atlantico, um míssil «Snark», pouco depois de haver sido disparado do polígono de experiências do Cape Canaveral, ontem á noite.

O« Snark», teleguiado e propulsionado a turbo-jacto, já foi lançado mais de vinte vezes com êxito. Segundo as primeiras notícias do desastre, a queda foi motivada por qualquer explosão dentro do engenho, que o precipitou no oceano. Este e o segundo malogro registado em dois dias consecutivos, neste campo. Na quinta-feira, um «Atlas-Able», de quatro andares, explodiu na rampa de lançamentos. — (A. N. I.).

Experiências com o «Bomarc»

CAP CANAVERAL, 26. — Dois foguetões teleguiados «Bomarc» foram ontem lançados do terreno de ensaios da ilha de Santa Rosa. O primeiro foi destruido poucos segundos depois do seu lançamento, visto o engenho se ter desviado da sua trajectória.

Quanto ao segundo, ignora-se se atingiu, como estava previsto, um míssil-alvo supersónico «Regulus II». — (F. P.).

Foram salvos

os tripulantes do avião da Marinha americana

SEATTLE, 26 — Foram salvos os dez tripulantes do avião da Marinha que caiu ontem, ao largo das costas americanas, no Pacífico. A vedeta «Yoconia», que os recolheu, informou as autoridades que os náufragos se encontravam em dois salva-vidas de borracha, exaustos mas, aparentemente, ilesos. — (F. P.).

A campanha do "Diário de Lisboa"
para a segurança na estrada

As declarações do presidente do Sindicato dos Motoristas de Setúbal

(Continuação da página central)

nancia de certos camionistas de carga, os quais exigem dos seus motoristas um trabalho insano, que fatalmente se reflecte nas suas condições físicas e psíquicas. Há ainda os que usam do estratagema—para atingir idênticos fins — de conseguirem a aprovação de dois horários para o mesmo motorista, sendo um de noite e outro de dia, estando por isso em qualquer altura dentro do horário legal! Sempre que temos conhecimento de tais factos, a nossa acção como dirigentes sindicais procura eliminá-los, além de chamarmos a atenção dos assalariados quando eles colaboram neste atropelo ás leis.

Alargamento dos programas das Escolas de Condução

O nosso entrevistado salienta ser insuficiente um mês de aprendizagem e um breve exame médico para o acesso á profissão de motorista. Aponta a necessidade de um rigoroso exame cardiológico e neurológico. Acrescenta:

— Entendo também que as Escolas de Condução se não deveriam limitar apenas a ensinar a conduzir, a dar conhecimentos de mecanica, instruir sobre alguns pontos essenciais do Código da Estrada, mas também a introduzir no seu programa uma aula de «Conselhos práticos», onde se demonstrasse — com acentuado rigor — a grave responsabilidade que um indivíduo contrai após a obtenção da carta de condutor. Nessa aula demonstrar-se-ia, entre outros, os inconvenientes da imperícia, desatenção, imprudência e os resultantes da excessiva velocidade. Provar-se-ia a todos os candidatos a condutores a necessidade de rigoroso cumprimento do Código da Estrada.

Não basta, no entanto, a educação dos condutores. Há que ensinar as regras de transito ás maiores vítimas de acidentes—os peões. E' o que nos diz o sr. Mário de Carvalho:

— Sou de opinião — de resto a ideia já está posta em prática noutros países, com o melhor proveito — de que se deve ministrar nas escolas primárias um ensino especial sobre a maneira como se devem comportar os peões em relações ás regras do transito, proferindo-se palestras. exibindo-se cartazes e documentários cinematográficos e, como exemplificação prática, preconizaria a criação de parques para instrução das regras de transito. Devido á sua ignorancia das normas de transito, não é raro que crianças saiam subitamente de portas e portões para a via publica ou atravessem descuidadamente, a correr, as ruas ou estradas. Não é raro até, um acidente de viação, que os pais sejam os próprios autores da morte de seus filhos, arrependendo-se já tardiamente de não lhes haverem ensinado as regras de transito.

Os motoristas profissionais e da Semana de Segurança

A nossa conversa com o sr Mário Carvalho não se poderia prolongar por muito mais tempo, uma vez que os autocarros dos Serviços de Transportes Urbanos de Setubal têm horários que são cumpridos. Já á despedida, o presidente do Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Setubal declara-nos:

— Dou o meu muito sincero apoio á campanha de Segurança no Transito promovida pelo «Diário de Lisboa». Sempre, mas especialmente, durante a vossa Semana de Segurança, espero que todos os motoristas profissionais cumpram rigorosamente as regras de transito e procedam com prudência e cortesia, sendo um exemplo para todos os utentes da estrada. E' a dignidade da nossa actividade profissional que o exije. É também a nossa segurança que o pede: ninguém como nós conhece as consequências das transgressões ás regras do transito. O «Diário de Lisboa» pode contar, pois, com o generoso apoio e inteira colaboração dos profissionais do volante de todo o País.

Não praticar as regras de trânsito é meio caminho andado para um acidente

A ignorancia ou esquecimentos das regras do transito é máxima causa de muitos acidentes. Não são raros, infelizmente, os condutores que aprenderam as regras de transito apenas para fazer o exame de condução. Uma vez aprovados, fazem até gala na rapidez com que esqueceram as normas que deveriam ter sempre presentes e que foram elaboradas para sua própria segurança. Outros, embora mais conscienciosos, não acompanham a evolução das regras de transito, teimando em cumprir disposições já revogadãas ou alteradas o que os leva, afinal, a violar as actuais prescrições do Código da Estrada.

E' evidente que o cumprimento do Código da Estrada, condição fundamental para a disciplina e segurança do transito, nunca poderá ser imposta apenas por medidas repressivas. Não se pode pedir um agente em cada esquina, em cada troço de estrada, junto de cada violador das regras de transito. Ninguém como os próprios condutores deverá estar interessado na melhoria do nosso transito, pela construção de novas estradas, pela supressão de curvas to do Código da Estrada. Faça cada condutor o que estiver nas suas possibilidades e já terá sido dado um importante passo para a resolução dos nossos problemas de transito. Não basta que as reivindica-

Auto-Gare de Lisboa

Fala-se e reclama-se há muito a instalação de uma Estação de Camionagem, em Lisboa. Terras da província, de maior ou menor importancia, resolveram já este problema, sendo a ultima a cidade de Santarém, onde abriu recentemente um modernissimo e eficiente estabelecimento deste género. Noticiaram os jornais que a Camara Municipal de Lisboa tinha adquirido o antigo Mercado Geral de Gados, possivelmente para aí instalar a Estação Central de Camionagem da capital.

Oxalá assim seja. E se é essa a decisão camarária, oxalá também mande limpar o local com brevidade, estabelecendo um terreiro amplo onde os camiões de passageiros se possam arrumar. E a pouco e pouco se iriam construindo, até de colaboração com as diversas empresas de camionagem que servem Lisboa, as instalações próprias de venda de bilhetes, de oficinas de reparação, de salas de espera, etc., tudo obedecendo, claro, a um projecto préviamente aprovado. O que se torna urgente é retirar do centro da cidade o transito dos enormes veículos que engarrafam as suas ruas estreitas. É de louvar a perícia dos motoristas que os conseguem encafuar em becos e travessas ou em garagens inadequadas, nas quais cada entrada de um desses mastodontes demora um quarto de hora de manobras, mas a verdade é que o transito de Lisboa sofre com a vinda ao centro da cidade de veículos que nunca deveriam passar da sua periferia.

O local de Entre-Campos é decerto o melhor que se poderia encontrar; servido pela linha de cintura e por uma estação do Metropolitano, permite vasão rápida dos passageiros e suas bagagens.

A Camara Municipal tem certamente o assunto estudado, a bem da cidade, mas deve dar-lhe execução rápida, pois cada vez é maior a circulação nas ruas e avenidas do centro. Não espere pelo óptimo, que é inimigo do bom, e dê satisfação ao razoável, que depois as coisas se irão melhorando por si. A política seguida com o Aeroporto e seus execessivos acrescentos, em obediência aos acréscimos do tráfego aéreo, é exemplo a seguir.

E ainda mais: o Metropolitano necessita de tráfego, e a Camara não esquece, certamente, que é o accionista quase unico deste melhoramento citadino, em vésperas de ser inaugurado... — A.

e lombas, pelo rigoroso cumprimenções sejam justas; é necessário que o condutor que reclama tenha moralidade para o fazer.

Prioridade de passagem

O não cumprimento das disposições legais sobre prioridades de passagem é uma das causas da anarquia do nosso transito. Recordemos, então, quais as regras a observar quanto á prioridades:

Nos cruzamentos ou entroncamentos têm prioridade de passagem os condutores de veículos ou animais que se apresentem pela direita.

EXCEPÇÕES: Cederão obrigatóriamente a passagem aos condutores dos outros veículos ou animais: os condutores de veículos ou animais que mudem de direcção, quando a via em que transitem não cruze com aquele em que vão entrar; os condutores de veículos ou animais que saiam de qualquer prédio ou caminho particular. Independentemente de se apresentarem pela direita ou pela esquerda, os veículos automóveis terão sempre prioridade sobre os outros veículos (norma que convém recordar aos guarda-freios da Carris) e sobre os animais. Têm prioridade de passagem sobre todos os veículos e animais: as ambulancias, os veículos de pronto-socorro e, de um modo geral, todos os que transportam doentes ou feridos, quando um serviço urgente e assinalando devidamente a sua marcha; e as colunas militares ou militarizadas.

Uma ultima regra de prioridade: Sempre que numa via publica exista qualquer obstáculo de pequena extensão que torne impossível o cruzamento de dois veículos, mas não diminua a visibilidade por forma a impedir que cada um dos condutores se aperceba da aproximação do outro, terá prioridade de passagem o que estiver em condições de fazer a manobra sem utilizar a parte esquerda da faixa de rodagem.

São apenas estas as regras de prioridade. Bastante simples, ninguém terá grande dificuldade em as compreender ou em as aplicar. E as dificuldades que surjam são sempre fáceis de solucionar, é a experiência que o diz, desde que haja prudência e cortesia.

Cruzamento de veiculos

O cruzamento de veículos é outra causa de frequentes acidentes. Não é também raro encontrar condutores que ou esqueceram ou não praticam o que neste capítulo determine o Código da Estrada.

A uns e outros é bom recordar: Dois veículos que se encontrem transitando em sentidos opostos, numa via tão estreita ou de tal forma obstruida que não permita o cruzamento: recuará o que estiver mais próximo do local em que este seja possível; se as distancias forem sensívelmente iguais,o que for mais leve; em via de inclinação acentuada, o que for a subir; se a manobra de recuo foi difícil ou perigosa, o que estiver em melhores condições de a fazer. Em igualdade de circunstancias, recuará o que transitar de Norte para Sul ou de nascente para poente.

Quanto aos veículos de largura superior a dois metros, são obrigados a parar para facilitarem o cruzamento com outros veículos, sempre que a largura livre da faixa de rodagem, o seu perfil ou o estado de conservação da via não permitam o cruzamento com a necessária segurança.

E' claro que se furtam a estas obrigações tal como acontecia com as regras de prioridade, as ambulancias ou pronto-socorros, os veículos que transportem doentes ou feridos e as colunas militares ou militarizadas.

Há quem considere pouco claras ou até difíceis estas regras. No entanto, obedecem apenas ao que determina o bom senso, a prudência e a cortesia. Aos mais pessimistas diremos que não é necessário o auxílio de uma bussola para saber quem tem prioridade nos cruzamentos: em transito, como em quase tudo, bom numero de dificuldades desaparecem se proceder com prudência e cortesia. Experimente! Verá que varinha mágica é a cortesia.

Não cumprir as regras de prioridade é criar as condições para um acidente

Os cadernos e livros escolares *deverão incluir* explicações e conselhos sobre as regras de Trânsito

O ensino das regras do transito nas escolas primárias, nos liceus e nos estabelecimentos de ensino técnico e comercial é necessidade salientada em grande numero de cartas e postais recebidos dos nossos leitores. Trata-se de uma prática já antiga em alguns países europeus, onde os seus frutos têm sido os melhores.

Em Portugal já foram dados também alguns passos, embora insuficientes, nesse sentido. Apontemos, de acordo com o que nos foi comunicado pelo director-geral do Ensino Primário, as instruções recentemente dadas aos centros escolares da Mocidade Portuguesa, os quais passarão a incluir o ensino das regras do transito nos seus programas normais de trabalho. E muito anteriormente alguma coisa já havia sido feita. Como gentilmente nos recorda o sr. brigadeiro António Baptista de Carvalho, os cadernos escolares da Escola Industrial de Fonseca Benevides, por exemplo, inseriram ditames idênticos aos contidos nos cadernos escolares ingleses, quando aquele oficial foi seu director. Estes conselhos eram explicados nas aulas pelos professores, renovando-se, frequentemente, de modo a que fossem focados todos os principais problemas do transito.

Eis os dizeres de uma antiga capa dos cadernos da Escola Industrial de Fonseca Benevides:

Conselhos aos peões

Os passeios são destinados aos peões; o leito das ruas aos veículos. Nunca saiam, portanto, daqueles, quando transitem a pé.

As ruas e estradas devem atravessar-se a direito, rápidamente, e sempre só depois de haver a certeza de que nenhum carro se aproxima.

Sair da Escola ou casa para a rua, a correr, é uma imprudência que pode sair cara.

O jogo da bola e outras brincadeiras, na rua, são causa frequente de desastres de que têmsido vítimas muitos rapazes. Fujam, portanto, de brincar em locais para isso impróprios.

Nunca subam nem desçam com os veículos em marcha; vale mais caminhar a pé alguns metros e perder alguns segundos do que ficar impossibilitado de andar durante muitos dias ou por toda a vida.

Os cruzamentos de ruas são lugares privilegiados para desastres de automóveis; há, portanto, que atravessá-los muito cautelosamente, depois de ter a certeza de que nenhum carro vem ao nosso encontro.

Independentemente de outras práticas mais dispendiosas e que exigirão, para serem eficientes, uma preparação mais longa, parece-nos estar aqui uma sugestão a aproveitar imediatamente. Não será possível que no próximo ano escolar as capas dos cadernos diários apresentem já alguns conselhos aos peões, aos ciclistas e aos condutores de animais? E não seria possível incluir também alguns sobre as regras do transito nos livros de leitura da instrução primária e do ensino médio?

O apoio da TV portuguesa

A Rádio Televisão Portuguesa também se referiu á iniciativa do «Diário de Lisboa», num dos seus apreciados programas, destacando a realização da Semana de Segurança no Transito como «um apelo á consciência e á prudência de todos os condutores, quer sejam amadores ou profissionais, para que cumpram, nestes dias do final de férias, as regras de transito e procedam ao volante com a prudência e a cortesia que usam no seu trato diário».

Registamos sensibilizados a atitude da Televisão Portuguesa.

Um artigo do «Diário do Alentejo»

Assinado por José Gonçalves Rodrigues, delegado em Lisboa ao «Diário do Alentejo», publicou aquele nosso prezado colega um judicioso artigo sobre a nossa Campanha de Segurança no Trânsito, subordinado ao tema «O delírio das velocidades e os desastres de automóveis». Ali se reforçam, com curioso recurso aos nossos adagiário e fabulário, os repetidos apelos á prudência, á cortesia e ao cumprimento das regras de trânsito que o nosso jornal tem dirigido a todos os utentes das estradas portuguesas, sejam condutores ou peões.

O último teste oferecido pela «Shell» aos automobilistas portugueses

«A fadiga é um dos maiores perigos para o automobilista» é o tema do décimo teste oferecido pela «Shell» aos condutores portugueses: Conclui-se, assim, a publicação da série de dez testes elaborados pelos serviços científicos da «Shell» para ajudar os automobilistas portugueses a medirem as suas possibilidades, evitando acidentes que podem significar a morte ou ferimentos muito graves. O conjunto destes dez testes, que é util coleccionar, constitui uma valiosa colaboração dada á nossa campanha de segurança no transito por uma das nossas maiores e mais prestigiadas empresas de distribuição de combustíveis. A Shell Portuguesa terá contribuído efectivamente, estamos certos, para a redução dos acidentes todos os dias ocorridos nas nossas estradas.

PARA GUIAR MELHOR *TESTE SHELL N.º 10*

Sabe como evitar a fadiga ao volante?

1. Tem de travar de repente porque estava mais próximo do carro da frente do que pensava? É este um dos indícios da fadiga — o enfraquecimento da capacidade de avaliar a velocidade e a distância.

2. Outro dos sintomas característicos — os olhos tendem a fixar-se num ponto. Às vezes ardem ou choram. A sensibilidade torna-se deficiente, podendo o condutor adormecer de repente.

3. Dores de cabeça provenientes do cansaço visual — os olhos tendem a entortar-se e é necessário um grande esforço para ver claramente.

4. Sensação de peso nas pernas e nos braços, dores no pescoço — mal-estar e dores contribuem para distrair a atenção.

A fadiga é um dos maiores perigos para o automobilista

Como combater a fadiga

O melhor remédio, é claro, é PARAR. Todos estes sintomas mostram um grave enfraquecimento da capacidade de conduzir. No entanto, se por acaso tiver absoluta necessidade de guiar mais uns quilómetros, veja abaixo algumas sugestões para combater os diversos casos apontados em cima.

1. Deixe-se ficar numa distância considerável dos outros carros. Isto evitará que se aproxime demasiado deles sem ter consciência disso.
2. De vez em quando fixe um ponto fora da estrada e siga-o com a vista por um segundo. Não se deixe absorver pela linha branca de demarcação da estrada ou pelas faixas.
3. Saia da estrada, pare e repouse os seus olhos durante alguns minutos.
4. Pare e saia do carro. Dê uma volta e respire fundo o ar fresco. Mas não guie muitos mais quilómetros. De resto, a fadiga do volante é possível de evitar, planeando-se cuidadosamente a viagem. Não faça etapas demasiado longas. Interrompa a viagem enquanto for tempo, em local onde ainda possa encontrar acomodações. E não guie durante muito tempo depois de refeições pesadas.

Estradas. Quilómetros e quilómetros de estradas. Mas para cada quilómetro a percorrer de automóvel é indispensável muita atenção e muito cuidado. À impaciência e à ânsia de chegar mais depressa junta-se outro grave perigo — a fadiga. Para viajar com segurança impõe-se que não guie demasiado depressa nem durante períodos demasiado longos. A Shell Portuguesa, pretendendo contribuir efectivamente para a redução do número de acidentes, vem lembrar-lhes o velho ditado que nos nossos tempos se torna ainda mais imperioso — «Devagar se vai ao longe» —.

SHELL

CORTESIA E PRUDÊNCIA = SEGURANÇA NO TRÂNSITO

o conforto moderno...

— COZINHA

vê-se o que se faz, faz-se o que se quer — fogo forte, lume brando. Com termostato, nem é preciso vigiar o forno.

Resultado:
cozinha económica, fácil e sempre a horas.

— ÁGUAS QUENTES

aquecedor instantâneo, esquentadores simples, de distribuição ou de acumulação, água quente sempre e quanta se queira.

— AQUECIMENTO

à temperatura desejada. Só quando é preciso Nem frio, nem calor excessivo.

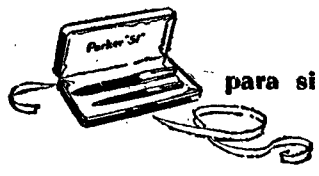
O gás é a melhor fonte de calor e a mais prática.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE LISBOA

ARTE E PERFEIÇÃO

...na tradição da famosa PARKER

Tal como os artífices de outras eras, os técnicos da Parker trabalham com infinito cuidado e sentido artístico para criar a caneta mais desejada no mundo, a Parker «51». De tão esmerado poder criador, combinado com maquinismos de grande precisão e com os mais resistentes e duradoiros materiais da actualidade, resulta a caneta Parker «51»... respeitada em todo o mundo pelo seu alto nível de escrita!



para si ou para oferecer... **Parker "51"**

Amoníaco Português

S. A. R. L.

Sede: R. do Poço dos Negros, 113 — Lisboa

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Previnem-se os Srs. Obrigacionistas que no dia 28 do corrente mês de Setembro, pelas 11 horas, na Sede desta Empresa, terá lugar o sorteio das obrigações do empréstimo de 5%-1956/78 que hão-de ser amortizadas em 1 de Outubro p. f., em conformidade com o respectivo plano de amortização.

Lisboa, 26 de Setembro de 1959.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Propagandista-vendedor

Precisa-se para Lisboa que seja culto e conheça bem a praça, sobretudo as principais organizações.

Inútil responder quem não tenha largos conhecimentos e relações.

Resposta à Redacção a VENDEDOR

BOLBOS

das mais lindas flores

Informamos os nossos Ex.mos Fregueses de que já recebemos os bolbos de plantas floríferas, cujas lista com preços, descrição e instruções resumidas sobre a cultura das variedades recebidas, se remete absolutamente grátis a quem a pedir

Jerónimo Pereira Mendes & C.ª

Especialista de sementes

Praça da Figueira, 2-C, 2-D, 2-E — LISBOA

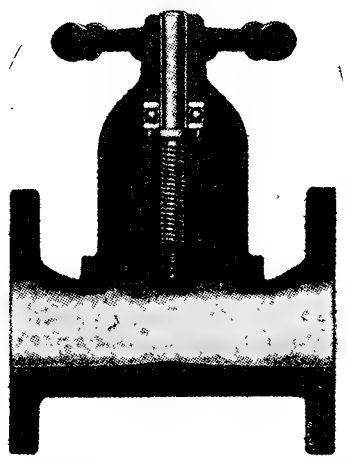
O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em AGUEDA na AGÊNCIA CONDE e CAFE' SANTOS.

Ingersoll-Rand, Limitada

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS E DEPOSITÁRIOS DAS

VÁLVULAS «SAUNDERS»

PARA INSTALAÇÕES MARÍTIMAS E TERRESTRES APROPRIADAS PARA **VACUUM, AR, ÁGUA, GAZES** E TODOS OS LÍQUIDOS CORROSIVOS, ACTUALMENTE EMPREGADAS PELA CONSTRUÇÃO NAVAL DE VÁRIOS PAÍSES, COM OS MELHORES RESULTADOS, EM **NAVIOS DE GUERRA, PETROLEIROS, ETC.** SÃO AINDA TAMBÉM USADAS NAS MODERNAS CONDUTAS DE **FUEL-OIL, GASOLINA** E **PETRÓLEO.**



LARGO DO CORPO SANTO, 28-2.º
TELS. 29671-23212 - TELEGRAMAS: «INGERSOLL»

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» dava no dia 26 de Setembro de 1929 a notícia da morte do cavaleiro-tauromáquico Eduardo de Macedo, há muito tempo retirado da profissão e dirigindo touradas. Nascera em 1877 e contava 52 anos, tendo aparecido nas arenas em 1889 e recebido alternativa em 1900, no Campo Pequeno, dada por José Bento de Araujo. No mesmo dia faleceram Paulo Henrique Rolin, de 78 anos, amigo particular do infante D. Afonso, e o dr. Luís da Veiga Ottolini, médico da P. S. P. e ex-assistente da Faculdade de Medicina e do Hospital de S. José.

EFEMERIDES

No dia 26 de Setembro de 1953 foi pelos Estados Unidos e pela Espanha assinado um tratado de amizade por dez anos.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Rádio Rural; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19: Trechos de piano; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 40: A Orquestra de André Kostelanetz; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica de «jazz»; 20 e 30: Album musical; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Canções de Itália; 21 e 30: Conjuntos vocais; 21 e 45: *Serão para trabalhadores.* No intervalo: Terras de Angola; 22 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19: Temas portugueses; 19 e 10: Jascha Heifetz; 19 e 30: Musica de Chopin; 20: 1.º programa do festival «Rencontres Internationales de Chimay» deste ano; 20 e 45: Preludio e fuga em lá maior», para órgão, de Bach, por Albert Schweitzer; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: «Psalmus Hungaricus», de Kodaly; 21 e 45: Tempo de poesia; 22: Continuação da transmissão das sonatas de Prokofieff; 22 e 20: Cartas a úm musico desconhecido; 22 e 45: Que quer ouvir? «Sonata em ré maior, op. 311», de Mozart. Final da ópera «Parsifal», de Wagner; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Jornal feminino; 19: Cançonetas; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Baile; 22 e 15: Solistas; 22 e 30: Cantares de Espanha; 23: Concerto, programa de divulgação; 23 e 31: Contos, humor e fantasia; 23 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

Estação de Miramar — A's 18: Baile; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Variedades; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Buddy Holy e os Crickets; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Programa de concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 15: Musica seleccionada; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, Horizonte do Mundo; 19 e 45: Musica do cinema; 20: Ritmos e canções de sucesso; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: As ultimas novidades; 21 e 30: Fados; 21 e 50: Rádio Rural; 22 e 15: A Orquestra Sinfónica da Capitol; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Musica e canções fim de semana.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Esta noite haverá baile na Sociedade Filarmónica «Alunos de Apolo», abrilhantado pelo conjunto musical «Os diabólicos».

HORAS DAS MARÉS

PREIA-MAR

Dia 26 — 23 e 47 (3m,15).
Dia 27 — 12 e 18 (3m,34).
Dia 28 — 0 e 59 (3m,32); 13 e 18 (3m,53).

BAIXA-MAR

Dia 27 — 5 e 34 (1m,89); 18 e 20 (1m,72).
Dia 28 — 6 e 36 (1m, 69); 19 e 10 (1m,47).

TELEVISÃO

Hoje, ás 21, abertura; 21 e 2, «O que vai pelo Mundo»; 21 e 10, João Villaret, acompanhado ao piano por Carlos Villaret; 21 e 30, «Dançando em Berlim» (filme); 21 e 50, «História de uma mulher», de Armando Vieira Pinto, 4.º episódio, com Fernanda Borsatti, Adelina Campos, Curado Ribeiro e Fernando Gusmão; 22 e 5, Viseu (filme R. T. P.); 22 e 25, musica ligeira, pelo quarteto italiano de Dino Molteny; 22 e 45, «Teledesporto»; 23 e 10, Jornal R. T. P.; 23 e 30, encerramento.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «O baile».
AVENIDA — A's 21 e 45 — «Patate».
TRINDADE — Às 21 e 30 — «Os velhos» e «Os campinos».
COLISEU — A's 20 e 45 e ás 23 — «Há feira no Coliseu!».

CINEMAS

S. LUIS — «O grande amor de Goya».
TIVOLI — «Orfeu negro».
S. JORGE — «Os Vikings».
IMPERIO — «Um americano tranquilo».
MONUMENTAL — «Gigi».
EDEN — «Arco do triunfo»
POLITEAMA — «Al Capone».
ODEON — «Vingança suprema».
ALVALADE — «O grande amor de Goya».
CONDES — «Os dez mandamentos».
ROMA — «A contra-espionagem ataca»
AVIS — «Suprema justiça».
CAPITÓLIO — «Destino ao Pacífico».
OLIMPIA — «Ouro e sangue».
RESTELO — «Ariane».
PAVILHÃO — «O pecado de ter nascido».
PROMOTORA—«O ultimo couplet».
JARDIM — «Norman nas alturas».
S. JOSÉ (Sacavém) — «Rodan».
CAMPOLIDE — «Mogambo».

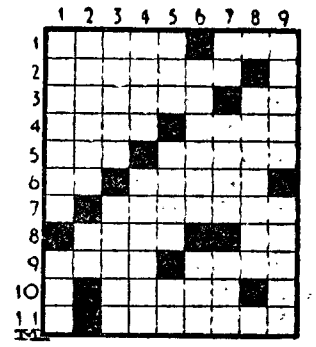
FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica—Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Santa Cruz—Rua n.º 15 á Avenida Gomes Pereira, 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência, ao Rego, 91, Tel. 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Roma—Avenida de Roma, 85-B, Tel. 772466; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Providência—Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego), Tel. 77034; Sagres—Av. Luís Bivar, 69-71 Tel. 47213; Latina Av. António Agusto de Aguiar, 17-A, Tel. 42312; Sá da deira, 36, Tel. 41961; Fonseca—Largo D. Estefania, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Ld.ª—Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A-39, Tel. 862909; Dalton — Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A/B, Tel. 723965; Antolin, Ld.ª — Avenida Almirante Reis, 88-B/C, Tel. 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; Salutar — Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade), 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Águas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel. 687949; Linaida—Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Micael — Rua de S. Bento, 380-382, Tel. 662162; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista á Lapa, 37, Tel. 661251; Higilux—Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Química, Ld.ª — R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel. 661330; Macedo — Rua do Loreto, 71, Tel. 23631; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46490; Salix, Ld.ª — Rua Barata Salgueiro, 54, Tel. 730820; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel. 30927; Normal — Rua da Prata, 220, Tel. 21342 — A — Celta — Rua Moura Girão, 3-B, Telefone 710621.

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 1728



HORIZONTAIS: 1—Traz á lembrança. Lobrigar. 2—Extinguirei. 3 — Profetizar. Simbolo químico do alumínio. 4—Cercadura. Dirige. 5—Curso natural de água. Enseadas. 6—Seguia. Soberania. 7—Ficarem devolutos. 8—Cidade da Galiza. Nada. 9—Convenço. Querer bem. 10—Bom para comer. 11—Afastas.

VERTICAIS: 1—Porto ou centro a que afluem muitos estrangeiros para comerciar. Casa. 2—Impelia diante de si. Observa. 3—Uma das melhores partituras de Verdi, com poema de Arrigo Boito tirado de um drama famoso de Shakespeare. Existir. 4 — Rouca. Templo Pagão, na Ásia. 5 — Decametro quadrado. Peço. Nome antigo da nota musical «dó». 6 — Falsa. Além. 7 — Avistei. Rio da Alemanha, afluente do Fulda. Maior. 8 — Moura. 9 — Vil. Oportunidades.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1727

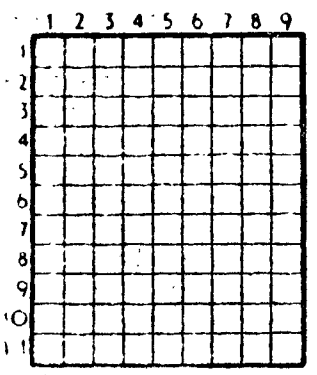
HORIZONTAIS: 1 — COM. Trina. 2—Ru. Broa. 3—O. Trio. Si. 4—Nariz. Mus. 5 — An. FOGO. 6—Coice. Dês. 7—Abrandes. 8—Torta. 9—Saude. NÃO. 10—Nó. Cáos. 11—Doidas.

VERTICAIS: 1 — Crónica. SE. 2—Ou. Obra. 3—Trair. Uno. 4—BRINCA. Doi. 5 — Triz. Ente. 6—Roo. Dó. Cá. 7 Ia. Modernas. 8—Sugestão. 9 —Avisos. Aos.

(Provérbio: COM O FOGO NÃO SE BRINCA).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3777



HORIZONTAIS: 1—Fortalezas. 2—Estavam. Caixão funerário. 3—Defendeis com arames. 4—Apelido do autor do célebre conto «Suave milagre». Util. 5—Cidade de França onde nasceu João, o Bom. Transpirai. 6—Imediatamente. Prefixo de negação. 7—Ilha inglesa no Mar da Irlanda. Cabelos brancos. 8—Interjeição de dor. Nome de mulher. Campeão. 9—Partir. Fronteira. 10—Arrosta. Substancia que se extrai das algas. 11—Partem. Sufixo de abundancia (pl.).

VERTICAIS: 1—Nome de uma letra. Nome de mulher. Empregas. 2 — Arvore mirtácea da América. Dera mios. 3—Fruto da laranjeira. Levante 4—Alguma. Remediaram. 5—A mim. 6—Artéria. Assassino pago. 7—Espécie de pulpito onde os oradores falam aas assembleias legislativas. Preposição e artigo (pl.). 8—Languesce devido ao calor. Saliente. 9—Apelido. Pronome pessoal. Ilesos.

Solução do problema n.º 3776

HORIZONTAIS: 1 — Sara. Três. 2—Roer. Rama. 3—Sai. Ala. 4—Larva. 5—Im. El. 6—Remi. Satã. 7—Sós. Sia. 8—Ambos. 9—Os. Ois. Pé. 10—Coa. Eia. 11—Arrearmos.

VERTICAIS: 1—Sr. Rir. Doca. 2 — Aos. Mês. Sor. 3 — Real. Moa. Ar. 4—Arianismo. 5—Bica. 6—Travessos. 7 — Rala. Ais. Em. 8—Ema. Eta. Pio. 9—Sá. Olá. Deas.

NECROLOGIA

José Pedro Pires Parra

José Parra

CASTRO MARIM, 26.—Efectuou-se nesta vila, o funeral do sr. José Pedro Pires Parra, proprietário e professor primário aposentado, de 74 anos de idade, falecido após alguns meses de dolorosa e incurável doença.

Era casado com a sr.ª D. Custódia da Encarnação Soromenho Moreira Parra, pai e avô dos srs. António Valentim Moreira Parra, secretário da Camara Municipal deste concelho, Albano José Moreira Parra, adjunto da Inspecção do Trabalho em Lisboa, e Joaquim Moreira Parra, funcionário administrativo na Camara Municipal de Faro e da sr.ª D. Maria António Jacinto Moreira Parra Gomes, casada com o dr. José Afonso Gomes, médico municipal e subdelegado de Saude.

O extinto, que possua elevados dotes de carácter e bondade, teve um funeral muito concorrido por pessoas de todas as categoriais sociais.

Solícito correspondente, há muitos anos, do «Diário de Lisboa», desempenhou também, entre outros, os cargos de inspector e delegado escolar e foi, durante muito tempo, administrador deste concelho.

A sua perda foi muito sentida, pois era pessoa geralmente estimada e respeitada e defensor dedicado dos interesses da região.

A' família enlutada, apresentamos os nossos pêsames.

António Mendes de Freitas

Com grande acompanhamento, realizou-se, esta manhã, o funeral do sr. António Mendes de Freitas, de 48 anos, funcionário da secção de propaganda médica do Instituto Pasteur, que deixa viuva a sr.ª D. Eduarda Zilda Clara Guerra Mendes de Freitas, enfermeira-geral do Hospital D. Estefania. Era primo do sr. dr. Mendes Fagundes, cirurgião dos Hospitais Civis de Lisboa.

O préstito saiu da residência do falecido, Rua Joaquim Bonifácio, 1., 3.º, direito, para o cemitério dos Prazeres.

FEIRAS, FESTAS E ROMARIAS

a realizar no mês de Setembro

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Setembro, as feiras, festas e romarias que a seguir se indicam, a C. P. vende, em algumas das suas estações, bilhetes a preços reduzidos.

ELVAS — Festas e Feira de São Mateus, nos dias 20 a 27.

AZIBO — Romaria a Santo Ambrósio, no dia 27.

TORTOSENDO — Feira Anual, no dia 29.

SOUSEL — Feira Anual, nos dias 29 e 30.

FAMALICÃO — Feira Anual, nos dias 29 e 30.

Os cartazes anunciadores destes serviços especiais podem ser consultados nas estações.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
TELEFONES 43189 — 43180—55301—66 27 72—08 00 72

NA AVENIDA DE ALMADA em Almada, Av. Afonso Henriques, 9, vende-se o «DIARIO DE LISBOA»

A semana do contribuinte

JURISPRUDÊNCIA

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL

Prédios ou andares devolutos

Tem direito á anulação da contribuição predial o proprietário do prédio que se manteve devoluto, sem mobília e com escritos, por o respectivo arrendamento não ser viável, em vista do risco iminente de expropriação e demolição.

— Quando o prédio urbano ficar devoluto, no todo ou em parte, durante um ou mais meses do ano, o proprietário ou usufrutuário terá direito á anulação dos correspondentes duodécimos.

— Código da Cont. Predial, artigo 190.º.

— Decreto n.º 20.549, de 25-11-1931, art. 2.º.

— Decreto n.º 26.338, de 5-2-1936, art. 19.º.

Para a execução do disposto acima deverá ter-se em vista:

Que os prédios ou suas divisões, que estiverem arrendados, embora o locatário os não habite, e os que forem ocupados pelo proprietário ou por este cedidos gratuitamente, não tem anulação de colecta;

Que os prédios ou divisões de prédios mobilados, se considerem arrendados e ficam sujeitos á contribuição;

Que devem o imposto os prédios ou suas divisões embora desabitados e sem mobília, acerca dos quais se prove que o senhorio exigiu renda superior á constante da matriz.

— In Código da Cont. Predial, art.º 190.º, § unico e seus n.ºs 1.º, 2.º e 3.º.

É jurisprudência dos tribunais superiores do Contencioso das Contribuições e Impostos que é de atender o pedido de anulação de contribuição predial de um prédio expropriado e demolido, embora o reclamante não tenha feito prova alguma, se as informações oficiais confirmam tais factos, pois que estão eles fora do alcance do § unico do artigo 2.º do Decreto n.º 20.549, de 25 de Novembro de 1931.

E também que o facto do prédio ter ficado devoluto e sem qualquer aplicação nos anos anteriores á colecta de que se pede a anulação e de terem sido anuladas as respectivas colectas, não dispensa que se entregue todos os anos a respectiva declaração, visto que não pode ser atendida a reclamação que não venha acompanhada do duplicado da declaração e tais reclamações são anuais — In Decreto n.º 20.549, art.º 2.º e C. C. Predial, art.º 189.º, com as actualizações posteriores.

Assim, se a informação da fiscalização confirma que um prédio ou seus andares, estiveram devolutos, com escritos e sem mobília, durante o ano de que se reclama a anulação dos duodécimos da colecta, por falta de inquilinos e ainda por se encontrarem em mau estado de conservação, sem condições de serem ocupados, e bem assim de há muito virem sendo movidas diligências pela Camara Municipal, pelo que, como se disse, estando o prédio abrangido pela planta de expropriação e sob iminente risco de demolição, não oferecendo quaisquer garantias a eventuais pretendentes ao arrendamento, nem possibilitando a realização de obras que tornem viável tal arrendamento, e deste modo, e porque o reclamante oportunamente apresentou e *renovou* a participação do estado de devoluto dos andares em questão — «circunstancia que é essencial verificar-se, o pedido é de atender, concedendo-se a anulação dos correspondentes duodécimos da colecta, pois que nesta hipótese, não se verifica a *privação do rendimento*, por exclusiva vontade do reclamante».

Neste sentido se orientou já a decisão referida do Supremo Tribunal Administrativo—Recurso n.º 14.129.

Os rebeldes argelinos
darão "resposta construtiva"
ao plano dogeneral de Gaulle

TUNES, 26 — Um dos chefes da rebelião argelina, Mohamed Yazid, declarou hoje que será dada uma «resposta construtiva ao plano de paz do presidente de Gaulle».

Yazid recusou-se a prestar quaisquer outros esclarecimentos, quando os jornalistas, reunidos numa conferência de Imprensa convocada pelo ministro da Informação da Tunísia, Mohamed Masmoudi, instaram por mais pormenores da atitude de que os dirigentes rebeldes resolveram assumir perante o novo plano para o restabelecimento da paz na Argélia. Yazid desempenha no «governo» argelino o cargo de «ministro» da Informação.

Ontem, á noite, um informador dos rebeldes declarou que a resposta ao plano do general de Gaulle será tornada publica na segunda-feira próxima.

Crê-se que a demora tenha sido motivada pelo facto de os dirigentes rebeldes aguardarem o resultado das consultas com o rei Mohamed V. de Marrocos e alguns membros do Gabinete marroquino.

Abdellatif Boussouf, «ministro» das Comunicações do «governo» argelino, é esperado em Tunes, neste fim de semana, de regresso de Rabat, depois de ter conferenciado, como emissário, com o soberano e os ministros marroquinos. — (A. N. I.).

Bourguiba impõe a aceitação do plano?

CAIRO, 26 — «O presidente Bourguiba ameaçou a F. L. N. de fechar a fronteira tuniso-líbia se o G. P. R. A. rejeitasse o projecto do general de Gaulle para a Argélia»—afirma o «Al Chaab», esta manhã.

Citando «fontes árabes idóneas», o mesmo jornal afirma que o rei Mohamed V. de Marrocos, aprovaria a atitude da F. L. N. hostil áquele projecto.

Por sua vez, o semanário «Akhbar el Yom» escreve: «Não querendo ser o unico sócio do clube daqueles que abandonaram a nação árabe, Bourguiba contenta-se com a sociedade de Abdel Kerim Kassem (chefe do Governo iraquiano)». O jornal acusa Kassem de «novo Quisling». — (F. P.).

Fez 26 mortos uma emboscada dos rebeldes

ORAN, 26 — A emboscada rebelde, a uns 20 quilómetros de Aflu, no Sul de Oran, na quinta-feira, na qual cairam os elementos de uma caravana das forças de segurança, fez ao todo 26 mortos: auxiliares muçulmanos, gendarmes, o «caide» de Palat, El Hadj Ali, o irmão deste e militares europeus pertencentes a unidades do sector de Aflu.

A caravana contava cinco veículos civis e três militares, partira de Tiaret e dirigia-se para um posto. O ataque, que aniquilou praticamente a escolta militar, deu-se na ocasião em que a caravana saia da estrada e entrava em campo aberto. — (F. P.).

A greve do aço
nos Estados Unidos continua sem solução

NOVA YORK, 26 — Em consequência do adiamento «sine die» das negociações referentes á greve na industria siderurgica, as delegações patronal e sindical anunciaram a sua intenção de prepararem uma declaração em que expõem as respectivas posições.

Por outro lado, Joseph Finniga, chefe do Serviço Federal de Mediação, indicou que os delegados patronais tinham proposto uma reunião para a próxima segunda-feira para discussão das cláusulas referentes á segurança do emprego, no contrato de trabalho. Os delegados sindicais, porém, informaram não desejar participar nessa reunião, a menos que os delegados dos patrões desistissem do seu pedido quanto ás condições de trabalho, como cláusula prévia para a negociação de um contrato.

Na opinião dos observadores, o adiamento das discussões significa o fim das negociações «colectivas». Torna-se necessário, portanto, segundo tudo leva a crer, recorrer-se ás disposições contidas na lei Taft-Hartley, para que recomece o trabalho na industria siderurgica. Nos termos desta lei, os operários têm que comparecer nas fábricas durante 80 dias, período em que os negociadores prosseguirão as suas discussões. — (F. P.).

UM ANTIGO
«gangster» de Al Capone encontrado morto mais a companheira

NOVA YORK, 26 — Durante a noite, a Polícia descobriu, num automóvel estacionado nesta cidade, o corpo de um homem assassinado e o de uma mulher bastante nova. Um e outro haviam sido mortos com uma bala na nuca.

O homem foi identificado: um tal Pisano, célebre nos anais da Polícia de há vinte anos, quando fazia parte da quadrilha de Al Capone. Não se conhece ainda a identidade da mulher que o acompanhava. — (F. P.).

Estupefacientes
queimados no Rio à vista do público

RIO DE JANEIRO, 26. — Por ordem da Comissão Nacional de Fiscalização de Estupefacientes, foram queimados publicam nte 100 quilos de morfina, marijuana, cocaína e outros estupefacientes, que foram apreendidos pelas autoridades em vários pontos do território brasileiro, quando grupos de contrabandistas, procedentes da Colômbia, da Bolívia e do Chile, tentavam introduzir aquelas drogas no Brasil. — (A. N. I.).

«SIR» LESLIE MORSHEAD

Faleceu o general
«sir» Leslie Morshead um dos defensores de Tobruk

SIDNEY, 26 — O tenente-general «sir» Leslie Morshead faleceu esta madrugada, com 70 anos.

Morshead tornou-se famoso durante a 2.ª guerra mundial como defensor de Tobruk e, depois, por actos de bravura praticados com a 9.ª divisão australiana, em El Alamein, contra as tropas alemãs do marechal Rommel. — (A. N. I.).

N. da R. — A defesa de Trobuk foi um dos episódios mais dramáticos da 2.ª guerra mundial. Neste pequeno, mas importante porto do Mediterraneo, instalado na costa setentrional da Africa, viveram-se algumas das batalhas mais decisivas para o resultado da guerra. Os Italianos fizeram deste porto um importante centro estratégico que, no início da guerra, com a derrota das forças do marechal Graziani, ficou nas mãos do Exército britanico e se tornou um dos baluartes da defesa dos Aliados. Mas o arranco fulminante de Rommel isolou Tobruk, que durante muitos dias, sob o comando de «sir» Leslie Morshead, resistiu heróicamente, até capitular, queimados os ultimos cartuchos, perante um inimigo mais poderoso em efectivos e material.

Tobruk voltou, no entanto, ás mãos dos Ingleses, depois da vitória brilhante de Montgomery, em El Alamein, e foi depois, da maior valia como ponte estratégica em ligação com Malta.

Tobruk passou assim de lugarejo pouco conhecido a símbolo da resistência dos Aliados no Norte de Africa.

Admite-se que especialistas
russos e norte-americanos venham a intervir nas conversações entre Eisenhower e Kruchtchev

GETTYSBURG (Pennsylvania), 26 — A «discussão geral» acerca da situação mundial, começada ontem em Camp David, e que deve durar até domingo, ás 12 horas, retem a atenção dos dois homens de Estado, instalados no chalet «Aspen» com os respectivos ministros dos Negócios Estrangeiros.

As outras personalidades americanas e soviéticas habitam diversas vivendas no parque de Camp David.

A discussão geral, segundo sublinhou o informador da Casa Branca, não constitui, de forma alguma, uma negociação acerca dos problemas de interesse especial para as outras potências.

Até ao jantar, fixado para as 20 horas (locais), os dois presidentes prosseguiram nas suas conversações, numa pequena sala da vivenda «Aspen», tendo a conversa, provávelmente, continuado mesmo durante a refeição. É, no entanto, possível que os dois presidentes, em virtude da sua fadiga, tivessem retirado cedo para os aposentos respectivos.

A discussão obedeceu a uma ordem cronológica dos assuntos, organizada por Christian Herter e André Gromyko, não se sabendo, porém, quais foram os problemas discutidos.

Depois do jantar, o presidente Eisenhower, mostrou ao seu convidado um filme da viagem do «Nautilus», sob a calote do pólo, para o que fez vir especialmente a película para Camp David. Esta exibição foi feita a pedido de Kruchtchev.

As conversações recomeçarão hoje, ás 13 horas (T. M. G.)., não sendo interrompidas senão ao almoço, para recomeçarem á tarde.

É provável que especialistas americanos e russos, vindos de Washington, sejam hoje convocados. A primeira personalidade que chegará a Camp David é o vice-presidente Richard Nixon.

Nada por enquanto foi estabelecido, a fim de o presidente Eisenhower mostrar a Kruchtchev a sua propriedade de Gettysburg ou o campo de batalha em redor daquela, mas é possível, em qualquer momento, vir a mostrar ao seu visitante os produtos da sua lavra, visto este estar especialmente interessado nos problemas agrícolas.

O informador da Casa Branca afirmou que a questão da data e programa da viagem de Eisenhower á União Soviética, será, também, agora discutida. O mesmo informador, antes da partida de Kruchtchev para a sua viagem através dos Estados Unidos, tinha declarado que a data da viagem de Eisenhower á U. R. S. S., seria anunciada antes do regresso do chefe do Governo soviético a Moscovo. A partida de Kruchtchev está marcada para as 22 horas de domingo, ou seja 2 horas (T. M. G.) de segunda-feira.

Segundo informações recolhidas até agora, nos meios autorizados americanos e soviéticos, as conversações de Camp David começaram em óptima atmosfera, e a maior parte dos assuntos que serão examinados revestem grande interesse para todos os países, sendo evidente poderem os dois presidentes negociar e, eventualmente, pôr-se de acordo ácerca de certos pontos quanto aos problemas de interesse puramente americano-soviético.

Uma guarda de fusileiros navais, colocada a alguns quilómetros de distancia, ao redor de Camp David, não deixará que a multidão de jornalistas e fotógrafos que acompanhou Kruchtchev na sua viagem através dos Estados Unidos, tenha o menor contacto com os dois homens de Estado. Foram as instruções dadas pelo presidente Eisenhower que, ao contrário de Kruchtchev, se opõe a discussões na «praça publica».

Há poucas indicações ácerca do que até agora se disse. Mas a nota dominante é ter Kruchtchev afirmado estar pronto a fazer tudo para melhorar as relações entre os dois países, no interesse da paz mundial.—(F. P.).

Confiança em Londres

LONDRES, 26 — O Governo britanico está absolutamente convencido de que o presidente Eisenhower não tomará qualquer compromisso, sem primeiro ter consultado os Aliados. Fonte autorizada recorda que o presidente americano, por ocasião da sua estadia na Europa, há algumas semanas, tomou esse compromisso. De qualquer modo, espera-se que Eisenhower informe os seus principais aliados europeus dos resultados das suas conversas com Kruchtchev, antes de ir a Moscovo, possívelmente em Outubro.

Por outro lado, os círculos geralmente bem informados são da opinião quem em Camp David, além dos problemas de interesse soviético-americano, como sejam as permutas comerciais e culturais, se discutirá apenas Berlim e alguns aspectos do desarmamento. Crê-se que Kruchtchev apresentará a posição do seu Governo quanto a estes problemas, e, possívelmente, novas sugestões. Não se exclui, em Whitehall, a possibilidade dos ministros dos Negócios Estrangeiros se reunirem de novo em Genebra, para preparar uma conferência ao mais alto nível.

De qualquer modo, uma nova sugestão acerca das experiências nucleares e do desarmamento geral será, sem duvida discutida, nas conferências a realizar em Genebra, em Outubro e Janeiro próximos.

Como se sabe, dizem, ainda, os círculos autorizados, «K» irá a Pequim logo após o seu regresso a Moscovo, para assistir ás comemorações do décimo aniversário do regime. Esperam-se com vivo interesse os resultados dessa visita. — (France Presse).

O chefe do Governo do Ceilão
sucumbiu aos ferimentos recebidos no atentado de que ontem foi alvo

COLOMBO, 26 — Salomão Bandaranaike, primeiro-ministro do Ceilão, sucumbiu aos ferimentos que havia sofrido no atentado de ontem.

Dez minutos antes de expirar, Bandaranaike ainda conversava com sua mulher, perguntando-lhe se entendia que era conveniente chamar um especialista estrangeiro e, depois, inquirindo da razão por que o criminoso havia aberto fogo contra ele. De repente, tornou-se muito pálido. O médico acorreu imediatamente á cabeceira do enfermo que, dois minutos depois, dava o ultimo suspiro. Contava 60 anos.

Logo que houve conhecimento da notícia, os ministros tiveram uma reunião de urgência para exame da situação.

Mais tarde, foram á residência do governador-geral. Crê-se que este pedirá a Dhanayake, ministro da Educação, que forme o novo Ministério.

Salomão Bandaranaike foi primeiro-ministro após as eleições gerais de 1956. Chefiava então uma coligação que reunia o seu próprio partido, o Partido da Liberdade, além do Partido Marxista Revolucionário e de alguns pequenos agrupamentos militares. Filho de uma família aristocrática de Ceilão, era muito popular entre as massas. Tirou o curso de Direito em Oxford. Aluno do conhecido Christ Church College, Bandaranaike, extremamente eloquente, venceu Malcolm MacDonald na compita para o cargo de secretário. Também foi contemporaneo de sir Anthony Eden. Regressou a Ceilão em 1927. — (F. P.).

O novo primeiro-ministro prestou juramento

COLOMBO, 26 — O governador-geral, «sir» Oliver Goonetileke, encarregou o ministro da Educação, Wijayananda, de formar o novo Governo cingalês.

O novo chefe do Governo convocou imediatamente o Parlamento.

Dahanayake, que conta 56 anos, prestou juramento como presidente do Conselho perante o governador-geral. — (A. N. I.).

Forças do Iraque
desrespeitaram ordens do general Kassem

DAMASCO, 26 — «Forças iraquianas com base em Ramadi recusaram-se a executar a ordem do general Kassem, de fazer fogo sobre os manifestantes, e juntaram-se a estes, exprimindo assim a sua indignação contra a execução dos heróis da revolução iraquiana», afirma o «Saut Ularab», citando notícias recebidas de Bagdad.

Acrescenta o jornal que «Abdul Kerim Kassem, mais conhecido pelo «Sanguinário», continua a perseguir a família do mártir Nazem Tabakjali. Demitiu a mulher deste de directora de uma escola primária, mandou prender um irmão, sem qualquer razão plausível, bem como a filha, de 12 anos, porque tomou parte numa manifestação de hostilidade á sua pessoa». — (F. P.).

EXCURSÕES

PARTIDAS ASSEGURADAS COM QUALQUER NÚMERO DE PASSAGEIROS

*

SEVILHA E TÂNGER

DE 4 A 11 DE OUTUBRO E VISITA ÀS MARAVILHOSAS GRUTAS DE ARACENA

Preços: 500$00, 1.600$00 ou 2.000$00

*

MADRID

DE 4 A 11 DE OUTUBRO, VISITANDO:

ESCORIAL-ARANJUEZ-TOLEDO E VALE DOS CAÍDOS

Visitando-se o imponente monumento em homenagem aos que tombaram na guerra civil de Espanha!

Preços: 450$00, 1.600$00 e 2.000$00

*

PARIS

DE 10 A 29 DE OUTUBRO VISITANDO:

VERSAILLES - LOURDES - MADRID

SALAMANCA, BURGOS, SAN SEBASTIAN, BIARRITZ, BORDEAUX, TOURS, FONTAINEBLEAU, ETC.

6 dias de estada em Paris!

PREÇOS: 1.300$00 OU 2.800$00

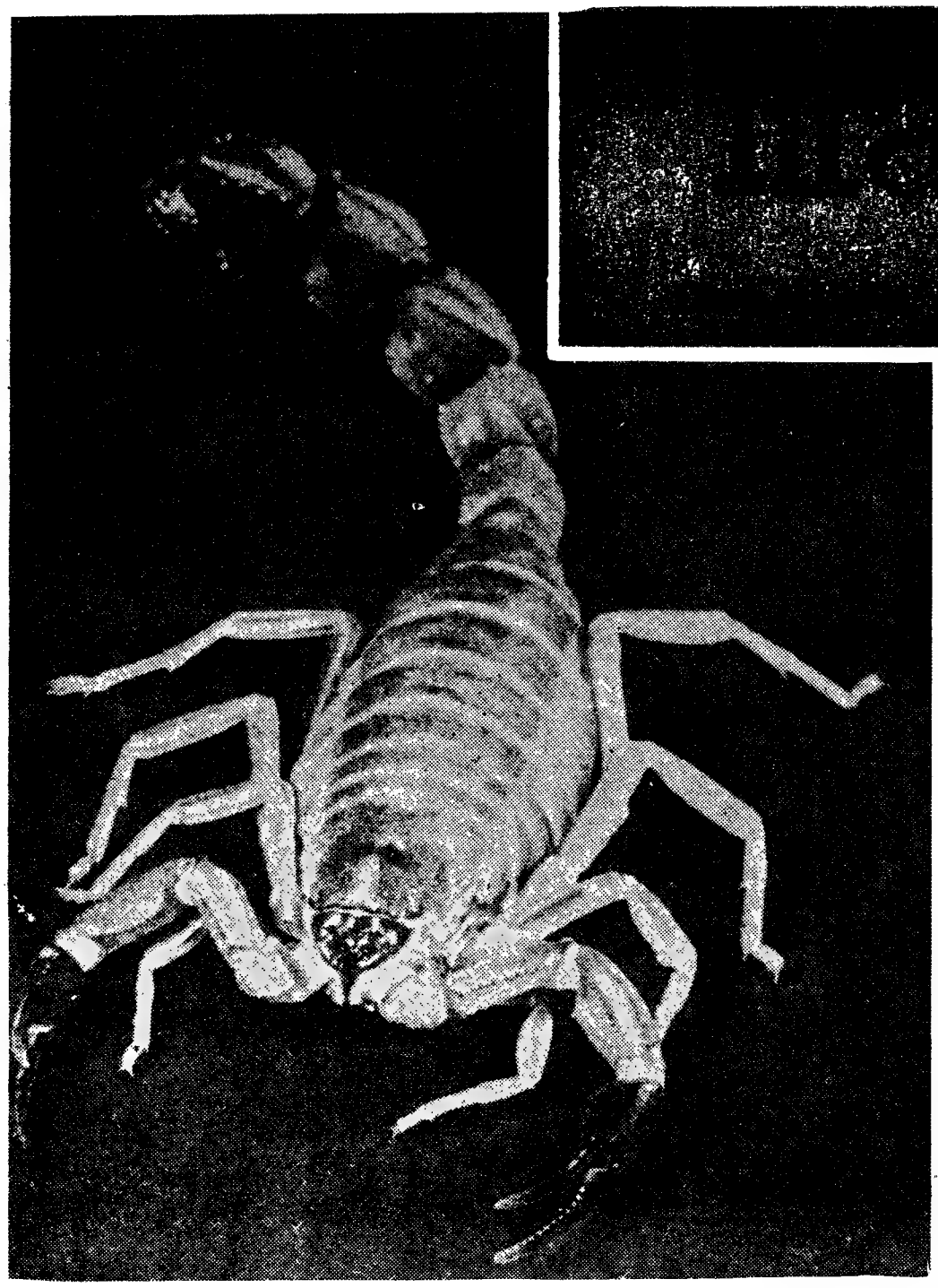
*

PROGRAMAS, INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES NA

AGÊNCIA DE VIAGENS RODARTE

RUA DA PALMA, 159-A

TELEFONE 861214 — LISBOA



FOI ELE O PRIMEIRO HABITANTE DA TERRA?

(Crónica muito instrutiva para uso de senhorios, oradores, tisiologistas, racistas e conservadores)

UMA DESCOBERTA PERTURBADORA

No mês de Dezembro de 1884 o zoologista francês Alphonse Milne-Edwards ia na Academia das Ciências de Paris uma comunicação sensacional enviada pelo sábio sueco Lindstrom. Relatava-se aí que o seu autor descobrira um fóssil de lacrau nas praias da ilha de Gotlandia, consideradas as mais antigas das terras imersas do Globo. Nunca se encontrara animal terráquio tão velho; e o facto ainda mais extraordinário é que o fóssil em questão só em mínimos pormenores se distinguia dos escorpiões actuais; no resto era perfeitamente idêntico áquele com que hoje deparamos em qualquer ponto do Globo, por muito diferentes que sejam as condições geográficas. Quer dizer: em «400 milhões de anos» (o leitor faz bem ideia do que seja esta cifra?) o lacrau não sofrera alterações em qualquer dos seus órgãos; já nessa antiquíssima data era um animal completamente adaptado ao ambiente que o cercava. Eis um sujeito que, durante tantos milhões de anos, não ligara qualquer importancia ás teorias da evolução e, cheio de prosápia acerca das excelências da família, tratava de a reproduzir com uns escrupulos de pureza rácica que os nacionais-socialistas alemães não conseguiram imitar.

Os sábios encontravam-se em face de uma perturbadora pergunta: seria o escorpião o primeiro inquilino da terra, o primeiro a poder discutir com a futuríssima raça dos senhorios (seus parentes próximos em matéria de conservantismo, de falta de respeito para com as teorios da evolução) o direito a uma venda barata, fundado no princípio do «primus ocupandi?»

Os órgãos altamente eficazes dos membros da família dos aracnídeos (a que pertence o lacrau) permitiram-lhes resistir ás mais profundas perturbações, cataclismos e transformações do planeta. Enquanto tantos e tantos seres sucumbiram ou, para sobreviver, tiveram de sofrer grande obras, não só na carroçaria como nos órgãos internos — o lacrau era exemplo ideal de todos os partidos conservadores: tudo se passava como se nada de novo surgisse á sua roda. O leitor compreende agora como o escorpião se tornou a «Dulcineia» dos zoólogos, o «animal dos seus sonhos». De tanto amor resultou que hoje o misterioso lacrau já deixou revelar muitos dos seus segredos.

Gostam de pregar no deserto

Eis uma das suas predilecções: o gosto pela vida no deserto, longe dos grandes centros urbanos e de cultura, em locais sóbrios, bons para a meditação venenosa (que eficazmente acumulam não no cérebro, como os seres humanos — e nisso se diferenciam — mas na cauda). Foi, pois, um predecessor dos grandes eremitas medievais,

(Continua na página central)

CRÓNICA DE MADRID

LOUCURA MUSICAL

por RAMON REINOSO

"AS vezes as surpresas que saltam dos pés dos economistas são tão grandes que todos os seus cálculos se vão ao ar ante o fugidio problema do dinheiro. Tal sucedeu em Espanha nos ultimos tempos quando, atravessando o país uma profunda crise económica, se alcançou, apesar de tudo, uma cifra astronómica na venda de discos em microgravação. Considerado artigo de luxo, sobrecarregado de impostos e, portanto de elevado preço, o disco atraiu a atenção de pessoas de todas as classes sociais, adquirido por muitas que não possuiam «pick-up» e até se converteram em objectos de adorno. Embora admitindo que seja moda comum a todos os países, não deixa de surpreender que apareça numa época o mais afastada possível dum bem estar assente na satisfação das necessidades mais elementares da existência.

O primeiro «record» de venda foi o dos discos do filme «El ultimo cuplé», que, embora bem feito, se temia, antes da estreia, fosse um fracasso. Por isso o produtor vendeu-o a baixo preço antes mesmo de o terminar. No cinema de estreia manteve-se, porém, 44 semanas! Todo este tempo a casa fabricante dos discos não teve mãos a medir: afirma-se que vendeu 150 mil unidades, coisa unica, até então, em Espanha.

Veio depois a musica da fita de Sara Montiel — «La Violetera», estreada na Primavera de 1958: as musicas caíram tanto no goto do publico que, ao fim de um ano, ainda as emissoras radiam estes «cuplés» nascidos no princípio do século e que se julgavam esquecidos em vista da sua má qualidade. A alegria foi grande entre os proprietários dos direitos destas canções, velhas de 40 anos...

Deu-se como explicação do êxito o facto dos maiores de 60 anos os terem ouvido na juventude e isso lhes servir de consolo, hoje.

A terceira surpresa foi a fulminante aceitação de Paul Auka. A imagem do jovem cantor canadiano multiplicou-se por toda a Espanha; em todos os sítios se ouve a sua voz, e apesar de falar inglês, em sete meses venderam-se 60 mil discos seus. Se «La Violetera» teve um publico de adultos, Paul Auka atrai os jovens dos 15 aos 20 anos, tal como sucedeu noutros países com Presley, Steel e Fabian. A solidão e a incerteza destas jovens encontra na voz desgarrada de Anka um refrigério que os sociólogos deveriam estudar, como sinal da carência de ideais nobres e claros de que padecem os jovens de 20 anos, em face do futuro, e os de 55, mirando o passado.

DO PASSEIO A PÉ AO PASSEIO À LUA

É bem verdade que o vacabulário vai andar em bolandas. Não se trata apenas daquele neologismo «ALUNAR» que tanto pigarro causou aos gotos conservadores; mais do que criar palavras novas, há que mandar para a reforma muitos termos e expressões com que os nossos avós se sentiam tão bem. Em primeiro lugar o «pedibus», «calcantibus», o «palmilhar»—são trastes a caminho do museu. Até nos sentimos tontos ao ler que o «Lunik

(Continua na 3.ª página)

CORRIDA PARA A VIDA

por HUGO FERNANDES

Nos tempos que correm tem-se defendido com insistência o conceito da «luta pela vida», que nos aparece em vários campos: na ciência, na arte e na própria existência humana. Tal conceito vem de longa data, mas foi a partir de meados do século passado que começou a ser largamente utilizado para explicar as manifestações variadas, por vezes catastróficas, da vida moderna. Dentro desta ordem de ideias, parece existir uma oposição constante entre o homem e a vida, considerando-se esta como complexo de toda a realidade circundante. Daí surgir um desequilíbrio, uma incompatibilidade, que se revela nos movimentos precipitados, nas atitudes violentas, nos desesperos e desânimos, no desinteresse que são o triste apanágio dos homens de um Mundo desorientado. Tais consequências têm vindo a acentuar-se progressivamente após as duas grandes guerras mundiais. A' volta destes dois acontecimentos históricos, desenvolve-se, como se compreende, uma situação de crise que abrange vários aspectos da sociedade, e onde sucumbe o que não essencial, o que foi, em suma, ultrapassado.

Perante a contingência que resulta destes acontecimentos, particularmente significativos, sente-se a necessidade de ressuscitar conceitos outrora formulados que foram abandonados ou olvidados pelos caminhos donde brotaram, uma vez que não respondiam ás exigên-

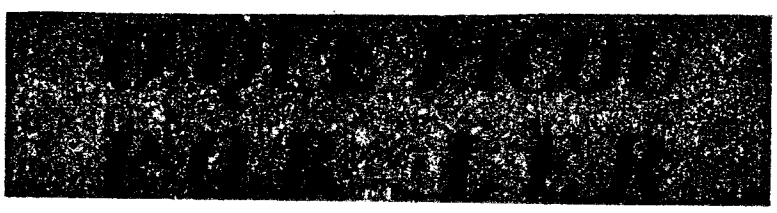
(Continua na página central)

O último poeta romântico

Eis um tipo que já se não usa. No tempo do «vai alta a Lua na mansão da morte» possuia um ladrar profundo, cetinoso, sussurrante, tinha estes olhos em alvo, a pedir licença para viver e mostrava a expressão fatal de quem supõe ter vida de cão». As cadelas da época já se sentiam, porém, perturbadas com o seu ar de juiz-conselheiro, as suas ousadias de pera «existencialista». O seu olhar, a quase um século de distancia, pendurado na face brunida da Lua, sonhava já com «Luniks II». Emendando o poeta, os seus pequenos latidos queriam dizer:

Vai alto o Lunik na mansão da Lua
Já a chegada com fragor soou.
No mar tranquilo de quem vai na sua
Só tem descanso quem acreditou.

Tinha razão. O cão foi o primeiro terráquio a chegar á Lua. Ladrando.



2 Noticias por cada país

AMÉRICA

Em Santo António, Texas. Paris Flower, rapariguinha de doze anos, quando andava a passear de bicicleta, foi atropelada por um camião da Polícia que trazia, num enorme cartaz, a seguinte legenda:

«A VOZ DA SEGURANÇA NA ESTRADA».

Além disto trazia a bordo um alto-falante que transmitia conselhos aos imprudentes e aos distraídos.

*

Os advogados Samwel Starr e Bernardo Ranfman, de Chicago, pagaram quarenta dólares a um detective privado para que obtivesse informações sobre o ladrão que se atrevera a roubar as beatas de charuto que haviam deixado no corredor antes de entrar na sala de audiências.

INGLATERRA

Continua na Grã-Bretanha a campanha contra os restos (de papeis, cascas de fruta, etc.) deitados nos parques, locais publicos e outros sítios. Das investigações feitas por M. Rupert Speir, deputado conservador, conclui-se que a unica localidade de Inglaterra e de Gales na qual a campanha não poderia dar frutos é a Camara dos Comuns.

*

O capitão James Armstrong, comandante dum transatlantico inglês foi licenciado pela sua companhia em virtude de uma bela passageira que ceava á sua mesa ficar em trajes menores na sala de 1.ª classe. O fato da senhora, muito apertado, rompera-se por ela haver respirado um pouco mais fundo.

FRANÇA

A alguns quilómetros de Bonnieres, na estrada de Ruão, lia-se o seguinte dístico no pórtico duma igreja do século XIII:

«VENDE-SE. PREÇO SETE MILHÕES. TELEFONE GOBELINS 08.33».

A igreja pertence ao senhor Coiffier, um antiquário parisiense, ao qual fora cedida pelo bispo que não queria acarretar com as despesas da sua conservação.

*

Falando dos «esfolados» deste Mundo, o sr. Georges De Witt, comediógrafo, manifestou o seguinte parecer:

«A raposa não é o unico animal esfolado em holocausto ao sexo fraco. Os maridos também pertencem á mesma classe».

RÚSSIA

O major V. S. Iljusquin, de 32 anos de idade, acaba de cometer uma alta proeza. Pilotando um avião de reacção T.-421, acaba de atingir a altitude de 28.670 metros.

*

De hoje em diante podem comprar-se a prazo: rádios e máquinas fotográficas de valor superior a quatrocentos rublos, bicicletas, motos, barcos, espingardas de caça de valor superior a

(Continua na 7.ª página)

Nunca ficou bem esclarecida a responsabilidade de Cagliostro no famoso «affaire» do colar, mas pelo menos sabe-se ter sido ele quem apresentou a célebre condessa de La Motte ao infeliz cardeal de Rohan. E das intrigas dessa mulher, auxiliada provávelmente pela forte sugestão que Cagliostro exercia sobre o cardeal, surgiu todo esse espantoso caso.

O cardeal príncipe de Rohan, anos atrás representante do seu país na corte austríaca, tinha despertado a antipatia da soberana Maria Teresa, que era mãe da rainha de França. Ao regressar a Paris, o ex-embaixador foi recebido com muita frieza pelo rei e por Maria Antonieta, vendo assim frustrar-se a sua ambição de chegar a ser o grande valido de Luís XVI. Desesperado com o mau acolhimento, o aspirante a Richilieu passou desde então a procurar afanosamente uma pessoa capaz de reconciliá-lo com a rainha.

A condessa de La Motte era uma antiga mendiga que tinha subido na escala social graças a circunstancias bastante novelescas. Descendente dos Valois por um ramo colateral, fora durante algum tempjo protegida pela marquesa de Boulainvilliers e acabara por contrair matrimónio com o insignificante e pobre conde Nicolas de La Motte. Cansada da humilhante dependência em que sempre estivera, a La Motte vivia devorada pela ambição de conseguir uma fortuna correspondente á importancia que atribuia aos seus títulos nobiliários.

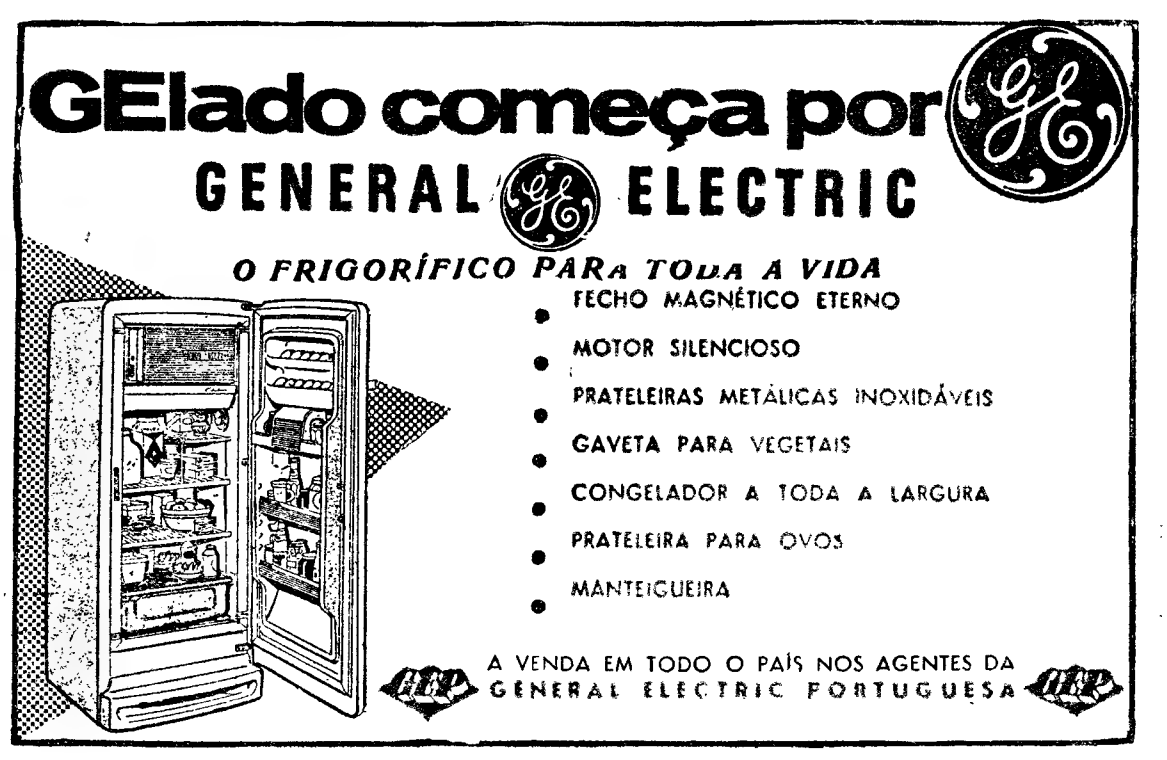
Foi então que surgiu em cena Cagliostro e colocou frente a frente e o ingénuo cardeal e a ambiciosa condessa. La Motte, vendo com que facilidade o cardeal de Rohan era manejado, resolveu fazer-se passar a seus olhos por amiga intima de Maria Antonieta e insinuar-se como sendo a pessoa capaz de reconciliá-lo com a soberana. Fingindo estar incondicionalmente a seu lado, a astuta dama relatava-lhe conversações imaginárias em que ela fazia a sua defesa junto da rainha e que, pouco a pouco, iam conduzindo á reconciliação. Chegou a falsificar cartas, com papel timbrado com a flor de lis, nas quais Maria Antonieta escrevia familiarmente a sua «prima a condessa de La Motte» e onde, de passagem, lhe falava do cardeal.

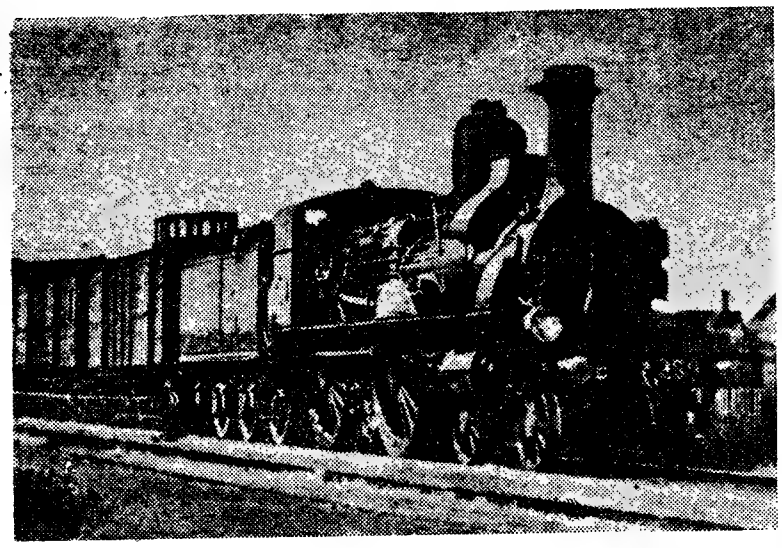
De tal modo Rohan foi enganado e sugestionado que acabou por estabelecer, ele próprio, uma nutrida correspondência com a rainha, da qual Maria Antonieta não teve o menor conhecimento. Mas a intriga atingiu o cumulo no dia em que a condessa descobriu num parque publico uma senhora parecida com a rainha. Aquela jovem, a senhora D'Oliva, depois de aliciada e instruida por La Motte, acedeu em desempenhar uma das mais extraordinárias comédias de todos os tempos. Os intrigantes fizeram crer ao cardeal que a soberana havia consentido em conceder-lhe uma entrevista, na qual lhe confirmaria de viva voz as coisas consoladoras, escritas nas suas cartas. Tudo foi preparado com a cumplicidade de um calígrafo chamado Villete e de uma criada que vestiu a D'Oliva tal como Maria Antonieta costumava vestir-se. O cardeal de Rohan recebeu indicação para estar, ao cair da noite, num bosquezinho próximo do palácio. A coisa saiu ás mil maravilhas, ou pelo menos o bastante bem para que Rohan fosse completamente ludibriado e ouvisse da boca da mulher que acreditava ser a rainha estas palavras: «Podeis esperar que o passado será esquecido». Nessa altura acudiu uma criada, também instruida por La Motte, e disse á impostora: «Majestade, retirai-vos depressa! Aí vêm a princesa Elisabeth (era a irmã do rei) e a condessa de Artois!». Ao ouvir isso, quem saiu a correr foi Rohan. Mas o ingénuo cardeal ia bem algere na sua fuga. A rainha tinha-lhe perdoado! Era o triunfo! Faltava agora sómente uma ocasião de prestar-lhe algum serviço memorável e a história de França registaria o nome do cardeal de Rohan ao lado dos de Richilieu e Mazarino.

Não tardou muito a apresentar-se a grande «ocasião». Os joalheiros parisienses Bohmer e Bassenge tinham composto um colar que constava de mais de quinhentos brilhantes de grande tamanho e cujo preço era fabuloso. Bohmer tinha-se endividado para realizar a famosa joia e necessitava vendê-la a todo o custo. Ofereceram-na a várias cortes estrangeiras, mas sem resultado. O mau estado das finanças francesas não permitia que Luís XVI presentcasse a rainha com um colar de tanto preço. Os joelheiros, aflitos, ofereciam facilidades, suplicavam, prometiam choruda comissão a quem lograsse colocar a joia.

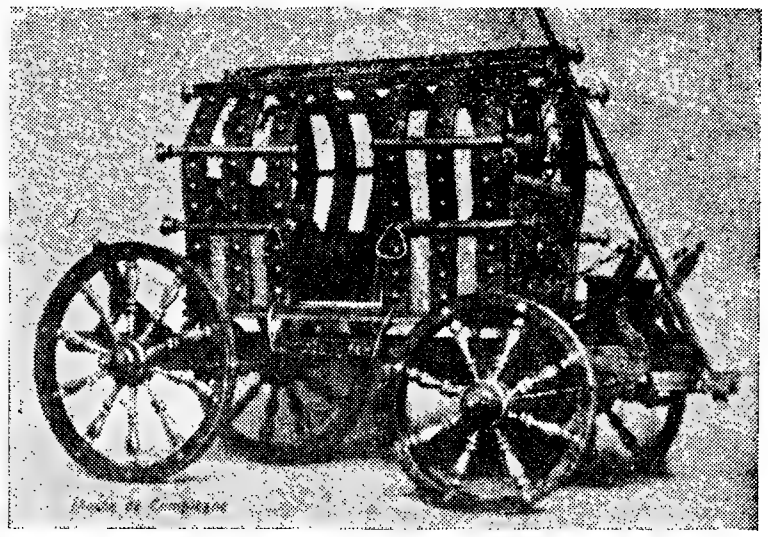
A condessa de La Motte teve a audácia colossal de fazer crer ao príncipe de Rohan que a rainha desejava ardentemente aquele colar. Não lhe propunha que ele lho oferecesse, mas sómente que ele visse de intermediário e fiador. E' espantoso que o cardeal tenha acreditado na realidade de semelhante proposta vinda da rainha. Mas estava de tal maneira sugestionado pela condessa e por Cagliostro que acedeu em fazer a transacção e o colar passou das suas mãos para

(Continua na 7.ª página)





Eis um brinquedo hoje. Faz saudade aos que estão em idade disso; e sorrir, aos outros. Em todo o caso fez a sua época. 74 quilómetros por hora...



Bastardo de arca de couro com pregos de metal e de carroça alentejana — eis a «ultima novidade» surgida nos «stands» do século XVI. As rodas dianteiras giram em torno de um eixo. As molas são mais doces. Era isto que o fabricante dizia aos desportistas da época...

(Continuação da 1.ª página)

n.º 2» anda a 3 quilómetros por segundo. E' obra! Para que servem os pés? Não acabarão por especializar-se no sobredito de alferes? O «pé de alferes» passará então a ser o transporte ideal para o matrimónio. Eis uma viagem em que não haverá vantagem em utilizar um foguetão atómico: os resultados serão mais apurados.

Outra coisa que está em caminho de perder-se são aquelas patuscadas de paisagem com que nos enchiamos aos domingos, naqueles vagarosos passeios de família.

Nós pertencemos a uma geração muito especial: a dos homens que «ainda» assistiram ao «culto do «pé» que nossos pais professavam, e que «já» estão em face do «culto do ultra-som». Aquilo que entusiasmou os nossos avós, no capítulo de velocidade, faz-nos rir. Veja o leitor o janota do ciclista que conseguiu no «Grande bi» bater o «record» do Mundo de velocidade naquele meio de transporte. «Vinte e cinco quilómetros á hora!». Um despropósito. Um despropósito, aliás, por vários motivos. Pelo menos por mais um: queiram ver a apresentação de Civoy, o ciclista campeão.. Hoje, naquele preparo, só admitiriamos uma Gina Lollobrigida, por exemplo.

Os progressos não são, portanto, apenas de velocidade.

Veja agora o leitor o aspecto aerodinamico do ciclista Rivière que bateu o «record» do Mundo com a marca de 46.923 quilómetros. Por ora não nos faz rir, embora o caso venha a suceder daqui a cem anos, quando os nossos netos envergarem diáriamente aqueles trajos espaciais que tanto nos aproximam das lagartas do bicho de seda.

E os comboios? Os nossos leitores mais veneráveis ainda se lembram do velho comboio atrevido que, no ano de 1900, cometeu a loucura de andar a 75,4 quilómetros á hora. As locomotivas da nossa infancia não variavam muito desta sua antepassada. Pelo País ainda, de resto, se topa com esses exemplares. Mas passemos agora uma vista de olhos pela mais moderna locomotiva francesa. Atinge os 130 quilómetros á hora «quase o dobro da sua avó) e tem uma encadernação completamente diferente: com asas, seria um avião; com um canudo passaria por vapor: eis um meio de transporte aerodinamico.

Nem vale a pena compararmos aquele «Char-braulant» do século XVI, estilo arca de couro e preguedo de metal, com o moderno automóvel que todos os segundos to, se topa com esses exemplares. Mas passemos agora uma vista de olhos pela mais moderna locomotiva francesa. Atinge os 130 quilómetros á hora «quase o dobro da sua avó) e tem uma encadernação completamente diferente: com asas, seria um avião; com um canudo passaria por vapor: eis um meio de transporte aerodinamico.

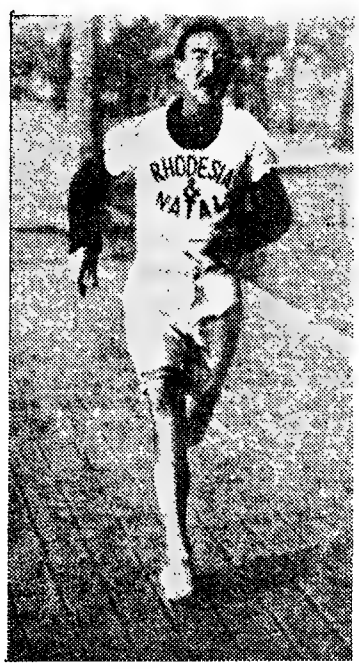
Nem vale a pena compararmos aquele «Char-braulant» do século XVI, estilo arca de couro e preguedo de metal, com o moderno automóvel que todos os segundos está a pontos de nos atropelar na rua... E no entanto aquela venerável «tipoia» ocupa um grande lugar na história dos transportes: as rodas dianteiras assentam num estrado móvel, o que permite maior destreza nas curvas ou outro qualquer desvio; mas, além disto, possuia suspensões em cadeia. Só nós é que não discernimos o alcance como as nádegas dos nossos poli-tetravós eram umas pobres mártires, a viajar em assentos duros e sem molas...

Prosseguindo no nosso passeio através da velocidade, repare agora o leitor naquele corredor da Rodésia & Natal. Que «sex-apeal»! Que esbelteza de corça! Como as nossas bisavós não deveriam sentir-se comovidas ante tão reveladores espectáculos de beleza varonil.

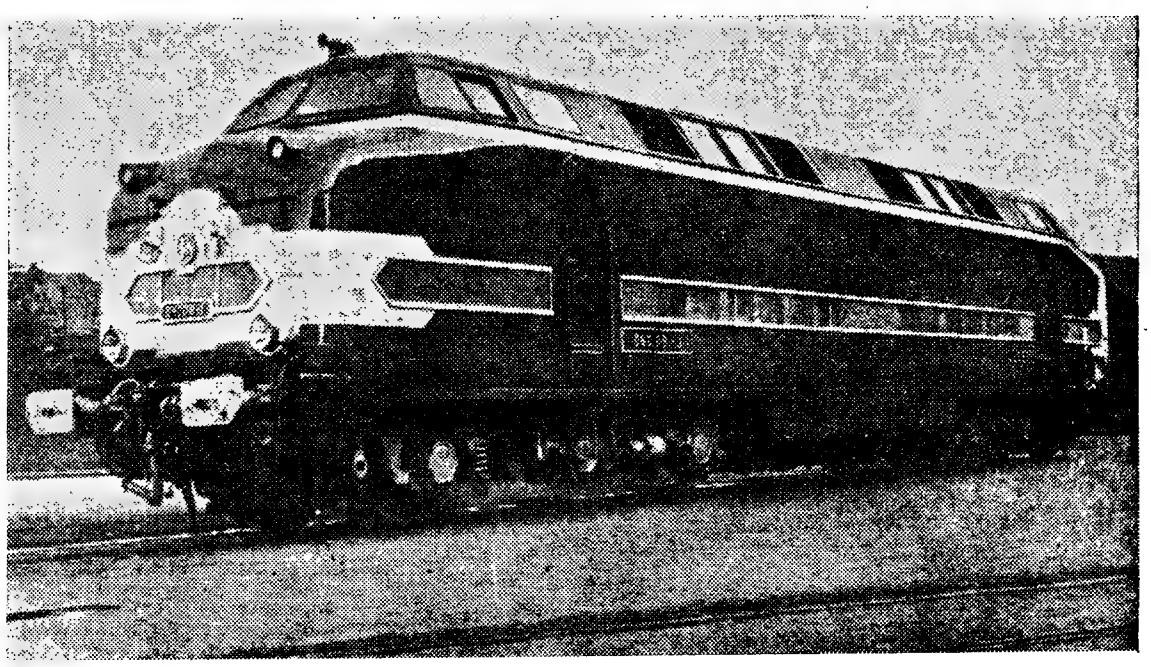
O sujeito que estão vendo chamou-se Arthur Newton e com toda aquela «planta» fez uma proeza de gelar o céu da boca: durante dez anos seguidos correu 32 quilómetros por dia e estabeleceu os seguintes «records»:

1924 — 56,327 quilómetros em 3 h., 32 m. e 36 s.
1924 — 80,467 quilómetros em 5 h., 53 m. e 43 s.
1927 — 96,560 quilómetros em 7 h., 33 m. e 55 s.
1928 — 160,934 quilómetros em 14 h., 22 m. e 10 s.
1931 — 248,332 quilómetros em 24 horas
1933 — 96,560 quilómetros (em estrada) em 7 h., 15 m. e 30 s.
1934 — 160,934 quilómetros (em estrada) em 14 h. e 6 m.

DO PASSEIO A PE'



Giro, giro! — exclamam os jovens de hoje. Enternecedor. Andou dez anos atrás de «records» (1924-1934) e fez colecção deles, tal como um filatelista colecciona selos. Um mártir da velocidade



Eis um «monstro» que foi feito para andar. Duro, sólido e aerodinâmico

AO PASSEIO A' LUA

Era um homem persistente.

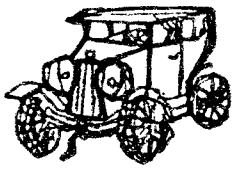
Enfim, os exemplos poderiam multiplicar-se para grande regozijo nosso que somos da «era inter-planetária», que assistimos á chegada de um foguetão que atingiu a Lua ainda a correr a 10.800 quilómetros á hora. Ainda nos adaptamos a esta transformação.

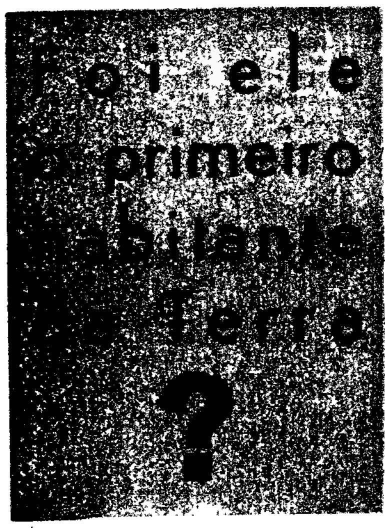
Enquanto para além da atracção da Terra se anda a esta velocidade, vejamos «cá por baixo» como nos deslocamos:

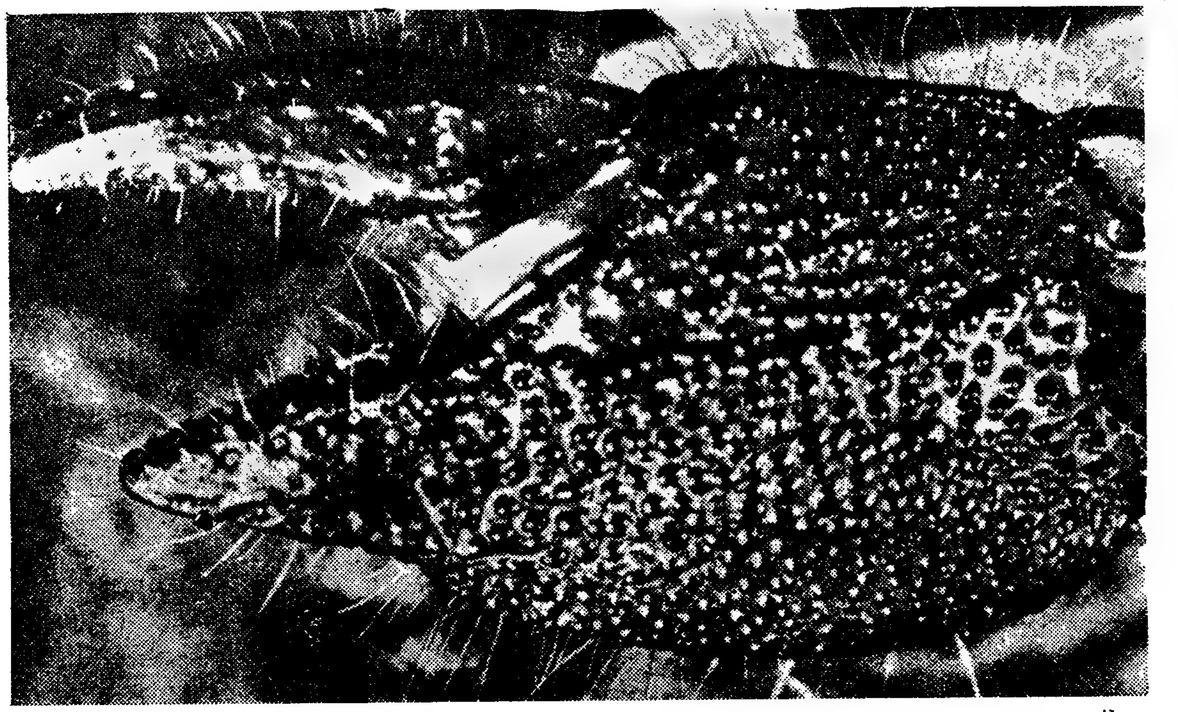
Velocidade a pé («record»)	35,6 quilómetros/hora
Velocidade de bicicleta («record»)	46,923 quilómetros/hora
Velocidade de comboio eléctrico (id.)	331 quilómetros/hora
Velocidade de automóvel (id.)	634,267 quilómetros/hora
Velocidade de avião (id.)	3.000 quilómetros/hora

E chega para afligir!

Lado a lado, apenas separados pelo manto diáfano da fantasia desta legenda, eis a nudez forte da realidade de dois mundos tão próximos no tempo, mas distantes nos propósitos, nas ambições, nos pensamentos... A' esquerda, em pose (a proeza de se atingir 25 quilómetros á hora merecia bem uma pose lírica como esta), o valente desportista que, á volta de cinquenta anos, enrouqueceu a garganta dos «fans» da época. A' direita, um homem feito ou lançado para atingir quase o dobro da velocidade. Que pensa, porém, o leitor acerca destas corridas ao «record» numa época em que se vai a caminho de andar tão depressa como a luz?







(Continuação da 1.ª página)

adaptando-se de forma perfeita ás modificações climáticas que deram origem aos desertos. A prova mais concludente de tal adaptação é nos fornecida pelo Kalaari que, para certos especialistas começou a ser deserto apenas á roda de um século e ainda continua a sofrer o fenómeno de dessecação. Ora o Kalaari é uma das regiões do Globo mais ricas em lacraus: existem por lá em abundancia, em todas as espécies, cada com as suas manias, os seu brasões, as suas prosápias sociais. O Kalaari é assim um laboratório ideal para o estudo da espantosa adaptação do lacrau a condições desérticas para as quais, aparentemente, se afigurava tão pouco preparado. Vendo-o adaptar-se, quase á vista desarmada, estamos em condições de compreender os motivos porque este ser estranho conseguiu sobreviver a todos os cataclismos porque passou a terra.

Caranguejo ou quê?

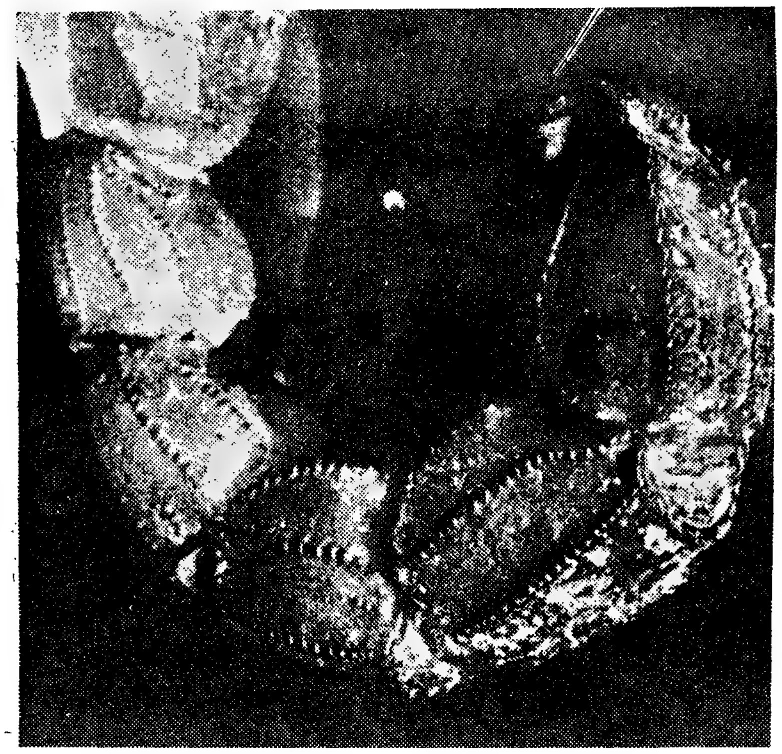
Os Romanos já conheciam o lacrau. A seu respeito criaram uma daqueles frases tão do encanto dos bravos literatos de outrora: «In cauda venenum». Era uma novidade que não podia ficar despercebida, um luxo, uma esquisitice anatómica, está de não ter o veneno na boca (nos dentes ou nos discursos) como qualquer pessoa, mas na cauda — região altamente acomodatícia. Apesar, porém, de cirandar pelo sol de Itália e de ter precedido os turistas ricos na paixão pelo Mediterraneo — os Romanos conheceram-lhe a manha, mas deixaram-se enganar com o seu aspecto. Cícero — um famoso lacrau oratório — chamou-lhe «nepa», que significa caranguejo. O erro demonstra duas coisas: primeiro, que os desapertos de eloquência política não necessitam de erudição; segundo, que as aparências iludem.

A' primeira vista um pacato escorpião pode, na verdade, fazer crescer água na boca a um guloso de mariscos. Tem, ele e o caranguejo, a mesma carroçaria dura e rugosa, as mesmas pinças; e ambos são artrópodos, que é como quem diz articulados. Mas os ares de família (e que poderiam depor contra a honestidade duma caranguejа) terminam aí: o lacrau não possui antenas (de rádio, T. V. ou outras); mas quelíceras, situadas no limiar do que se poderia chamar a boca do animal, e que servem para despedaçar os animais das suas ementas predilectas; possui, além disso, a rica bateria de oito pulmões que se abrem no ventre (rico filão para escorpiões-tisiogistas...) e passeia, dá ás de Vila-Diogo ou atira-se a uma pessoa com ajuda de quatro pares de patas ambulatórias, torácicas.

O leitor já viu moscas («mortas» ou vivas); há-de ter notado que se assemelham a nós, pois também se dividem em três lanços de cadáver: cabeça, torax e abdomen (no género humano diz-se: cabeça, tronco e membros, embora em muitos indivíduos da espécie só haja cabeça e membros e, noutros, membros e abdomen). O lacrau conseguiu (mesmo não utilizando o Montepio ou a Caixa Geral de Depósitos), uma grande economia anatómica: a cabeça e o torax fazem um bloco (o «cefalotorax»); o abdomen vem a seguir, bem desenvolvido como convém a todos os lacraus do planeta: o abdomen própriamente dito (acolchoado em sete segmentos articulados) e o port-abdomen, talhado em seis partes e rematado pelo aguilhão.

O aguilhão não serve por dá cá aquela palha. Vem a talhe de fouce quando a vítima resiste aos apetites do lacrau; é o chamado «ultimo argumento».

Visto de frente, mete medo. E' terrífico. As pinças abertas, em certas espécies, agudas, noutras — num extremo; e, no lado contrário, a pera donde dardeja o aguilhão a gotejar veneno. E' em torno deste que se concentra a vida do lacrau; é dele que o animal saca toda a dialética que a vida, ou a sobrevivência exige.



Todos os confortos modernos

E como é que o escorpião dirige com todo o rigor a sua dialética venenosa, sem se enganar? Onde ficam os olhos?

No lombo. São grandes, glaneos; parecem borbulhar. Mas não vêem: o lacrau é cego.

Dirá o leitor: se é cego (forma biológica do fanatismo) então deve possuir excelente olfato ou ouvido... Pois engana-se, o leitor; o lacrau é surdo e não tem faro, como qualquer fiscal. Mas, ao contrário deste, não tem vencimento garantido, nem gorjetas, nem reforma. Como vive, então? Como dirige o seu aguilhão irrespondível?

Ao contrário do que o leitor suporia, o lacrau possui todos os confortos modernos: usa o radar. E' nas pinças, nas «patas-mandíbulas» que se alinha uma rede de filamentos que, ao menor sopro, vibram, transmitindo ao animal as necessárias informações sobre o que se passa á sua roda. E' um radar de extrema sensibilidade de percepção e de interpretação. O menor contacto directo com um destes pelos, desencadeia uma reacção em «descarga eléctrica». Certas vibrações do diapasão põem-no literalmente doido.

Corrida para a vida

(Continuação da 1.ª página)

cias e princípios progressivos da época empenhada. Embora os mesmos conceitos tivessem vindo á luz numa altura em que urgia defender uma construção comprometida, ou pelo menos abalada nas suas fundações, julgou-se poder reparar as fissuras da mesma com a facilidade com que se doma uma criança dócil. Os tempos foram correndo, os homens, debruçados sobre o seu trabalho quotidiano, entregavam-se ao aperfeiçoamento dos sistemas produtivos em que ele assentava.

O ultimo quartel do século passado apresenta-se, porém, vergado pelo peso da saturação em fase já desenvolvida, ditada pela própria evolução dos esquemas de produção, agora num crescendo de contradições características da perda de vitalidade do sangue que circulava nas suas veias.

Rebuscando em quantos livros sobre o assunto tivermos á mão, verifica-se que esta lei patenteia uma tendência marcada que pretende justificar-se e justificar uma conjuntura determinada, apresentando-se como o reflexo de uma regra natural e geral entre os seres vivos, sem distinção.

A noção de «luta pela vida» encontra-se em primeiras águas nas obras de Darwin, sábio biologista que se dedicou ao estudo da evolução das espécies animais e vegetais. O nome deste cientista liga-se, de facto, a inumeras contribuições de real valor científico. Entre aquelas, acha-se o conceito da «luta pela vida» que, embora da sua lavra, se inspira nos princípios sociológicos do tempo, os quais manifestavam um indiscutível regresso nas conquistas das ciências humanas.

Segundo Darwin, a «luta pela vida» é uma das propriedades de todos os seres vivos que, em presença uns dos outros, asseguravam a sua continuidade através de um árduo combate de vida ou de morte. Como sequência lógica, argumenta que sairão vencedores os mais fortes e os mais bem dotados, isto é, todos os que estejam na posse de elementos, materiais os espirituais, com os quais vençam os menos contemplados, seus adversários. A natureza procedia, assim, a uma selecção natural de indivíduos potencialmente superqualificados.

Esta ideia tem penetrado na grande diversidade de sectores que constituem o conjunto das actividades humanas, desde económicas, sociais e políticas, até ás actividades mundanas de estética barata. E é assim que, dia a dia, se nos apresentam casos idênticos aos do filme «Fúria de viver», onde o acesso ao mundo dos «homens» só é permitido após uma dura prova de força bruta de que se saia vencedor. O mais forte é o que tem direito á vida, o que mais direito tem a ela. Estes falsos heroísmos, desenrolados nas diversas circunstancias, incitam os seus espectadores a procederem de igual forma. Nos concursos de beleza, como consequente aplicação desta ideia, a mais bela e mais sedutora mulher é a que encontra diante de si todas as portas abertas. A vida para ela é... um fofo colchão de plumas. Os programas de telefonia e os reclames de cinema jorram «slogans» em que a pele mais macia é a que terá melhor aceitação no «exigente» mundo dos homens. No concerto das actuais nações, algumas reservam-se todos os direitos sobre as restantes, menos protegidas pelas condições naturais, que impõem, para a concessão dos seus íntimos segredos, técnicas apuradas e novas. Transcorrido o período de atrito, aquelas reclamam a sua superioridade de intelectual, ou de civilização, com que calam a verdadeira origem da supremacia na situação artificial criada.

Pela aplicação do conceito da «luta pela vida», a selecção natural, já referida, far-se-á, como se depreende, no mundo dos «mais»: mais belos, mais macios, mais fortes e mais «inteligentes».

Hoje em dia sente-se a urgência da sua divulgação. Por esse motivo, reconhece-se a necessidade de uma revisão do seu conteúdo.

A luta pela vida «surpreendida» entre os seres vivos, se alguma aplicação encontra entre espécies diferentes, despe-se de toda a sua significação quando usado entre indivíduos de uma mesma espécie. O lobo não come o lobo, mas sim o cordeiro que, por sua vez, se alimenta de couves, as quais se desenvolvem á custa de elementos contidos no solo.

Os seres viventes conferem ao meio ambiente em que habitam modificações e alterações que não existiriam sem a sua presença, o que significa que as características de um dado meio são diferentes consoante ele é entregue a si mesmo ou povoado por um agrupamento populacional. Há, deste modo, um movimento bilateral e recíproco entre o ser vivo e o meio ambiente, agora modificado, que se enquadra no processo da sua adaptação a este ultimo. A luta entre indivíduos da mesma espécie perde todo o seu sentido a favor da luta entre aqueles e o meio que os rodeia.

Na etapa humana da escala zoológica, este embate ainda mais se desvaloriza, indo até á nulidade. Os homens distinguem-se dos restantes animais pela sua faculdade pensante, o que, subtraindo-os do fatalismo das leis biológicas, exclusivas, a que os irracionais estão subjugados, os coloca numa posição de intérpretes e activos dominadores das suas leis, em favor de uma vida de realização total, como seres humanos. Embora a luta pela vida se manifeste, por vezes, também entre os racionais — talvez vestígios de tendências ancestrais — todavia os homens esforçam-se por reduzir e anular a sua ferocidade, deixando terreno fecundo para o Homem integral.

PRECISAMENTE, quando iniciava a conversa sobre a introdução do campismo em Portugal, o nosso «leitor imaginário» resolve interromper, para me lançar á queima-roupa uma das suas perguntas...

Pois, meu amigo, a tua observação parece-me justíssima e, pode dizer-se, é mesmo para isso que nos encontramos neste «Magazine» semanalmente...

Ora, perguntavas tu:

...Mas antes dessas actividades não se praticava já o campismo?

SEI aonde queres chegar... Pretendes com certeza referir-te a actividades da vida ao ar livre que podem ter afinidades com esta de que te venho falando — o campismo.

Como todos sabemos, não foram os campistas os primeiros a acampar e a dormir sob uma tenda... O escutismo existe há muito mais anos no País e teve a sua época aurea, atraindo para as duas organizações (que ainda se mantêm) centenas de jovens.

E o escutismo poderia considerar-se como uma bela escola para a formação de jovens. A disciplina,

QUEM

Para as crianças ...
todo poderosos e ...
de a sua opinião ...

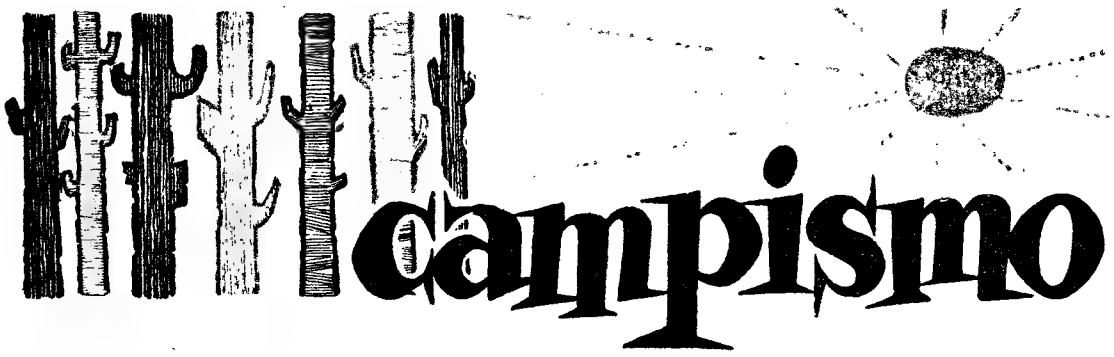
Psicologia do menino de mama

A dependência do menino a respeito dos pais e a enorme desproporção de forças que os separa vão

determinar toda a psicologia do lactante.

Falar da «psicologia do lactante» talvez faça rir. Não será conceder demasiada importancia aos sentimentos de um serzinho cujas necessidades e reacções são quase exclusivamente fisiológicas?

O facto, porém, é que os psicólogos e psiquiatras estão hoje convencidos que as experiências dos primeiros anos terão reflexos sobre



a camaradagem, o espírito de solidariedade, o conhecimento da Natureza e todo o seu magnifico «código» de orientação, conduziam crianças e adolescentes a uma vida sã, quer física, quer moralmente.

Mas porque o escutismo tinha as suas leis tradicionais, a sua farda caracteristica, o seu movimento organizado, jamais poderia servir aos que aspiravam viver ao ar livre sem tais obrigatoriedades, embora dentro de uma ética indispensável.

Havia além do escutismo outros movimentos?

REALMENTE, devemos ainda considerar (não como movimentos organizados) pequenos grupos que, aqui e além, esboçavam actividades e organizavam os seus acampamentos.

Será bem possível, meu amigo, que te não possa enumerar sem falhas, esses percursores, mas devo citar os campos de férias da Junta Nacional dos Vinhos e do Triangulo Vermelho, que funcionavam já numa base do campismo desportivo dos nossos dias.

Apareciam por essa altura em Lisboa pequenos grupos... «Ar Livre», «Ad Naturum», «Pró-Natureza»; e no Porto, o «Geal», «Clube de Montanhismo», etc.

Foi com toda esta gente, dispersa pelo País, que se conseguiu realizar o 1.º Congresso de Campismo em Belas, sob o patrocínio do antigo jornal «Os Sports».

Mas por hoje basta de história, não te parece?

NOTICIÁRIO

As Camaras Municipais de todo o País começam a organizar realmente os seus parques, mostrando a compreensão nítida por tão premente necessidade.

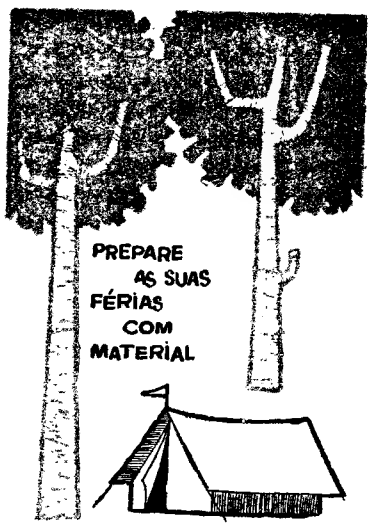
Embora que tencionamos, em reportagens desenvolvidas, falar de cada um desses parques, queremos assinalar o êxito obtido pela Camara de Vila do Conde, que nos informam ter inaugurado este ano um parque de campismo bastante agradável.

Muitas foram as tendas e «roulottes» nacionais e estrangeiras que por lá passaram e todos são unanimes na opinião sobre o terreno: sombreado, a dois passos da praia, com condições higiénicas suficientes e abastecimento de água e víveres no próprio local.

* * *

Informam-nos que o Clube Académico, do Porto, melhorou bastante o seu terreno graças á boa vontade dos dirigentes da secção de campismo.

Continua a ser o local mais procurado pelos campistas que chegam áquela cidade, enquanto se espera (ansiosamente!) o amplo Parque Municipal de Campismo, que a capital do Norte carece.



FABRICAMPO
AV. ALMIRANTE REIS, 70-A

M SOMOS NOS PARA AS CRIANÇAS ?

os pais são deuses enéficos. Mais tarrna-se mais realista

o comportamento futuro do adulto. Os especialistas da psicologia multiplicaram-se. Os mais ilustres chamam-se Pierre Bovet e Jean Riaget, na Suiça; Arnold Oesell e F. L. Ilg. nos Estados Unidos; Maurice Desse, André Berje, Irene Lézine e grande Henri Wallon, em Franca. Os testes que, eles calibraram. s observações a que submèteram entenas de indivíduos tendem a riar uma verdadeira ciência da riança.

E os pais que, mais numerosos dia a dia, vão consultar os conselheiros psicológicos, ficam surpreendidos ao saber que, se seu fiho é turbulento, difícil ou instável, o caso tem motivos susceptíveis de análise e até já foram estudados em muitos exemplos.

Os pais, preocupados em não tornar a cometer erros pedagógicos mergulham nos manuais especializados — salvo quando frequentam alguma «Escola de Pais», como aquela que já existe em Paris. E a primeira coisa que aí lhe ensinarão é a imagem que as crianças fazem deles.

Pierre Bovet, que redigiu uma obra sobre O sentimento religioso e a psicologia da criança, *acentua até que ponto a atitude de um miudo de dois a seis anos para com o pai ou a mãe se assemelha ao sentimento religioso.*

Os pais surgem investidos com os principais atributos da divindade.

Á frente de todos — a omnipotência. Os pais — oh maravilha das maravilhos!, não só lhes fornecem de beber, de comer e casa quintinha, como seguram um peso que ia cair, empurrado pelo bebé e põem carros em marcha e fazem crescer flores. E são capazes de tirar da carteira somas ilimitadas de dinheiro.

Vem a seguir a eternidade. Os pais estão fora do tempo: não crescem, não envelhecem e nunca foram pequenos...

Como estava bonita, a avó !

Jean Peaget deu a estes conceitos infantis uma terminologia científica e precisa.

A respeito do mundo exterior, a atitude da criança define-se por uma palavra: «o artificialismo». Tudo é artificial, tudo foi fabricado: o Sol, as estrelas, as árvores, o mar são fabricados pelo homem. isto é pelos pais.

Quanto á noção do tempo, eis uma coisa que práticamente não existe para a criança. As diversas acções da sua vida, os diversos períodos do dia podem enumerar-se; mas não se sucedem uns aos outros. O tempo não evolui; as coisas estão fixas. O próprio miudo será sempre miudo, pois é mesmo miudo. Os pais estão sempre iguais a si próprios; são eternos. A este conceito de Piaget o nome de «fixismo».

A criança, contudo, fala da morte, inclui-a nos seus jogos. Todavia não compreende que ela possa pôr fim á vida dos pais e muito menos ainda á sua.

Uma criança, cuja avó acabava de morrer, assistiu ao funeral e viu o cadáver. Os pais receavam que o espectáculo a impressionasse demasiado. A criança, porém, saiu da camara ardente muito risonha:

— Havia flores por toda a parte — contou ás amiguinhas com uma vez extasiada. — E como estava bonita, a minha avó!

Coisa curiosa: quando a criança chega a conceber que um dia será grande, ela conclui que, por uma inversão paradoxal, os pais serão, nessa altura, pequeninos.

Um miudo de quatro anos dizia uma vez á mãe:

— Quando eu for muito velho tu serás um bebé. Mas depois?

Neste processo ciclico, talvez gerador da noção de metempsicose, a morte não entrava ainda em linha de conta.

O dedo mindinho

Eternos e omnipotentes, o pai e a mãe leem através da criança.

— Tu és traquinas nas aulas, eu sei.

— Como sabe?

— Diz-me este dedo, que adivinha.

Este dedo, é o mindinho. E a criança acredita. Nem por sombras sonhará que a professora telefonou aos pais, ou que estes fizeram apenas uma suposição que, por hipótese, acertou. Como o afirma ainda Piaget, para vós, ele é «transparente».

Um rapazinho mostrava visível repugnancia em regressar a casa depois da escola. Ele vivia contudo num lar feliz; seus pais eram bons pedagogos. Hábilmente interrogada, a criança revelou que tinha ciumes da irmãzita e que, em sonhos, lhe infligia as piores tourturas. Convencido então que seus pais «liam nele» e que, portanto, sabiam de tudo, e que iam castigá-lo — ele evitava apresentar-se diante deles.

Seria tão falso considerar este miudo ingénuo como insensível a menina que não chorou nos funerais da avó. Desta massa é feita a mentalidade infantil que atribui aos pais todos os poderes, inclusive o «metamorfosismo». Os contos de fadas constituem exactamente uma literatura característica para estas idades. Os limões que se transformam em carroças, os ratos em cavalos, as formigas em leões, nada têm de maravilhoso. Os pais também possuem o dom de se transformar a seu belo prazer, como e quando quiserem.

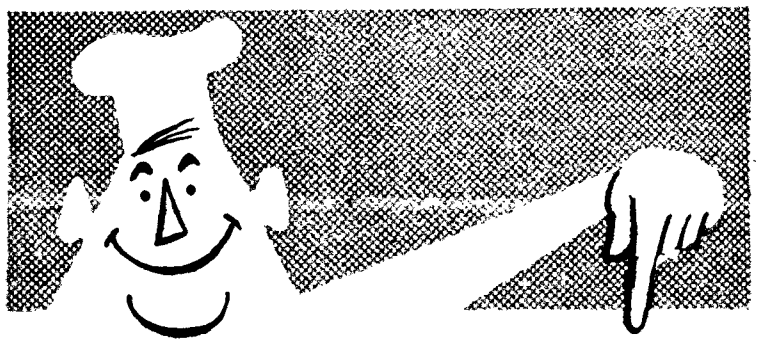
Uma rapariguinha que via constantemente a mãe em trajos caseiros, já velhos, acordou uma tarde, depois da sesta, e viu a mãe em fato de noite, com brincos, joias, «rouge» nos lábios e muito bem penteada. No dia seguinte disse á professora:

— Mamã transformou-se em rainha e cresceu tanto que quase tocava no tecto com a cabeça.

A mudança de fato não explicava a metamorfose. O certo, certo é que a mãe possuia dons mágicos.

(Continua)

GANHE 100$00
com um sorriso nos lábios



PRATO DA SEMANA
TRUTA

ATENÇÃO ! LER NESTE NUMERO A MAIS SENSACIONAL DESCOBERTA DA GENETICA CONTEMPORANEA: UM PEIXE-MAMIFERO

Foi o sr. Hildérico Ferreira (de Coimbra) quem fez a extraordinária descoberta. Estudando a TRUTA são as conclusões altamente importantes, como se vai imediatamente ver:

TRUTA é um peixe que se tornou mamífero depois de domesticado. No passado chamava-se «sereia». Por isso deixou de morder no anzol: só morde pela boca quando lhe põem não uma espada mas um «espada». Quando se põe a nadar, prefere ás águas turvas. Não tem escamas, mas escama-se com facilidade se os ventos não lhe correm de feição. Embora não pague licença camarária, é o animal de luxo mais dispendioso. Não faz parte da ementa dos restaurantes, mas sim dos pescadores maiores de 50 anos com bons sentimentos bancários.

O sr. Arménio Gonçalves Pereira (G. P.) está agora em «baixo de forma». Como se tratava de «peixe», meteu água:

A TRUTA é um bicho aristocrático, pertencente á família dos salmonídeos e que, devido á sua alta linhagem, apenas gosta de se apresentar á mesa de pessoas de certa

(Continua na 7.ª página)

JÁ PODE COMER

O operado pode beber Champanhe?

—perguntou-nos uma consulente

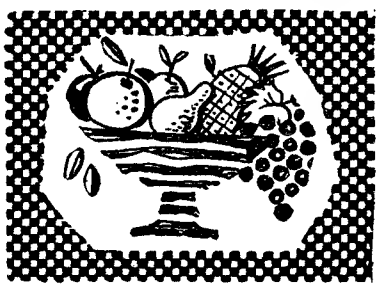
E' uma questão muitas vezes posta, mas a que o médico raras vezes dá o seu veto.

O champanhe é uma bebida alcoolizada; tem, também, calorias; o seu conteudo carbónico tende a neutralizar as manifestações das náuseas; o champanhe alegra o operado, feliz por poder beber um copo... ao seu restabelecimento. Todo o operado tem necessidade de reconforto moral; e o champanhe é capaz de lho dar, tomado em pequenas doses.

No que respeita a outras bebidas, o operado, como já dissemos, tem essencialmente necessidade de água. Aguas bicarbonatadas, se as náuseas persistem, mas sobretudo águas de lavagem, para os rins funcionarem bem.

Os sumos de frutas, os caldos de legumes e as tisanas completam a necessidade de líquidos, e a eles se deve juntar os alimentos açucarados, vitamínicos ou minerais.

Contudo, uma regra há que respeitar: beber sempre em pequenas quantidades, embora com frequência.



Alguns operados especiais

As diferentes modalidades dietéticas que acabamos de apontar aplicam-se a todos os operados em geral. Contudo há muitos operados cujos regimes devem ser atendidos em especial, contendo os imperativos próprios a cada caso, isto é, a cada afecção considerada. Para o diabético, o equilibrio do açucar impõe-se absolutamente. Para o cardíaco e o hipertenso, a junção de sal é vedada. Para o renal, esta proibição é ainda maior; é preciso evitar a carne e os ovos. Tais doentes devem receber uma alimentação equilibrada com a maior precisão; só o médico pode determinar os alimentos que convêm. Além disso, os alimentos para estes doentes devem ser rigorosamente pesados.

NOS FRACOS OU DESNUTRIDOS — o regime de superalimentação impõe-se antes da operação. A tais doentes há que ministrar substancias proteicas, no mínimo de volume. Farinhas especiais, leites cremes em pó, levedura de cerveja, etc., são especialmente recomendados.

Bem entendido, a alimentação de tais doentes é de unica responsabilidade do médico. As regras de dietética devem prosseguir ainda muito tempo após a operação.

NOS OPERADOS DE APENDI- o problema do transito digestivo é particularmente importante. Os gases, segunda etapa da operação, CITE — ou intestinos em geral — podem ser retardados, o que dificulta a convalescença e o bem-estar do doente. Para melhor estimular as fibras intestinais, os caldos de legumes devem preferir-se aos sumos de frutas, sobretudo os sumos de laranja ou outros frutos ácidos que correm o risco de aumentar a distensão abdominal. Logo que o doente voltou a ter apetite, é preciso evitar os alimentos cruş (os frutos em particular) e até os derivados do leite muitas vezes mal suportados por estes operados.

NOS OPERADOS DO ESTOMAGO — tendo sofrido, por exemplo, uma gastronomia (ablação de uma parte do estomago, a alimentação médica por sonda é necessária durante vários dias. Mas logo que a absorção pela boca é autorizada, os alimentos podem ser variados, mas antes de tudo, á base de carnes ou leites cremosos e sempre reduzidos a consistência semi-líquida. Os aparelhos rotativos que permitem reduzir os alimentos a partículas muito finas facilitam a confecção destas preparações fluidas.

No caso destes operados as refeições devem ser o mais possível fraccionadas, nas vinte e quatro horas.

Nos operados dos ossos a reconstituição óssea pode ser acelerada por alimentos recalcificantes: leite pelo menos 1/2 a 3/4 de litro por dia; queijos a todas as refeições, gemas de ovos, figos, amendoas, avelãs e frutas secas.

As substancias ácidas, como vinagre e limão, não são, como se diz, descalcificantes. O pão completo, os espinafres e o chocolate devem ser prescritos. O primeiro fornuece a fitina, e os outros o ácido oxálico, dois elementos químicos que bloqueiam a utilização do cálcio e retardam todas as ossificações.

AINDA O OPERADO e a Culinária

O operado vai recuperando o apetite, pouco a pouco. As ementas das clínicas e dos hospitais é pouco variada, em regra. O caldo de legumes já o enjoa, tornou-se insípido. O operado aceita, com alegria, a marmelada e os sumos de frutas. O mel parece muito indicado, por ser muito assimilável, e garante um poder calórico assaz importante. O leite e os seus derivados traz alguns problemas. O tubo digestivo, ainda em readaptação, não aceita sempre bem tais alimentos. Complicações intestinais podem sobrevir. Impõe-se, pois, uma certa cautela. Pelo contrário, os queijos de massa cozida são recomendáveis, porque o organismo tem, essencialmente, necessidade de alimentos proteicos.

É para satisfazer esta necessidade que as *carnes* e os *peixes* são progressivamente ministrados aos doentes, primeiro em caldos, depois finamente picados e por fim em pedaços. Nada de refeições suculentas, abundantes; mas alimentos em pequenas doses, com mais frequência do que o habitual. O estômago, muitas vezes solicitado, por pequenas absorpções de carne, mesmo crua, retoma melhor as suas funções.

A qualidade do alimento, parece o mais indicado para preparar e desenvolver o apetite voraz e frequente que caracteriza a terceira fase do operado. Trata-se na verdade, do princípio da convalescença. As cicatrizes consolidam-se. O operado volta a encontrar as suas qualidades criadoras.

As consequências nutricionais deste novo estado são simples: é preciso alimentar e *alimentar bem* o operado.

Ele torna-se impaciente por deixar a cama. Mas os primeiros passos são fracos. Mal se levanta e já vacila. Actualmente, a tendência moderna do «levantar precoce» que evita muitas perturbações circulatórias, tão frequentes outrora, favorece nítidamente as funções intestinais e o apetite.

Logo que o operada volta a casa, há que tratar da «riqueza» da sua alimentação, a fim de fazer voltar mais depressa, a actividade e a força. Há, então, que respeitar dois princípios alimentares: o poder calórico e o poder proteico. Trata-se de fornecer energia e reparar as degradações dos tecidos.

O pequeno almoço pode e deve ser já uma refeição de garfo: carne ou um ovo, café com leite enriquecido de caseina, biscoitos com mel ou pão torrado, queijo cozido tipo «gruyère» ou emental.

Antes do almoço, impõe-se qualquer coisa de mais substancial: frutos secos ou queijo de pasta dura, pudins de «flan» ou outros com farinha, bolos ou mel.

As duas principais refeições não devem ser demasiado abundantes. Os excessos de volume são contra-indicados. Há que escolher alimentos como a carne e o peixe, massa ou arroz, queijo, sobremesas, frutos frescos ou secos.

Para um suplemento de substancias proteicas parece muito util tomar, todos os dias, levedura de cerveja ou hidrolisatos de caseina que se encontram sob a forma de diversas especialidades dietéticas, em qualquer casa da especialidade.

ESCALOPES PANADOS:

Para seis escalopes, dois ovos, um bom bocado de manteiga, um pouco de pão ralado fino e salsa. Bater os ovos inteiros, passar por eles cada escalope e depois no pão

ralado derreter a manteiga e deitar nela os escalopes e deixar cozer, cerca de 5 minutos de cada lado, salgar, apimentar, colocar num prato, deitar sumo de limão e salsa picada e levar rápidamente ao forno. Servir quente com salada crua variada.

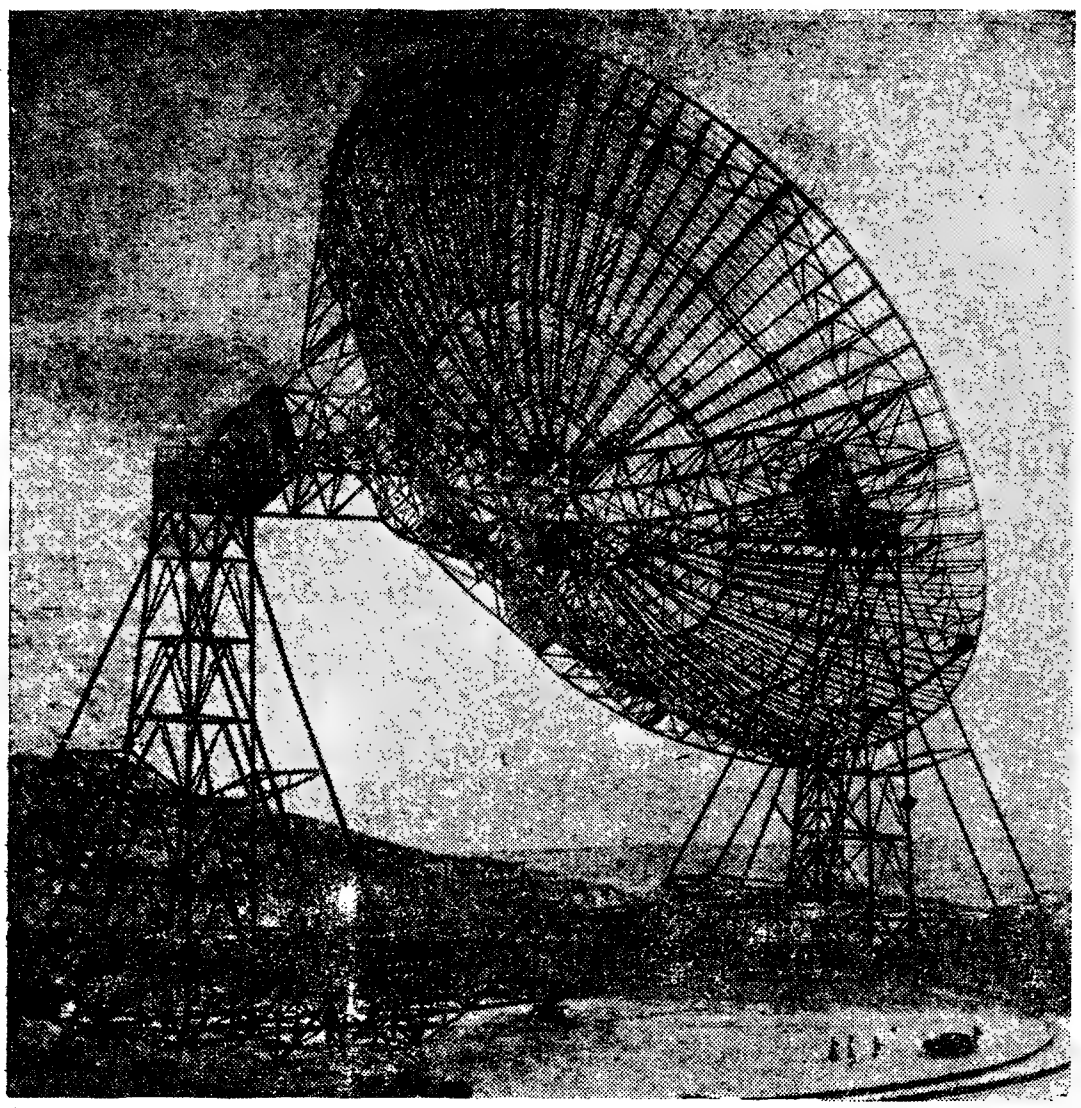
CEBOLAS RECHEADAS:

Escolha cebolas grandes e sãs. Dê-lhes uma rápida cozedura, retire da água, escorra bem, tire-lhe os olhos de maneira a obter uma cavidade suficiente para encher um recheio de carne misturado com molho branco. Colocar as cebolas num prato de ir ao forno, untando o primeiro com um pouco de manteiga. Salpicar com pão ralado fino e salsa picada, um pouco de manteiga e cozer no forno durante 20 minutos, regando frequentemente.

UMA SOBREMESA RAPIDA:

Abra uma lata de alperches em calda. Coloque cada uma das metades em conserva, numa tacinha de «Pirex» ou outra qualquer. Com a

seringa, rodeie as taças com «chantilly», de forma a deixar aparecer uma parte dos alperches. Sirva fresco.



Com o rádio-telescópio o homem escuta as grandes tragédias do cosmos

MÁRIO HENRIQUES LEIRIA

Há já largos anos que os rádio-astrónomos abandonaram o antigo costume de olhar para o espaço e passaram a ouvir, servindo-se para isso de aparelhos de rádio ultra-sensíveis que se baseiam num «espelho» parabólico cuja superfície é formada por uma rede metálica que reflecte as rádio-ondas e as concentra numa antena situada no foco do espelho. O funcionamento deste rádio-telescópio é, em princípio, similar ao dos vulgares telescópios correntemente usados para a observação óptica dos astros, com a diferença que os segundos utilizam os comprimentos de onda da luz e o primeiro os da rádio. As ondas captadas pela antena são ampliadas por um aparelho receptor que, por meio de um altifalante, torna audível ao ouvido humano os «ruídos do espaço...»

Actualmente funcionam cerca de uns trinta rádio-telescópios deste tipo. Os dos maiores encontram-se na Inglaterra e na Holanda. O maior dos dois, o inglês, tem um diametro de 75 metros e é especialmente concebido para captar as ondas hertzianas de mais de um metro. O rádio-telescópio holandês é o maior telescópio orientável, possuindo um espelho de 25 metros de diametro e pesando 25 toneladas. Montando num aparelho de orientação que gira numa linha férrea circular, a construção inteira tem um peso total de mais de 300 toneladas. Com este rádio-telescópio podem receber-se comprimentos de onda que variam entre os 10 e os 100 centímetros.

Sensacionais descobertas puderam ser feitas com a ajuda de estes aparelhos, descobertas essas que vieram abrir novos rumos á investigação científica dos espaços cósmicos. A primeira foi a localização de fonte de radiações hertzianas espalhadas por toda a Via Láctea. Essas radiações podem ser captadas distintamente e localizadas entre os ruídos espaciais provenientes dos milhões de estrelas do firmamento.

A segunda descoberta, que causou inicialmente grande perturbação entre os rádio-astrónomos que investigavam o fenómeno, foi a ausência total de qualquer corpo celeste visível no local onde tinha sido localizada uma poderosa fonte de emissão. No entanto, em bastantes casos, uma estrela particularmente brilhante encontrava-se nas proximidades dessa fonte. Todavia, ao ser dirigido o rádio-telescópio para essa estrela, não foi possível captar qualquer sinal, se bem que mesmo uma estrela da grandeza do nosso Sol emita radiações hertzianas.

Essas fontes invisíveis de radiação foram então chamadas «estrelas-rádio» e actualmente estão observadas e classificadas cerca de duzentas.

Que são, pois, exactamente essas «estrelas-rádio» misteriosas e invisíveis mesmo para os melhores telescópios ópticos? Os cientistas ainda não encontraram uma resposta definitiva para o fenómeno, mas pensam que há todas as possibilidades de se tratar de uma variedade até agora desconhecida de astros que não dão luz ou que, por um motivo ainda não determinado, não podem ser referenciados.

Mas além desta particularidade, uma outra propriedade foi observada: a intensidade de radiação de algumas dessas «estrelas-rádio» é variável, como acontece entre as estrelas de pulsação, ditas cefeides, assim chamadas devido ao nome do primeiro astro desse tipo descoberto no século XVIII pelo astrónomo inglês Goodricke; Cefeu-Delta.

A pergunta que, portanto, se põe aos rádio-astrónomos é a de saber em que momento da vida das estrelas se manifestam as radiações hertzianas.

Na realidade, o que os cientistas principalmente ouvem são os gritos de agonia dos astros moribundos. Foi este facto constatado com toda a evidência na nebulosa do «Caranguejo». Em 1054 os astrónomos chineses tinham observado e registado a explosão de uma estrela no local onde, actualmente, se encontra a nebulosa não sendo esta nada mais, afinal, do que uma nuvem de gás e de fragmentos provenientes da explosão e donde nos chegam as ondas hertzianas anunciando o fim de um corpo celeste.

Outros gritos de agonia, comparáveis ao ruído confuso proveniente de um monstruoso acidente, foram igualmente registados.

Uma fonte de radiação situada na constelação do Cisne traz-nos a mensagem de uma catástrofe que, pelo seu tamanho á escala do Universo, ultrapassa tudo quanto a imaginação humana possa conceber.

Duas Galaxias tão grandes como a Via Láctea entraram em colisão, isto «apenas» a alguns milhões de anos — luz da nossa Terra...

Como as rádio-ondas viajam já á imenso tempo antes de chegarem até nós, é possível que o cataclismo tenha já terminado... nada se sabe ao certo. Os cientistas nem sequer têm a certeza de se tratar de uma catástrofe. As estrelas que formam as Galáxias estão de tal maneira afastadas umas das outras que é bem possível que essas Galáxias se atravessem sem se tocarem, embora esta afirmação pareça um paradoxo.

Todavia, uma coisa ficou claramente demonstrada: com os rádio-telescópios os astrónomos descobriram um novo universo composto de astros invisíveis — mas existentes, sem a menor duvida — e esses mesmos aparelhos permitir-lhes-ão atravessar as nuvens opacas interestelares que encobrem a visibilidade de certas regiões do firmamento.

Só o futuro sabe o que virá a encontrar o homem nesse estranho universo invisível que começa agora a conhecer.

O que ficou por ler

(Continuação da 2.ª página)

setecentos rublos, vestidos de lã e seda. No acto de compra o aquisitor tem de fazer entrega de 20/25% da importancia total. O resto deve ser pago no prazo de um ano.

ALEMANHA

Na fronteira germano-dinamarqueza a Polícia descobriu (com muita sagacidade) que a data de nascimento duma rapariga, escrita no passaporte, estava falsificada em menos seis anos. Ao saber isso o noivo, que estava presente, apressou-se a retirar do automóvel a bagagem dela e a prosseguir na viagem sózinho.

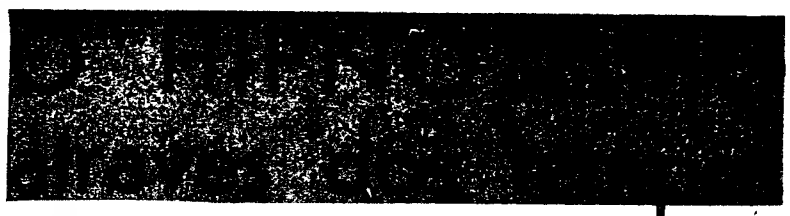
*

O realizador Helmut Käntner encarregou a criada de lhe pôr uma carta no correio. Algumas horas mais tarde lembrou-se que se esquecera de endereçar a carta. Foi logo ter com a criada e perguntou-lhe:

—Ainda tem a minha carta? E' que me esqueci de escrever o endereço.

Já a tinha posto no correio e a uma pergunta de Käntner, sobre o motivo porque, tendo reparado que o envelope ia em branco, resolvera, mesmo assim, enviá-la, a mulher respondeu:

—Julguei que o sr. não queria que eu soubesse para quem ia a carta.



(Continuação da 2.ª página)

as de um falso criado da rainha, portador de um recibo com uma assinatura falsificada por Villette, que dizia: «Maria Antonieta de França».

Rohan tinha assim assumido levianamente a responsabilidade do pagamento de um milhão e seiscentos mil libras, pois era esse o alto preço do colar agora em poder da condessa e que esta, em colaboração com seu marido, se encarregou de ir vendendo por pedaços em Paris e, na sua maior parte, em Londres. Depois de ter vendido brilhantes no valor de algumas centenas de milhares de libras, La Motte instalou-se principescamente em Bar-sur-Aube, mas conservou em Paris a sua mesquinha habitação para manter o aspecto de miséria e levar até ao fim a sua farsa com Rohan. Ora, o fim da farsa chegou em Agosto desse mesmo ano (1875) ao vencer-se a primeira prestação do colar que a «rainha» se havia comprometido a pagar aos joalheiros: quatrocentos mil libras.

Os vendedores não estavam em condições de protelar a cobrança, tanto mais que tinham recebido o dinheiro para a fabricação do colar de um financeiro chamado Sainte-James. O cardeal, assustado com as reclamações dos joalheiros, aconselhou-os a que fossem recordar á rainha a sua dívida e desta maneira se descobriu toda a burla.

Encontrava-se a condessa de La Motte a presidir a uma esplêndida recepção na sua nova propriedade de Bar-sur-Aube, quando recebeu a notícia de que o cardeal havia sido detido pelos agentes do palácio. Apesar da violência do golpe, aquela estranha mulher ainda teve o aprumo suficiente para exclamar:

— Pobre cardeal! Trata-se certamente de uma «manobra» de Cagliostro...

Esta exclamação da La Motte explica talvez o motivo porque ela, uma vez de posse do colar, não procurou fugir a tempo de França. E' que na sua cabeça germinara entretanto o audaz e absurdo plano de fazer cair todas as culpas sobre o cardeal de Rohan e... sobre Cagliostro.

De nada valeu á La Motte o seu plano, porque o cardeal teve de falar em defesa própria e, por consequência, tanto a condessa como Cagliostro foram também encarcerados e incluidos no famoso processo do colar.

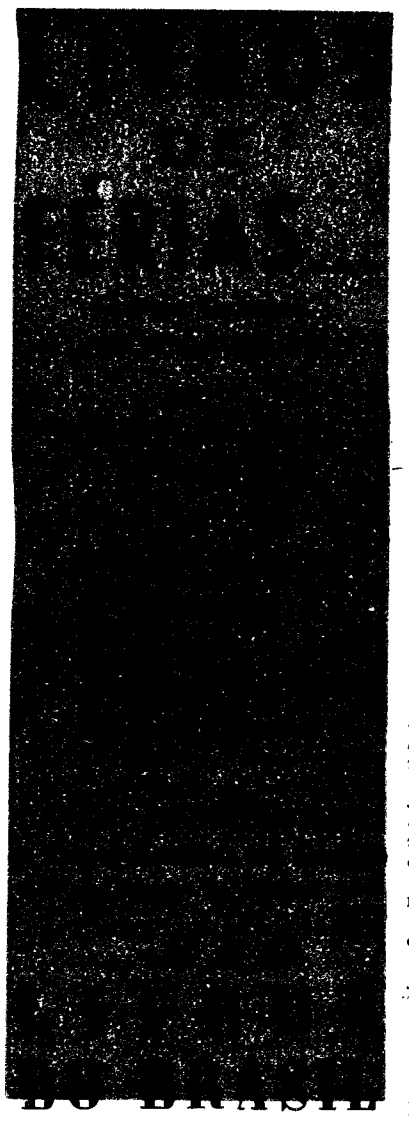
Rohan, após ter sido o involuntário causador de um enorme escandalo que muito ainda aumentou o descrédito da aristocracia francesa, foi absolvido; mas foi-lhe imposta a condição de residir fora de Paris, á frente de uma modesta abadia, bem longe das tentações de Versailles. A La Mote foi condenada a prisão perpétua, confiscação de todos os bens, e ainda a levar gravado na espádua, a ferro condente, um «V», inicial de «voleuse» (ladra).

E Cagliostro? À luz dos documentos judiciários o «mago do Egipto» aparece quase como uma vitima. A sua «comprovada inocência» não impediu, porém, que o processo trouxesse a lume os seus antecedentes e daí resultou ser expulso de França.

Mas estaria realmente Cagliostro tão inocente como o processo o apresentou? E quais eram afinal esses antecedentes do magnífico Alexandre, conde de Cagliostro, que levaram as autoridades a dar-lhe ordem de expulsão? A resposta a estas duas perguntas constituirá o assunto do meu próximo artigo.

ALFREDO BRAS

O primeiro artigo desta série, incluido no «Magazine» da passada semana, saiu com o título errado. Pedimos desculpa aos amigos leitores e ao nosso colaborador pelo involuntário lapso. O título, como se calcula, é o que hoje damos.



GANHE 100$00

(Continuação da página central)

importancia (dinheiral). Os seus familiares, por tradição, costumam fazer turismo fluvial para o Rio Minho. Essa grande família deve viver numa espécie de matriarcado, posto que sempre ouvi falar de «trutas», mas nunca encontrei referência a «trutos».

Está mesmo certo disso? Nunca encontrou? Consulte um dicionário existencialista.

O sr. E. Lass (Coimbra) fez uma série de importantes afirmações:

Que truta é um «peixe» com representantes em todos os sectores da actividade humana.

Que também é o peixe maior do Mundo, pois significa «peixão».

O sr. Carlos Paniágua Féteiro (Caldas da Rainha) considera que

TRUTA é uma espécie de peixe-mamifero do género futebolístico que só se pesca com notas...

O sr. I. F. A. Pereira (Lisboa) também é do parecer que truta é um peixe-mamífero. Diz:

TRUTA é o nome de um mamífero mais ou menos «mami-fera» que habita a Terra. E' de carne delicada.

O sr. Pereira poderia acrescentar que é a unica carne que os vegetarianos são capazes de comer sem trair o estômago e os seus juramentos dietéticos.

O sr. José Carlos de Oliveira diz que continua nas tentativas. E faz muito bem. Há-de chegar a «centenário» com tempo. Eis as «tentativas» da semana:

TRUTA é um aprendiz de tubarão.

Para aprendiz já sabe mais que o mestre, não acha? Não ficaria melhor: Truta — feminino de tubarão?

O mesmo sr. Oliveira envia-nos também os seguintes versos:

Aquele que por ser sabido
De muitos tachos disfruta,
Por enorme génio é tido,
De alma larga, impoluta
...E por quem eu sou comido,
Esse é uma grande truta

O sr. José Oliveira pergunta-me que digo eu á versalhada. A' versalhada não digo nada. Só digo é que não se deve deixar comer.

Terminamos os seleccionados da semana com a menção do sr. Alberto H. da Silva, do Porto, e amável leitor nosso, que nos confessa que

Truta é um peixe aristocrático que não liga a qualquer anzol.

A's vezes come a isca e ri-se do anzol.

A propósito não lhes parece que ficaria bem para a semana a palavra

PATINHO

Respostas para Magazine, Rua Luz Soriano, 44 a 48, até sexta-feira, dia 2 de Outubro.

Uma vida extraordinária

Filha de uma mulher que morreu no cadafalso acabou por se sentar no trono da mãe

5 DE SETEMBRO DE 1533

UM raio de Sol ainda quente penetra através da alta janela duma sala do castelo de Greenwich, e ilumina uma pensativa silhueta de mulher. O amplo e rígido vestido não consegue dissimular as suas formas pesadas. Em que medita a rainha Ana? E' possível que, mais uma vez, a persiga a mesma e constante pergunta: Será desta vez que dará ao Mundo o filho tão ardentemente desejado pelo seu real marido?

Um filho... Este desejo serviu de pretexto a Henrique VIII para, depois de vinte anos de casamento, repudiar Catarina de Aragão, que, dos sete partos, só conseguira fazer vingar a princesa Maria. O Papa negara-se a anular o casamento do soberano inglês, porque tinha receio de descontentar o todo-poderoso imperador da Alemanha, Carlos V, sobrinho de Catarina. Então, Henrique VIII, decidiu passar sem o Papa: passaria a ser, ele próprio, o Papa dos seus vassalos, e o arcebispo de Cantuária anularia o casamento... E foi isto mesmo que fez.

Seguro de si, triunfalmente, Henrique matrimoniou-se com a jovem Ana Bolena, recenvinda da corte de Francisco I, onde lhe chamavam a «Pequena Bolena». De olhos sombrios, colo de cisne, silhueta fina e espírito vivo — Ana cativara o soberano inglês. Mas recusava-se, mas a sua obstinação transformou em furor apaixonado o que fora simples capricho real.

Hoje é rainha e, ansiosa, espera o herdeiro do trono. Henrique revelava-se um marido difícil de estabilizar; e, como inimigos poderosos a espreitavam, só um herdeiro macho garantiria a sua posição.

7 DE SETEMBRO

Os sinos soam e ressoam aos quatro ventos; na catedral de São Paulo celebra-se um solene «Te-Deum». Não é, todavia, um filho, o que a rainha Ana deu á luz; o serzinho russo que, três dias mais tarde, será baptizado, é uma rapariga e terá o nome de Isabel.

Depressa a roda da fortuna desandou na corte de Henrique VIII. Havendo parido um herdeiro macho, mas nado morto, Ana vê o marido afastar-se dela.

19 DE MAIO DE 1556

No dia 2 de Maio de 1556 Ana Bolena dá entrada na Torre de Londres. Acusam-na de adultério, e dezassete dias depois dos fatídicos cárceres para subir ao cadafalso. Acompanham-na cinco jovens, declarados seus cumplices.

QUATRO RAINHAS SEGUIDAS

Na pressa de renovar as «delícias» matrimoniais, Henrique VIII faz anular mais uma vez, pelo complacente arcebispo de Cantuária, o casamento com Ana Bolena. Isabel, princesa de Inglaterra, já não passa de uma bastarda... Deve dizer-se que, com 2 anos e 8 meses, ela pouco se importa com a mudança, tanto mais que encontrou em Maria, a irmã de 17 anos (filha de Catarina de Aragão) uma segunda mãe. Maria dedica-se ternamente a esta criança, vítima, como ela, de uma vontade arbitrária.

A terceira rainha de Inglaterra (da série que Henrique VIII lhe proporcionará) é Joana Seymour. Joana é mais feliz do que as antecessoras: produz para o trono um herdeiro macho e não tem tempo para conhecer a desgraça, pois morre em seguida.

Baptiza-se com pompa estrondosa o menino e, no seu regozijo, Henrique lembra-se das filhas: é, na verdade, Maria quem leva o príncipe herdeiro á pia baptismal, na qualidade de madrinha; quanto a Isabel, então com 4 anos, muito espevitada no trajo de gala, olha o espectáculo de fadas que se desnovela á sua frente.

Mas o trono feminino de Inglaterra está vago. Henrique não perde tempo a suprir a grave falta: eis a quarta esposa do Barba-Azul das Britanias — Ana de Cleves, que pouco aguenta e é repudiada.

Rainha decapitada — rainha substituída. Cá temos a quinta senhora do reinado do oitavo Henrique: chama-se Catarina Howard e não tarda a subir as escadinhas do cadafalso. Quem se segue? Há alguém, ousado bastante, que aceite emprego tão nefasto em que se não sabe quanto tempo dura uma cabeça agarrada ao pescoço?

Há, na verdade. O monarca está velho, mas enfim um trono sempre é perspectiva que vale a penamo: tentar. A ultima das três Catarinas que passaram pelo tálamo albiónico é inteligente e vai resistir aos encantos existencialistas do cadafalso; poderá mesmo orgulhar-se do título de «rainha-viuva», de verter as lágrimas oficiais sobre o caixão do maior consumidor de mulheres que jamais dirigiu o monarquia britanica. Em breve verifica a extrema sagacidade daquela menina de nome Isabel; fá-la partilhar os estudos de seu irmão Eduardo, o filho de Joana Seymour.

Nessa altura a rude Inglaterra vive em plena metamorfose renascentina: as novidades de Itália dão os seus frutos: entre as classes ricas acende-se a brotoeja da instrução. Eis uma entusiástica espécie de campanha contra o analfabetismo: a princesa Maria escreve latim, fala francês e espanhol e arranha umas coisas de italiano. Isabel vai muito mais longe que a irmã: o seu espírito vigoroso apodera-se rápidamente de tudo quanto lhe ensinam e toda a sua vida será o espanto, pela sua cultura, de todos os embaixadores que a ela assomam

UMA HERANÇA MOVIMENTADA

O monarca de barba ruiva morre em 1546. Eduardo, o herdeiro, tem apenas 10 anos. Vai-se inaugurar o reino dos regentes. Os Seymour — família materna do reizinho — atiram-se ao poder com avidez: um dos seus membros, o almirante Tomás Seymour, desempenhará um importante lugar na vida de Isabel. Com 38 anos, belo, elegante, inteligência pronta, não tarda a ocorrer-lhe a importancia política da jovem princesa. O reizinho é doente, género de pinto-choco; caso se apague sem descendência, o trono caberá ás irmãs. Tomás joga no partido de Isabel e começa a rodeá-la de uma corte semi-paternal, semi-terna...

Ela tinha então quinze anos. Não possui, valha a verdade, a beleza da mãe, Ana Bolena; é alta, magra, de tez clara, com abundante cabeleira russa e surpreendentes olhos verdes a alumiar a cara ossuda. Vive em casa da madrasta, a rainha-viuva Catarina Parr. Tomás Seymour é assíduo. Um belo dia, porém, o lord protector do reino — que na realidade ocupa o lugar de verdadeiro soberano — suspeita dos ambiciosos projectos de Tomás e opõe o seu veto. Este desposa então Catarina Parr, há muito perdida por ele, e, pelo sim, pelo não, continua a cortejar Isabel. Entra de improviso no seu quarto, beija-a, acaricia-lhe as mãos, os braços... A rapariguita sente-se mais perturbada do que desejaria.

Nesta Inglaterra do século XVI a vida está cheia de surpresas. De alto a baixo. Catarina Parr morre de parto. Logo Tomás regressa ao projecto de casar com Isabel e de se instalar no trono, a seu lado, dado que o débil Eduardo não parece muito apto para viver. Trama uma conspiração, que é descoberta, e Tomás é metido na torre.

Isolada dos seus servidores, Isabel é interrogada com vagares sádicos.

— Prometeu casamento ao lord almirante sem o consentimento do Conselho Real?

— Suspeitou, acaso, dos projectos criminosos deste?

Se assim acontece, ela é ré de alta-traição...

A adolescente sente já a fria machada do carrasco a gelar-lhe a pele do pescoço. Com perfeito sangue-frio nega tudo, nesta hora suprema. Escreve ao jovem irmão e suplica-lhe que lhe permita vir justificar-se junto dele.

Ao fim de um mês em que os inquisidores reais brincaram com Isabel como um gato com um rato — os vencráveis sujeitos são obrigados a confessar que nunca encontraram pela proa adversário de tal jaez. Isabel dissimula férreamente o seu desespero ao saber que Tomás Seymour fora decapitado. Nem uma contracção. Nem um pestanejar. Nem um centímetro quadrado de palidez.

Tanto esforço salvou-a. Mas fê-la adoecer. Durante um ano a jovem sentirá os efeitos de tão dramática tensão nervosa.

Vive, desde então, retirada no campo. Procura que a esqueçam. Estuda grego, lê as tragédias de Sófocles, as epístolas latinas de São Cipriano.

Enquanto vai armazenando tantos primores clássicos, na corte, as coisas sucedem de forma muito diferente. Eduardo, o reizinho doente, atinge os dezasseis anos. Deviam ser estes os seus projectos de existência, pois logo se demite da vida. Eis o trono inglês de novo vazio. Para ele candidatam-se duas mulheres. Mulheres? Que estranha coincidência. O pai delas, o barbirruivo Henrique VIII, mudou, como se sabe, de casamento, a pretexto de que as rainhas não lhe davam herdeiro macho... E agora?

No próximo numero veremos o estranho desenrolar dos acontecimentos da política inglesa.

Diario de Lisbôa

De uma semana para a outra

REVISÃO HEBDOMADARIA DE FIGURAS E FACTOS

DIA 19

EM PORTUGAL — Começaram em Coimbra as comemorações do Instituto de Trabalho Nacional ✻ Regressou a Lisboa o sr. conde de Barcelona ✻ Chegou a Lisboa o novo embaixador da Dinamarca ✻ Em Lisboa começou o Congresso da União Internacional de Ginecologistas e Obstetricistas ✻ Foi aprovado o novo regulamento da Caixa de Reformas dos Jornalistas ✻ Partiu para Nova York a delegação portuguesa ás Nações Unidas ✻ Em Obidos foi inaugurada uma exposição evocadora da pintora Josefa de Obidos. ✻ Morreu o prof. Ferreira de Macedo.

NO ESTRANGEIRO — Nikita Kruchtchev foi recebido em Hollywood ✻ Eisenhower estuda o plano de Nikita Kruchtchev apresentado ás Nações Unidas.

DIA 20

EM PORTUGAL — Começou a disputar-se o Campeonato Nacional de Futebol ✻ Chegou a Lisboa a delegação do Colégio Militar que esteve no Brasil ✻ Em Mafra, o sr. Presidente da Republica assistiu ás festas de Nossa Senhora da Nazaré ✻ Em Benavente foi inaugurado um pavilhão-abrigo para tuberculosos ✻ Na serra de Bornes começou a instalação de um posto emissor de radiotelevisão ✻ Nas Caldas da Rainha disputou-se o Grande Prémio do Concurso Hípico. Foi ganho pelo coronel Mena e Silva.

NO ESTRANGEIRO — Na visita de Kruchtchev á Califórnia houve um incidente, ameaçando este interromper a viagem ✻ Um jornal de Londres diz que a princesa Margarida casará com um advogado canadiano. ✻ Os primeiros resultados do Lunik II dizem que a Lua não tem um campo magnético ✻ Na Argentina estão a ser tomadas precauções militares para evitar que as greves alastrem ✻ Adenauer celebrou o 10.º aniversário da sua posse no cargo de chanceler.

DIA 21

EM PORTUGAL — Foram instituidas duas novas corporações: a da Imprensa e Artes Gráficas e a dos Espectáculos ✻ Desapareceu um avião de turismo perto de Lourenço Marques ✻ Foi homenageado o general Monteiro Libório, comandante militar de Angola ✻ Em Elvas a feira de S. Mateus teve extraordinária concorrência ✻ Foram soltos na Praça de Camões os dois pombos enviados pelo Município do Rio de Janeiro ✻ O conselho geral da Federação dos Sindicatos dos Caixeiros foi recebido pelo ministro das Corporações.

NO ESTRANGEIRO — O prof. Galvão Teles começou na Haia a exposição da tese de Portugal no seu diferendo com a União Indiana ✻ Nikita Kruchtchev jantou em S. Francisco com chefes sindicais, decorrendo agitado o repasto ✻ Portugal e França aderiram ao acordo mundial do café, em Washington ✻ Em Bonn anunciam que o dr. Marcelo Matias foi convidado a visitar a Republica Federal Alemã.

A assembleia geral da N. A. T. C.

DIA 22

EM PORTUGAL — Chegou a Lisboa o cardeal Alfredo Ottaviani, em viagem para o Canadá ✻ Para o Brasil partiu o escritor Ferreira de Castro ✻ O subsecretário da Educação regressou a Lourenço Marques depois de visitar o distrito de Gaza ✻ Partiu para Angola o general Monteiro Libório ✻ O ministro da Marinha assistiu a uns exercícios dos comandos da N. A. T. O. ✻ Terminaram os trabalhos do III Congresso da União Profissional Internacional de Ginecologistas e Obstetricistas.

NO ESTRANGEIRO — Nikita Kruchtchev chegou a Des Moines ✻ Em Inglaterra, MacMillan e Gastkell iniciaram a campanha eleitoral ✻ O secretário de Estado americano apelou para as Nações Unidas para que não levantem dificuldades aos planos franceses na Argélia ✻ Janio Quadros foi aclamado no Rio de Janeiro, ao regressar de Portugal ✻ Na Argentina foi preso o secretário-geral do Partido Comunista ✻ No Iraque houve manifestações contra o regime de Karim Kassell.

DIA 23

EM PORTUGAL — Em Coimbra representantes dos organismos corporativos de todo o País, desfilaram comemorando o 26.º aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional ✻ Reuniu em Lisboa a assembleia geral da União Internacional dos Arquitectos.

DIA 24

EM PORTUGAL — Partiu para Nova York o cardeal Ottaviani. ✻ Foi ratificado o acordo para a entrega dos bens alemães em Portugal. ✻ Em S. Domingos, uma automotora chocou com um comboio, havendo 20 feridos. ✻ Terminaram em Coimbra as comemorações do 26.º aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional. ✻ Partiram para Madrid, os srs. drs. profs. Marcello Caetano e Adriano Moreira, que representam o País na reunião do Centro Europa de Informação e Documentação (S. E. D. I.).

NO ESTRANGEIRO — O prof. Braga da Cruz prosseguiu a sua exposição no Tribunal Internacional de Haia. ✻ Nikita Kruchtchev chegou a Pittsburgh. ✻ De Gaulle começou a sua visita de 4 dias ao Norte da França.

DIA 25

EM PORTUGAL — Reuniram-se em Lisboa os comandantes distritais da Polícia de Segurança ✻ Prosseguiu a reunião de dirigentes da Mocidade Portuguesa Feminina. ✻ Um elefante foi lançado contra o publico que visitava uma exposição de feras em Évora.

NO ESTRANGEIRO — O prof. Braga da Cruz concluiu a sua exposição no Tribunal da Haia, provando a soberania portuguesa sobre Dadrá e Nagar-Aveli. ✻ Eisenhower e Kruchtchev principiaram as conversações finais. ✻ O presidente do Governo de Ceilão foi vítima de um atentado. ✻ Ali Khan foi nomeado embaixador do Paquistão na Argentina.

CADERNO DE UM REPORTER

O cabaz das compras de uma senhora lisboeta no princípio de 1927

por CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

Lisboa de princípios de 1927... Tem já um certo sabor a folhetim romantico, a coisa que se tem, de que gosta mas que não é costume mostrar, isto de ter e de guardar, com o indefinível encanto de uma saudade, digamos mesmo, de guardar uma flor emurchecida pelo tempo, seca e ainda perfumada, cheirosa, rescendendo ao linho e á hortelã que já a revestiram, até saudade dos amores perfeitos espalmados e separados junto ás folhas velhas de um livro de família. Nesta bucólica, diremos mesmo mimosa evocação há — quem sabe? — a alma perdida de um trovador que se quer disfarçar e, todavia, que se entremostra, por entre o cuidado e mimo com que se guardam estas folhas de loureiro, estes geranios ainda viçosos, esta galhardia com que surgem os velhos e carinhosos afectos, a carícia não dissimulável dos ternos cuidados, a irresistível saudade dos «petiscos» de que se compunha a nossa tradicional ementa, numa mesa quanto possível farta mas não transbordante, no efluvio grato dos condimentos simples e domésticos, no travo tão simples e tão doméstico dos pratos simples, não maculados por essas coisas que apressam, ás vezes, a cozimenta ou o alinhavo de um guisado, mas que em nada e por nada lhe aumenta o sabor. Tudo simples e bom, é quanto basta para manter a naturalidade de uma esposa carinhosa e boa, meiga e educadora de filhos respeitosos.

A eloquência do rol

O instrumento desta evocação, tem carácter quase íntimo, e se as pessoas não estivessem vivas, diria mesmo que esta era a evocação quase publica de uma época ultrapassada. O resto, quase parece mentira hoje, há mesmo verbas e discriminações em que não acreditaríamos, tão diferentes são das que se apresentam, hoje em dia. Quando a pessoa que debitou tais numeros e letras as escreveria, no já distante ano de 1927 — há mais de trinta anos!— que estava a contribuir para a história dos costumes lisboetas, com documentos valiosos, era capaz de dizer enfáticamente:

— Sape gato, demónio ou o quer que seja, encolha-se e não me importune mais!...

Porque, revendo isto, há coisas, na verdade inconcebíveis agora mesmo. Ora vejam, comigo, estas excelências:

Galinha, 6$00; pão, 2$00; bacalhau, 1$50; arroz, 1$50; feijão, $60; azeite, 2$70; outras coisas, incaracteristicas, e a soma da despesa do dia, 22$00.

Pouco depois, a 1 de Março: soma da despesa do dia, 17 escudos. E havia, assombrem-se, pão, azeite, leite, ossos, sardinhas, batatas, cebolas, couves, fígado, etc., e tal. Um verdadeiro festim. Coisas menores, bastantes, tantas que nem valia a pena apontar.

Guarda-roupa e o resto

Guarda-roupa, pouco, pouco se renovava, o luxo não acompanhava os gostos do homem de classe média. Mesmo depois, só muito pouco a pouco nos fomos habituando aos costumes do Chiado. O estranho, autenticamente estranho, é nada termos poupado depois de tantos anos de economia e poupança caseira. Era coisa que se entregava ás senhoras, coisa que não merecia cuidados ao dono da casa. Por isso, a ainda hoje tradicional imprevidência do lisboeta nesse aspecto. Os manjares é que eram tipicamente os mesmos, e, por muito modesta que fosse a casa, lá vinha, de vez em quando, a quebrar a monotonia do costume, coisas já então consideradas «revolucionárias». Ora vejam e procurem pontos de referência:

(Continua na página seguinte)

CAFÉ CORUJA
Restaurante tipico
Coruche — Telefone 114
Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco ao Espeto
Frango de Cabi á Coruja
Bifes de Vaca na Caçoila
Cabrito á Moda da Casa
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

A FIGURA DA SEMANA

Nina Kruchtchev

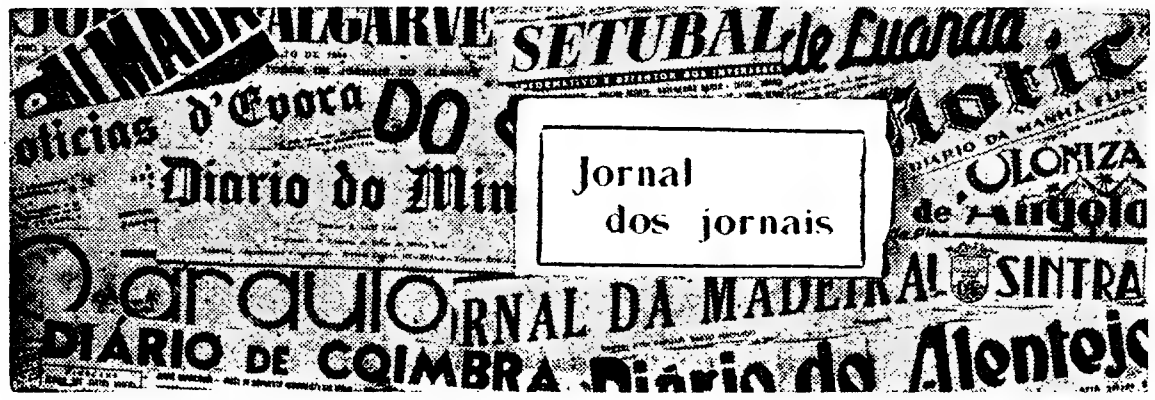
Se a viagem aos Estados Unidos do chefe do Governo soviético fosse uma simples manifestação de propaganda — o que é pouco provável — a presença de sua mulher, que o Mundo ignorava, serviu — e certamente melhor do que o lançamento do foguetão luna que precedeu a partida de Kruchtchev e causou tão funda e justificada impressão. E' uma mulher simples, sem história, afável, sem tradições, humana, sem preconceitos. Em volta do marido há manifestações desencontradas, as quais reflectem os sentimentos que a sua acção tem suscitado no Ocidente. Mas a sr.ª Kruchtchev, onde aparece, é unanimemente saudada e aplaudida por motivos que, nada tendo com a politica, nela influem poderosamente.

Em primeiro lugar a sua presença aparece aos olhos dos americanos, e do resto do Mundo, como uma relevante exemplificação da vida familiar na União Soviética. Depois permite documentar como em todos os países, mesmo quando regidos por sistemas opostos e antagónicos, há constantes comuns as quais derivam da própria condição humana e da vida social, independentemente dos seus contrastes. Isso resulta, sobretudo, da apresentação simples, sem artifícios e sem equívocos, dos exemplares humanos na sua existência quotidiana e na sua tocante verdade.

O chefe do Governo soviético foi precedido na sua visita aos Estados Unidos da revelação de algumas realizações sensacionais da técnica e da ciência do seu país — o «Lunik», o quebra-gelos atómico, etc. Para impressionar os seus adversários, na competição em que estão empenhados, a influência dessas revelações foi certamente menor do que a da arma secreta mais eficaz de que se fez acompanhar — a mulher. O conhecimento desta não deu o deslumbramento episódico que pode ter causado o lançamento de um foguetão que chegou á Lua. Deu, porém, o que para a aproximação dos povos é incomparávelmente mais valioso, a certeza de que para moderar os ímpetos do fogoso político russo há, junto dele, uma criatura desataviada e despretenciosa que resolveu fazer com ele a vida de todos os dias e que lhe mostra, a cada momento, a inutilidade e a iniquidade da guerra.

A pintura abstrata vista pelos Russos

A temperatura da crítica e do publico moscovita perante a arte abstracta, na exposição apresentada pelos Estados Unidos na capital soviética, subiu muito sensivelmente desde que Nikita Kruchtchev foi convidado a visitar a América do Norte. As críticas virulentas e ás chufas dora uma vontade de compreensão, que se traduz em frases do género: «Certas obras não são más e há mesmo muitas com interesse, embora por vezes deprimentes...».



A pesca no país

O total da pesca da sardinha em Junho foi de 6.279 toneladas no valor de 17.766 contos.

A industria de conservas de peixe em azeite ou molhos, utilizou 2.164 ton. (34,4 %) no valor de 6.400 contos, a industria de conserva em salmoura fabricou 1 ton. no valor de 3 contos e o restante desta pesca, 4.114 ton. no valor de 11.363 contos, foi absorvido pelo consumo publico.

O principal centro desta pesca da sardinha foi Matosinhos, com 2.248 ton. (35,8% no valor de 6.152 contos, seguido de Peniche com 1.674 ton. (26,6 %) no valor de 4.535 contos e de Setubal com 943 ton. (15 %) no valor de 2.795 contos.

Em compareção com o mês de Maio anterior, pescaram-se em Junho mais 1.249 ton. de sardinha no valor de 2.735 contos e em relação ao mês de Junho de 1958, a pesca em Junho de 1959 foi inferior em 1.723 ton. no valor de 2.264 contos.

Das outras espécies industriáveis, a pesca de biqueirão em Junho foi de 1.068 ton. no valor de 2.986 contos e a de carapau e chicharro, 3.278 ton. no valor de 7.718 contos.

Em Maio ultimo, estas pescas foram, respectivamente, 2 ton. e 3 contos e 1.105 ton. e 3.510 contos e em Junho de 1958, respectivamente, 882 ton. e 3.120 contos e 4.672 ton. e 10.872 contos.

(«O Setubalense», de Setubal)

AS TRAINEIRAS ALGARVIAS

deslocam-se para o Norte

Em consequência da escassez de sardinha na nossa costa, seguiu para o Norte grande parte da frota de traineiras do Algarve e a quase totalidade da frota de Vila Real de Santo António. Isto ocasiona um agravamento das condições económicas do litoral algarvio, que, este ano, tem sido causticado pela adversidade. Há quem se mostre confiante no aparecimento do biqueirão, que costuma, em certos anos, afluir em abundancia á nossa costa, em Setembro e Outubro. Oxalá assim seja, porque nalgumas fábricas começa a notar-se a falta desta matéria-prima, que constitui a base de trabalho do pessoal feminino durante o Inverno.

(Jornal do Algarve, de Vila Real de Santo António)

Caderno de um reporter

(Continuação da página anterior)

Coelho, 7$00; leite, 1$00; bacalhau, 2$00; pão, 2$00; couve, $70; carapaus, $30; e 1 e meio quilo de batatas, 1$50; pequenas coisas, etc., e tal — soma tudo: 19$70.

Outro dia, em Fevereiro: costeletas, 3$50; peixe, 3$00; hortaliça, $50; ameijoas, 1$00; uvas, 1$50; cebolas, 1$50; batatas, 1$00; ovos, $50; 1/2 quilo de açucar; três pães, 1$50; despesa total, incluindo pequenas coisas, 20$00.

Outro rol, com especificações, na verdade, originais. Vejamos: tomates, $60; correio, 3$00; costeletas, 2$80; pão, 2$00; açucar, 1$10; três ovos, 1$50; uvas, 1$20; bacalhau, 1$50; ovas, 2$00; grelos, $50; feijão, $90; cenoura, $10.

Outro dia; várias despesas miudas; depois, carneiro, 7$50; ovos, deviam ter sido seis, $30; açucar, 2$20; grão, $90; grelos, $50; mais pequenas despesas, e soma tudo, 28$18. Depois, perde o interesse este estendal de um interior de casa, que nos permite ver, porém, as condições precárias mas honradas em que se vivia em Lisboa não há muito tempo, mas há mais de um quarto de século, trinta anos transcorridos bem á vontade.

Em certas coisas, a actual secção do «Diário de Lisboa», «Manhã na Praça», fornece-nos dados comprovativos de grande curiosidade.

O lisboeta perdeu certos hábitos antigos, mas também há muita coisa que se perdeu com o tempo...

O monumento a João de Deus

em S. Bartolomeu de Messines

S. BARTOLOMEU DE MESSINES, — Desde 25 de Agosto que está exposto ao publico o resumo das contas das batalhas de flores realizadas nesta localidade com o fim de angariar fundos destinados a custear a erecção do monumento a um dos maiores poetas líricos e pedagogos — João de Deus, filho desta terra. O saldo em dinheiro é de 31.333$90.

E' firme propósito da comissão empregar todos os meios ao seu alcance para que a construção do monumeto comece após a realização da batalha de flores do próximo ano. Conta ela com o apoio unanime da população que deseja pagar uma divida, há muito tempo em aberto, para com a memória de um dos Portugueses mais ilustres de todos os tempos.

(«Jornal do Algarve», de Vila Real de Santo António).

Evora vai ter

um pôsto emissor de Rádiotelevisão

Para uma melhor recepção na zona de Évora, a Radiotelevisão Portuguesa está interessada na colocação nesta cidade de um pequeno posto emissor dos seus programas.

Várias diligências foram já tratadas por aqueles serviços, junto do sr. Raul Calado de Almeida, vereador da Camara Municipal e presidente da Comissão Municipal de Turismo.

O assunto foi apresentado na ultima reunião da Camara Municipal, esclarecendo-se que, sendo proposto a esta entidade o pagamento da colocação da antena, que deverá fixar-se no depósito elevatório de águas, o Município seja informado da importancia necessária para esses trabalhos.

Até então, o Município não emitirá a sua opinião definitiva, embora, em princípio, concorde com a instalação do referido posto emissor.

(«Notícias d'Évora», de Évora)

Aspecto do «forum» romano

A volta ao Mundo (18)

A ITALIA

SUPERFÍCIE — 301.023 quilómetros quadrados.

POPULAÇAO — 49.453.000 habitantes.

CIDADES PRINCIPAIS — Roma (capital, 1.829.000 habitantes); Milão (1.355.000); Nápoles (1.090.000); Turim (880.000); Génova (727.000); Palermo (558.000); Florença (403.000); Bolonha (385.000); Veneza (335.000); Catania (335.000).

CLIMA — O clima da península de Itália é muito variado, dado o frio dos Alpes, ao Norte, aos calores da Sicília e de Roma, no Verão. O geral é o clima mediterranico temperado.

MONTANHAS — O ponto mais alto do território italiano é o Monte Branco com 4.810 metros e depois o Grand Paradis com 4.601, nos Alpes. Na Lombardia o maciço de Bernina atinge 4.052 metros. Na Sicília o Etna, com o vulcão atinge 3.274 metros.

RIOS — O Pó tem uma extensão de 676 quilómetros. Dada a configuração estreita da península, os cursos de água não atingem grande extensão. Depois do Pó: o Adígio tem 410 quilómetros, o Tibre 392 e o Reno 220 quilómetros.

GOVERNO — A Constituição italiana estabelece a forma de governo da Republica, sendo o poder executivo exercido pelo presidente da Republica, eleito pelo Parlamento e por 7 anos, com o auxílio do Governo que é responsável perante as Camaras. O poder legislativo é exercido pelo Senado de 242 membros, e pela Camara dos Deputados de 590 eleitos por sufrágio universal.

EDUCAÇAO — A educação primária é livre e obrigatória, havendo 56.818 escolas com 5.708.000 alunos. No Sul o analfabetismo é ainda muito denso. Há 29 universidades com 211.000 alunos, muitas delas datando da Idade Média.

AGRICULTURA E INDÚSTRIA — Metade do solo italiano é consagrado ás culturas, 16 % aos pastos; 21 % a matas. As principais produções italianas são o trigo, o centeio, aveia, cevada, arroz, azeitona, frutos. A pecuária compreende 8.480.000 bovinos, 8.572.000 ovinos e 3.863.000 suinos.

Na industria as principais actividades são os tecidos, cimentos, máquinas, porcelanas, automóveis, bicicletas, barcos.

CAMINHOS DE FERRO — 21.622 quilómetros.

ESTRADAS — 195.000 quilómetros.

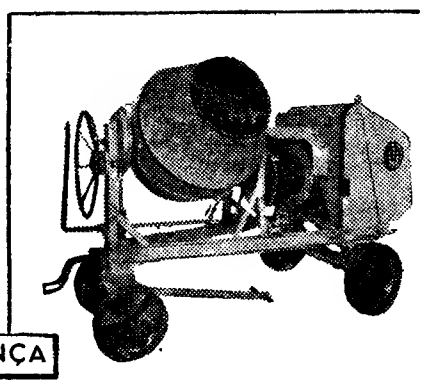
LÍNGUA — Na Itália há vários dialetos, mas a língua oficial em toda a Itália é o italiano.

MOEDA — A unidade monetária é a lira.

RELIGIAO — Há liberdade de cultos, mas a religião católica é a da imensa maioria da população.

BETONEIRAS

SIMPLES OU COM
GUINCHO
DE 180 E 210 L.ts
ACCIONADAS POR MOTOR
PETTER
DIESEL OU PETRÓLEO



A MARCA DE CONFIANÇA

30 UNIDADES AO SERVIÇO DE UM SÓ CLIENTE

AA LISBOA
ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)
E FÁBRICAS VULCANO E COLARES
RUA ACADEMIA DE CIÊNCIAS, 9 — LISBOA — TELEFONES: 31710/8/9
STAND DE EXPOSIÇÃO: BOQUEIRÃO DO OURO, 38 — LISBOA — TELEF. 66 47 88

Roma vista do alto da basílica de S. Paulo

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LUA DE MEL

Texto integral do conto de

G. HENRY

ESTAVA já o grande autocarro pronto para partir, cheio de excursionistas, os quais, guiados, amàvelmente, pelo condutor, haviam ocupado os seus lugares, enquanto os curiosos, em grande numero, cercavam o reluzente veículo, obstruindo a passagem.

Pelo alto-falante o homem anunciou a saida e o poderoso motor do carro começou a trepidar. Nervosos pelas sacudidelas, os passageiros agarraram-se aos lugares, ao mesmo tempo que uma velha provinciana começou a gritar que estava arrependida e queria que a descessem. Contudo, a voz que surgiu através do alto-falante — a proclamar a importancia do passeio que começava — abafou os murmurios dos viajantes e os gritos da idosa senhora.

O motor pareceu parar um momento, como se tomasse alento e quisesse ganhar forças. Depois, majestosamente, o veículo atacou a marcha, deslizando pela Golden Avenue. Parado junto do motorista, como um capitão na ponte de comando de um couraçado, o sujeito do megafone apregoava as belezas da cidade. Com a boca aberta, atentos, os turistas escutavam as palavras do cicerone e procuravam, acompanhar os pontos mais notáveis da metrópole que se desenrolava diante deles. Não queriam perder a oportunidade de desfrutar todos os prazeres da excursão.

* * *

No ultimo banco do autocarro estava James Flagg, sentado junto da esposa. Tratava-se de um par de recém-casados. Ela era muito formosa, de tez pálida, com grandes olhos negros. A sua expressão denotava a alegria e a ventura da sua vida feliz. E como havia de ser de outro modo! Na sua opinião não podia encontrar-se no Mundo inteiro, outro homem que, mesmo de longe, se parecesse com o esposo.

Não eram injustificados — dentro do julgamento de uma recém-casada — o orgulho e a felicidade de Dorothy Flagg. James tinha vinte e cinco anos, era alto, de compleição atlética e seduzia pelo seu aspecto simples e o sorriso extremamente simpático.

Em frente da mulher, estava uma jovem de blusa azul, com um chapelinho de palha. Os olhos da rapariga fixavam-se nos pontos que o homem do megafone ia assinalando. O seu companheiro era igualmente jovem, aí de vinte e quatro anos, e também vigoroso. Os olhos astutos denunciavam o citadino, e, quando se fixavam em alguém, pareciam querer perfurar-lhe a consciência.

A rapariga da blusa azul e do chapé de palha cansou-se de olhar os arranha-céus, e, voltando a cabeça, começou a examinar os companheiros de viagem. Os seus olhos encontraram-se com os da recém-casada e as duas mulheres ficaram como que enleadas numa imediata e forte simpatia. Num instante, sem a troca de uma unica palavra, contaram toda a alegria, a felicidade e a esperança das suas vidas. Dorothy Flagg inclinou-se, finalmente, para diante. E começou a conversar.

De repente, em meio da ampla avenida, apareceu um indivíduo de fato escuro e que, com a mão ao alto, fazia sinais ao motorista para que detivesse o veículo. E, logo, de uma esquina, surgiu outro nomem que correu ao encontro do que estava parado na rua. A cena não passou despercebida á moça da blusa azul. Tomando o braço do seu companheiro disse-lhe, baixinho, qualquer coisa ao ouvido. O rapaz agiu com rapidez e habilidade: encolhendo-se, como um harmónio, deslizou pela janela. Durante alguns instantes, ficou dependurado, e, depois, desapareceu.

* * *

Alguns turistas observaram, surpreendidos, a manobra, mas não fizeram qualquer comentário, pois acharam prudente esconder a sua surpresa ante o que poderia ser uma forma usual de descer dos autocarros naquela cidade endemoninhada. Já em terra, o misterioso passageiro foi andando ao lado de um automóvel que passava e, no momento oportuno, escondeu-se atrás de uma barraca de flores. A rapariga da blusa azul e do chapéu de palha voltou-se outra vez e cravou o olhar nos olhos da esposa de James Flagg. Depois, voltou a cabeça, mantendo-se tranquila no seu banco. O carro estacou perto do homem parado no meio do caminho.

— Que aconteceu? — perguntou o sujeito do alto-falante.

— O senhor leva aí, como passageiro, um tipo de quem andamos á procura — respondeu o polícia. —Trata-se do famoso ladrão «Picnic». E, ao que estou informado, viaja lá atrás, no ultimo banco.

O representante da lei dirigindo-se, então, ao seu auxiliar, ordenou-lhe:

— Donavan, faça esse «pássaro» descer!

O polícia encaminhou-se para a retaguarda do veículo, e, encarando James Flagg, disse-lhe em tom amàvelmente burlesco:

— Meu velho amigo: faça o favor de descer! Até que enfim, o «pescámos». E, agora, será para alguns anos! Não é má ideia esconder-se num autocarro de excursão...

* * *

Do outro extremo do carro, a voz do homem do megafone, desta vez meliflua, aconselhou o passageiro:

— Seria melhor, cavalheiro, que descesse sem perda de tempo. Assim pode dar as necessárias explicações á polícia, deixando tudo esclarecido. Não podemos interromper a viagem...

James Flagg, que pertencia a essa classe de pessoas honradas e simples que vivem no interior, acedeu ao pedido do polícia. Levantou-se, e, caminhando com dificuldade pela estreita passagem existente entre os bancos, saiu pela porta dianteira. Dorothy acompanhou-o. E, antes de descer, lançou um derradeiro olhar á rua e pôde ver o companheiro da jovem da blusa azul e chapéu de palha abandonar o seu esconderijo e ocultar-se atrás de uma grande árvore do parque. Na calçada, rodando o chapéu entre as mãos, o esposo sorria para os agentes que o haviam detido. Via-se já de regresso ao seu povoado e imaginava o êxito que obteria quando contasse a aventura.

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

que os efeitos não correspondessem aos fins, ou por faltar logo o seu inventor». Fernão Mendes foi médico do Sereníssimo Rei D. Pedro.

Jacob de Castro Sarmento, o da «Matéria Médica», médico e assistente em Londres, conseguiu desenvolver melhor (na opinião de Cardoso Machado) os princípios da «quina» e «escolher mais apropriados símplices em combinação», razões estas por que a sua Água mereceu geral aceitação no Reino de Portugal.

Logo, a inveja pelo interesse que fazia aquele notável médico no consumo das suas garrafas fez aparecer diversas composições de «águas febrífugas» com distintos autores. Todas desapareceram como o fumo, e seus inventores ficaram sómente com a despesa e o trabalho. Longe da pátria que teimosamente o perseguiu, Jacob de Castro Sarmento apaga-se, terminando a remessa de suas garrafas. Surge, então, outra Água de Inglaterra, a de André Lopes de Castro, «a qual tem adquirido desde então, até agora, os sufrágios de toda a nação, estendendo-se a fama de sua utilidade desde o Tejo até ao Ganges».

A mira do lucro fez combater o novo manipulador, e por todos os lados e balcões surgiram garrafas com «tintura de quina», com lacre suposto e adulterado, e grosseira imitação do sinete.

A notícia da falsificação, como sucedera a Castro Sarmento, chegou ao fabricante, que se preocupa com o «prejuízo próprio e o dano da saúde pública». De tal monta era o negócio que faz «tarjar» novas garrafas e lhes aplica outro sinete, e apressadamente avisa o público, em carta, que correu impressa, e bem assim os delegados da Real Junta do Proto-Medicato, informando ainda as Américas e a Índia dos «sinais pelos quais soubessem distinguir as legítimas das falsas garrafas, que por toda a parte se espalharam». Foi nessa ocasião que o Delegado de Medicina e Cirurgia de Pernambuco mandou despejar grande número de garrafas falsificadas.

Parece, contudo, que semelhante medida não produziu o resultado desejado, pois as Alfândegas despachavam as garrafas, que eram vendidas nas boticas de par com as verdadeiras, passando impunes pelos delegados, e a produção e venda continuavam em todo o Reino e Ultramar.

A ineficácia das providências tomadas ofendeu o crédito da Água, e a própria honra do fabricante, acusando de réu de falsificação André Lopes de Castro, proprietário da Real Fábrica e o primeiro falsificador da Água inventada e fabricada pelo tio, em Londres.

Cardoso Machado, autor do folheto que se subintitula «em obzéquio da verdade», informa que «qualquer tintura de quina, ainda mesmo a espirituosa, não tem forças para atacar uma febre contumaz, e de mau carácter, e a ineficácia das falsificadas deveria dar de mão à legítima, e verdadeira Água de Inglaterra, enquanto não soubessem distinguir uma da outra, e por isso privarem-se de seu recurso, e de tão grandes bens».

A força do interesse, ainda que sórdido, e criminoso, fazia-lhes desconhecer a impiedade, cegava a razão, criando uma ética estranha e maldosa.

André Lopes de Castro, servindo-se dos clientes e das influências dos mesmos junto da côrte, recorre ao Soberano e alcança o privilégio exclusivo, a instituição de comissários, únicos dispensadores das suas garrafas, fazendo assim cair por terra a ambiciosa astúcia dos embusteiros.

O boticário Boralho foi um dos maiores falsificadores da dita água antifebrífuga, tendo mandado fabricar em Londres garrafas idênticas às utilizadas por Castro Sarmento e André Lopes de Castro e, mais tarde, pelo filho deste, José Joaquim de Castro.

Depois, apesar de confirmada a encomenda, arrependeu-se e solicitou novas garrafas, que mandou tarjar com seu nome. Mudou-lhe a designação e passou a vendê-las debaixo do título de «água inglesa».

Outro falsificador foi o boticário António José de Sousa Pinto, em garrafas com tarja própria, acompanhadas de um impresso em que se afirmava: «A Água de André Lopes de Castro não era manipulada segundo a receita de Jacob de Castro Sarmento, como falsamente inculcava o seu fabricante», que diz ser leigo na profissão. E afirma, em seguida, compreenderem-se totalmente na sua água os princípios amargos, adstringentes, aromáticos, resinosos, gomosos, ácido gálico, princípio tânico, a cal, o muriato de potassa e a gelatina.

Sousa Pinto, indo mais longe, desenterrou de uma gazeta antiga um trecho de uma carta de Castro Sarmento que denunciava ao público não se encontrar de tão harmonia com o dito sobrinho e nunca lhe ter confiado a verdadeira fórmula e processo de manipulação da droga em voga.

João Lopes Cardoso Machado (1812) revolta-se contra as afirmações de Sousa Pinto e afirma: «Confessar Jacob de Castro Sarmento, que essa água do sobrinho era falsa, tendo este vivido algum tempo com ele, e mostrar a experiência, que é igual à outra, é uma prova de que a receita é a mesma. Esta verdade, que tem sido confirmada por todos os Médicos e Cirurgiões peritos, e que se acha estabelecida por autoridade Régia, é o que tenho constantemente observado em quarenta e cinco anos de uso clínico em Lisboa e Pernamguco».

O apaixonado autor do folheto, em defesa de José Joaquim de Castro, desce a minúcias quando escreve: «Essa ciência de saber desenvolver os princípios medicinais da quina, de que tanto ele se jacta, nem prova

DR. FERNÃO MENDES

a seu favor coisa alguma; nem desacredita a água, que tanta inveja lhe causa: ignorando-se a composição de uma e outra, deve-se abandonar aquela (a do boticário António José de Sousa Pinto), e utilizar a que está geralmente conhecida por eminente há tantos anos.

«Quando o vinho, a cerveja, e o espírito não fossem capazes de decompor a quina em todos os seus princípios: nenhuma prova poderia produzir esta alegação para mostrar, que a sua água é superior à de André Lopes de Castro».

Depois, falho de outros argumentos, insiste: «Este abrigo, porém, vai cessar pelo Real Decreto de 2 de Outubro de 1811, expedido à Real Junta do Comércio, pelo qual S. A. R. houve por bem, e por Graça, fazer mercê a José Joaquim de Castro de que sómente seja denominada «Água de Inglaterra» a que se manipula na sua Fábrica, proibindo expressamente que outro Inventor, ou Manipulador, possa dar o mesmo nome às águas febrifugas da sua invenção ou manipulação».

Durou quase meio século esta luta, que aliciou clero, nobreza e povo, médicos e cirurgiões, lentes das universidades e damas da côrte, governadores e delegados régios.

A droga foi famosa em Portugal, no Brasil e na Índia. Os lucros amontoados pelos fabricantes cobriram uma das maiores campanhas que se desencadeou nas últimas décadas do século XVIII e nas primeiras do XIX. Na Academia das Ciências de Lisboa existem documentos inéditos, folhetos e atestações que espantam o observador desinteressado. E não admira: o sezonismo, hoje quase extinto entre nós, campeava em Portugal de norte a sul, causando milhares e milhares de vítimas.

A. d'E.

C.C.N.

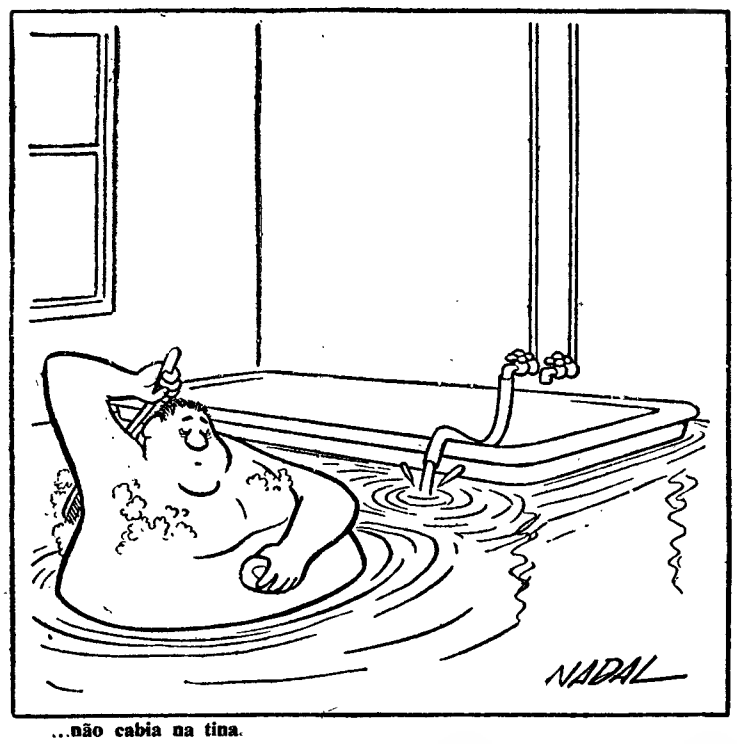
COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«IMPÉRIO» 9 de Outubro	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala** (se necessário). Carrega até 6 de Outubro.
«GANDA» 17 de Outubro	Com escala por **Leixões**, para: **Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Moçamedes.** Carrega até 15 de Outubro.
LINHA DA AMÉRICA DO SUL	
«VERA CRUZ» 17 de Outubro 11 de Novembro (ás 12 horas)	Com escala por **Funchal**, para: **S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.**
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 28 de Setembro 28 de Outubro (ás 16 horas)	Com escala por **Vigo e Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Porto Everglades (Miami).**

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63—Telefs. 30131/9—PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9—Telf. 23342

O SENHOR GORDO...



...não cabia na tina.

A GRANDE DESCOBERTA

Psicologia infantil

A grande descoberta do século não será descobrir o caminho celeste para ir á Lua, porque isso já é uma coisa banal. Já se sabe que é pelo céu. A grande descoberta agora é descobrir a volta.

Cá na Terra, com a cabeça no seu lugar, tudo se estuda, tudo se descobre. Mas quando uma pessoa estiver na Lua não é capaz de dizer coisa com coisa, nem de atinar com o caminho de regresso.

Quem está na Lua não dá carreira direita, não atina com coisa alguma. Quem estiver na Lua, na Lua fica.

Isto é tão certo que até hoje ainda nenhum selenita conseguiu cá vir a baixo ou cá acima.

Andar na Lua é andar fora deste Mundo; estar na Lua é não prestar atenção ao que se diz, estar distraído.

A unica Lua que ainda assim tem alguns encantos é a Lua de mel — aqueles dias, poucos dias pegajosos, que se seguem ao casamento — mas isso é mais uma prova de que quem está na Lua de mel, não está no uso perfeito das suas faculdades mentais, porque quem está em seu juizo não vai para Lua nenhuma nem que seja de mel.

É claro que da Lua de mel sempre se acaba por sair, passando para a Lua de fel, que é aquela eternidade secante do casamento propriamente dito, sem mais fazes a não ser a do divórcio que representa o regresso á Terra. Mas da Lua, da verdadeira Lua, não se regressa jámais, tanto mais que, segundo agora se acaba de apurar, tudo aquilo é um mar de poeira onde ninguém poderia sobreviver a não ser que surgisse um grande nadador capaz de nadar num mar de poeira como o Baptista Pereira nada nas águas da Azambuja.

Enfim, caminho já há, céu já há, foguetão já há, energia já há, ciência já há; já há tudo o que é preciso para ir, que era o que parecia mais difícil de inventar, e só se não inventa o mais fácil, aquilo que há em todos os meios de transporte que é o bilhete de ida-e-volta.

A. F.

— Pelo que diz este livro sobrepsicologia infantil isso significa... que ele não gosta de flocos de aveia.

A TROCA DOS MENINOS

Foi uma verdadeira desgraça. Na Maternidade trocaram os dois meninos: o filho de uma senhora foi entregue á outra e vice-versa.

E agora? Era uma coisa horrivel, mas o director resolveu tudo com uma facilidade admiravel: trocou as mães dos meninos!!!

Era o ovo de Colombo, mas era uma maravilha!...

Mistério

Ele andava muito intrigado porque em solteiro era tratado por «meu amor» e, depois de casado ela já não lhe dizia nada:

— Mas, porquê? Porquê uma mudança daquelas? Mistérios da posse.

E' que o casamento é como os empregos publicos. Logo que se toma posse já não apetece fazer mais nada.

Uma dúvida

Quando uma mulher que é beijada de surpresa exclama: «Que horror», nunca se sabe se é ela que entende muito de beijos, se é o homem que não percebe nada disso.

Glória ao mérito

Os autocarros passavam na Rotunda todos com a bandeira das Amoreiras. Os passageiros que queriam ir mais longe impacientavam-se E os carros seguiam-se: Amoreiras, Amoreiras, Amoreiras, até que um pretendente a transporte invectivou um condutor:

— Oiça lá, porque é que esses carros vão todos para as Amoreiras?

E que isto e hora de ponta e vão recolher para evitar a grande confusão que sempre se estabelece aqui por falta de lugares. Assim não havendo carros, não há falta de lugares.

Quando isto constou na companhia puseram-lhe logo um boné de aspirante de expedidor.

Glória ao mérito.

Divórcio único

Dois casais muito amigos estavam para se divorciar porque se dera uma perfeita desgraça.

C Costa apaixonara-se pela mulher do Baptista. e o Baptista apaixonara-se pela mulher do Costa.

E então verificou-se este caso singular: um divórcio por amor.

Assim é que é

— Ele disse-me que eu era um grande caso psicológico. Eu não sabia o que era aquilo, mas, pelo sim, pelo não, dei-lhe logo uma grande estalada, que a mim ninguém me chama nomes sem que eu reaja.

ALTA FILOSOFIA

As mulheres levam mais tempo a tratar da sua beleza do que da sua cultura porque há mais estupidos que cegos.

Que dona de casa

Que dona de casa! Nada lhe escapava para o bom governo da sua casa. E era estupida! mas tinha o sentido do arranjo e das conveniências do seu lar.

Como quer que o marido lhe apresentasse um amigo médico, fazendo o seu elogio como o maior espccialista de fígado, ela atalhou logo:

— Ah! o sr. doutor é especialista? Ora explique-me a melhor maneira de o cozinhar de cebolada...

Perguntar por perguntar

Porque é que há pessoas que perguntam coisas só por perguntar?

Quando uma pessoa se desfaz em amabilidades com que é que se pode tornar a fazer.

Porque é que se diz «dar um conselho» mesmo quando os advogados levam dinheiro por ele? Então é dado ou é vendido?

Sempre que se quer dar um salto há quem o queira?

Com que boca é que o vento sopra?

Se Deus dá o frio conforme a roupa para que é que se manda fazer sobretudos?

Quando uma pessoa perde a paciência onde é que vai arranjar ontra? Ou fica impaciente toda a vida?

Se há pessoas que não se conhecem a si próprias como é que não se trocam por outras?

Quando um malandro mete a mão na consciência não fica com ela suja?

E' possivel que o homem morra por viver?

Porque é que se diz que nunca nos sai a sorte grande, se o que é verdade é que ela não entra?

Uma corrente de opinião faz vento?

Sistema de vida

Pode-se viver com pouco dinheiro desde que não se tenha a preocupação de gastar muito para não parecer que se tem pouco.

LAVAGENS AO SANGUE

NOVA YORK — Os médicos norte-americanos preferem agora «lavar» o sangue em vez de lavarem o estômago ás pessoas que sofram de envenenamento alimentar ou de qualquer outra forma de intoxicação. — (Da A. N. L).

Para tratar um doente
Hoje há recursos tamanhos
Que vai ser coisa corrente
Tirarem o sangue á gente
E mandá-lo para banhos.

É bem claro que a lavagem
Feita assim por este modo
Tem p'lo menos a vantagem
Que é mais barata a viagem
Do que a do doente todo.

E depois, quanto se poupa
Com esta nova maneira
Se ninguém meter a choupa?...
É como mandar a roupa
No sábado á lavadeira!

E agora é de esperar,
Dando largas a tal tema,
Que em tudo que haja a lavar
Venham ainda a aplicar
O mesmíssimo sistema.

Mas o pior que estou vendo
E me põe de sobreaviso
É que assim neste crescendo
Inda um dia os surpreendo
A ensaboar-me o juizo...

A. F.

Exigência tola

Aquela tabacaria vendia cigarros mas o dono não consentia que lá fumassem. Um dia um freguês interpelou-o:

— Então o senhor vende cigarros e não deixa que se fume?

— Sim, tornou ele, eu tambem vendo papel higiénico...

Atrás da porta

— Acorda, filha, que eu já cá estou.

Boa resposta

Dizia a beata irritante:

— Senhor cura, eu hoje não ouvi uma só palavra da missa.

E ele explicou:

— Eu também não estava falando com a senhora.

BRAVO!

Quando disse áquela pequena moderna que o pai a queria casar com um milionário, ela indignou-se toda:

— Não. Eu não me deixo vender! Alberto, leva-me de graça que tu já eu sei quanto vales, e, vales por vales, antes assim...

PARA DEPOIS DE AMANHÃ

— Querido, vou fazer-te um presente: quanto queres gastar?

PRELUDIO

por JOAQUIM ROMERO MAGALHÃES (17 anos)

Tarde de um pachorrento domingo de Junho.

O Sol pica as nossas faces desprevenidas. Uma calma asfixiante de Levante cobre tudo.

À sombra das árvores do belo jardim, o calor esbate-se um pouco. Chega a parecer, ao olhar os ramos ciciantes das árvores, que há um pouco de fresco. Os frondosos plátanos estendem os ramos sequiosos para o lago.

Sentados nos bancos, velhos, jovens e crianças descansadamente espreguiçam os membros indolentes.

Que tarde de calor!

A mulher dos bolos, com o chapéu de palha enfiado na cabeça para se proteger do Sol, impinge a sua mercadoria.

Dois velhos conversam. Mastigam bem as palavras, pensam-nas, elaboram-nas antes de as proferir. Já não têm ilusões. São como os plátanos que os cobrem parcialmente. Só parcialmente, porque eles gostam do calor. Gostam de se aquecer ao duro sol de Junho. — Estendem os ramos sabendo já que não chegam á água, que não estão ansiosos por beber. Já não têm ilusões.

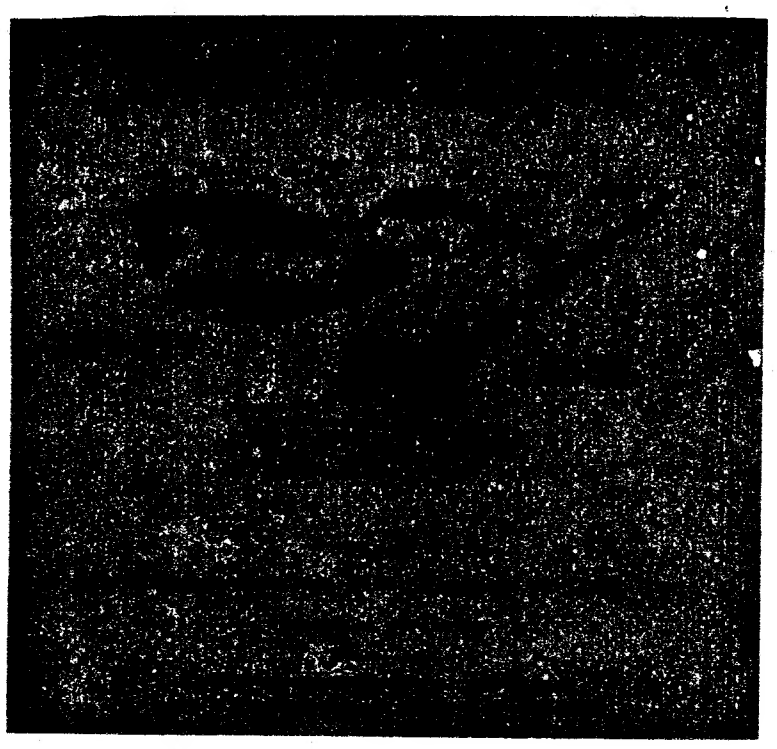
Tinham sido políticos furiosos. Hoje, já não o são. Um deles foi um socialista que queria modificar o Mundo. Hoje vive da reforma de segundo oficial duma secretaria qualquer.

— Pois, como ia a dizer... — e lá continuava na mesma toada monocromática.

O outro, por complacência, ri. Na sua boca já faltam alguns dentes á placa postiça de há anos. Um riso entrecortado por pequenos guinchos.

— ...Felizmente, este ano, os meus brônquios não acusaram a passagem do Inverno... —Engana-se a si próprio. Chega a convencer-

(Continua na ultima página)



PROTESTO

Por MARIA TERESA DOS SANTOS MARTINS (17 anos)

Que gritem !
Que discutam
Problemas graves !
Que contem tragédias
E desgraças.
Mas que se afastem de mim !
Que deixem livre,
Por um pouco,
A minha alma cansada
De sentir a dor do Mundo !
Que me deixem pensar,
No que não pensam !
Que me deixem socegada
A embeber na alma
A surpreendente calma
Desta tarde no fim !
Que falem
E que me impeçam
De falar.
Mas que ninguém, ao menos,
Me impeça de sonhar !

(17 anos) Amigo N.º 854

GIGANTES DE PORTUGAL

GRANDE carácter, grande cidadão, grande patriota—representa um dos pontos culminantes do espírito crítico, em Portugal, no século XIX. O seu profundo amor da liberdade alimentou-sé nas mais duras provas: no exílio, na fome, na miséria, na luta armada; mas também por isso mesmo era um ferveroso amante da verdade, um robusto espírito crítico. A historiografia portuguesa moderna conta-o como um dos seus fundadores. A sociedade lusitana do seu tempo, mesmo quando ele deixara a capital pela sua quinta de Vale de Lobos, considerava-o um mentor, um patriarca das grandes virtudes nacionais e a ele recorriam os jovens (Como Antero, Fontana e Oliveira Martins) quando um grande movimento renovador necessitava do seu auxílio.

As respostas (com nome, morada, data de nascimento e numero de ficheiro,

(Continua na página central)

A JUVENTUDE E A CIÊNCIA

por RUI FAURE DA ROSA (15 anos)

I — INTRODUÇÃO

Data de há muito o atraso científico no nosso País. O progresso verificado até hoje hoje, insuficiente para cobrir esse atraso mantendo-nos, por isso, muito distantes duma fronteira, que poderemos considerar média, no caminho percorrido pela Ciência até aos nossos dias.

Para que alguma coisa se possa conseguir num futuro próximo, no sentido de um avanço sensível, é indispensável, como ponto de partida, interessar os jovens na Ciência, mostrar-lhes o que há para fazer em relação ao pouco que está feito. E' necessário promover sessões de divulgação científica, quer através do cinema, quer através de visitas de estudo a laboratórios, fábricas, centros de investigação, quer ainda através de conferências realizadas por pessoas competentes; facilitar a aquisição de livros que qualquer estudante interessado tem de recorrer, os quais, por serem na sua quase totalidade editados em línguas estrangeiras, são na maioria inacessíveis pelo seu elevado custo.

Quantas iniciativas de estudo não terão surgido e logo fracassado devido a estas dificuldades?

Por que não se promovem centros de estudo, durante as férias, onde os jovens interessados se pudessem dedicar á Ciência? Quantos não se interessariam pela Ciência se a não desconhecessem?

Não há que averiguar, por agora, a quem competiria criar estas organizações, a quem competiria interessar a juventude em algo mais que o desporto e a diversão que, se bem que uteis e num certo aspecto mesmo indispensáveis, não são o suficiente, tão pouco o imprescindível, para se acompanhar o progresso da Ciência, da Técnica, em suma da Civilização. Seremos nós os interessados, quem a partir de agora vai tentar pelas próprias mãos com um estímulo mais do que suficiente, — a vontade, um estudo a sério seguindo um plano metódico. Para que volvidos alguns anos, já formados oficialmente, se possa entrar no campo das realizações, é preciso que haja hoje o maior numero possível de jovens interessados que iniciem um estudo completo, os quais, nessa altura, tenham uma preparação científica tal que permita um máximo de eficiência.

Certamente alguém comentará: «Tudo isto não passa de palavras, projectos, talvez mesmo ostentação...» — Sê-lo-á evidentemente se a par de dificuldades que sempre surgem num empreendimento surgirem outras, que tão poucos desejáveis são e que têm impedido tantos valores de atingirem o seu fim. Se não for possível uma ajuda que não haja ao menos o propósito de impedir.

Há uma tendência para monopolizar a criação de iniciativas, o que é um erro evidente. Se existirem com um mesmo fim vários centros de interesse há um numero incomparávelmente menor de probabilidades de que a causa fracasse. E é a vitória da causa que interessa essencialmente. Há pois que iniciar um estudo no campo científico, que por ser tão vasto tem sempre algo que interesse. Uma série de artigos sobre: Ciência e Técnica — suas diferenças e elo de ligação; a Física e Química até aos primeiros ensaios nucleares; o Atomo e a radioactividade; a Astronáutica, estudo complexo reunindo a Física Química e Matemática; — permitirá a cada um escolher o ramo de actividade que mais lhe possa interessar.

AVENTURAS DA TÁVORA REDONDA

QUANDO o viram de olhos bem abertos, todos os que o rodeavam tiveram exclamações de alegria. O camponês que lhe havia dado uma beberagem e almante já temia que esta lhe tivesse feito mal. Contaram-lhe então que em vez de um sono tranquilo, como esperavam, Lançarote passara toda a tarde em grande agitação: dissera estranhas coisas como se alguém pretendesse atacá-lo e ele intentasse defender-se; gritara «Não! Não!», torcendo-se no catre. E contado tudo isto, pediam-lhe que lhes narrasse o que lhe sucedera.

Lançarote fitou-os vagarosamente. Enquanto tal fazia a si próprio, ia fazendo um ror de perguntas: deveria ser sincero e contar o julgamento que enfrentara, em sonhos? Deveria apenas dizer-lhes que estivera recordando muitos passos da sua vida? Se não lhe faltasse coragem, era a primeira coisa que lealmente teria de revelar: camponeses julgando um cavaleiro e a cavalaria. Mas Lançarote não era capaz, ainda, de renegar a classe a que pertencia; foi, pois, pela segunda hipótese que se decidiu: e contou-lhes a sua infancia até á altura em que entrara na Corte do Rei Artur e fora admitido á Távora Redonda. Tivera que mostrar a sua força, a destreza e coragem e sujeitar-se a combater com os melhores cavaleiros num torneio que se ia organizar em Chamalote. Que desalento não havia sentido! Na verdade, como poderia terçar armas com os melhores guerreiros de Inglaterra — ele, um pobre moço obscuro, que apenas sabia, de combates, o que os camponeses lhe haviam ensinado?

Pouco a pouco, porém, ao treinar-se nos bosques que cingiam o castelo de Chamalote, a confiança derramava-se-lhe como um bálsamo, pelo corpo: repetia os botes ensinados por Lucas, o escudeiro fiel que acompanhara Lianor na fuga do castelo de seu pai; empunhava a lança, tal como vira fazer aos camponeses da aldeia do Lago: e relembrando e praticando tudo quanto aprendera, dizia para consigo: «Hei-de vencer!». Por três vezes na sua infancia, já depois de ter feito doze anos, acompanhava os camponeses do Lago em escaramuças com os cavaleiros felões das redondezas que desciam dos castelos para roubar colheitas ou gado; e nelas aprendera quanto vale a confiança na justiça da causa que se defende, pois assistira, encantado, á fuga de cavaleiros ferrados ante a firme determinação de simples camponeses.

No dia do torneio vestira-se todo de negro e só no escudo havia a nódoa branca de uma espiga de trigo, símbolo que escolhera. Todos perguntavam quem era o desconhecido, pois Lançarote recusara-se a revelar o seu nome, ao ser apresentado á tribuna a que Artur e a rainha Genebra presidiam. Os arautos de armas anunciaram-no pela alcunha de «Cavaleiro da Espiga Branca».

E fora uma das mais belas jornadas de toda a sua vida: proclamado vencedor, tivera a ideia de levantar a viseira e, acercando-se da tribuna, recebera das próprias mãos de Genebra uma Rosa de Ouro, emblema que passara a adoptar para sempre.

Estavam nesta longa conversa quando se ouviu um tropel de cavalos. Lançarote e os amigos acorreram ao largo da aldeia e viram três cavaleiros, incensados por nuvens de pó, que vinham em sua direcção. Logo os olhares mais afiados distinguiram Hendrique, um dos senhores do condado, seguido de dois vassalos seus. Hendrique fora o unico fidalgo que fizera frente àquele cavaleiro que, de noite, sobressaltava as pacíficas aldeias com seus desmandos e latrocínios.

Apenas desmontou, Hendrique aproximou-se de Lançarote, abrindo os braços:

— Ah, senhor Lançarote! — exclamou. — Que honra receber-vos! Mal soube que vos encontráveis em terras minhas, prestes corri ao vosso encontro. Ah, senhor! Quando e que eu julgaria ser possível abraçar tão grande cavaleiro!

O fidalgo precisa descansar

Depois dos cumprimentos, Hendrique contou que os camponeses, léguas em redor, não falavam noutra coisa: que chegaram um grande senhor da corte do rei Artur, de visita ao condado, e que tal cavaleiro se chamava Lançarote.

— Pouco vos demorais, de certo... — insinuou o interlocutor.

— Contava só ficar uma noite. Mas esta boa gente falou-me num miserável cavaleiro que anda a trair a sagrada família a que pertence...

—...falais no misterioso homem a que chamam, por aqui, o Cavaleiro.

— Esse mesmo. Pois decidi ficar e só partirei quando ele tiver recebido o castigo que lhe cabe, como fementido que é.

— Então, contai com todo o meu apoio. Esta gente deverá testemunhar-vos que só eu lhe tenho feito frente. Acabei por desistir, pois nenhum aliado encontrei e, sozinho, não teria forças para prosseguir na luta. Agora, convosco, não haverá poder algum que nos resista...

— Espero que sim. E muito folgo por ter tão excelente companheiro.

— Excelente sois vós, cavaleiro Lançarote. Eu não passo de um rustico. Mas quando podereis vir ao meu castelo para, mais de espaço, conversarmos sobre o que importa fazermos? Muito gostaria que fosseis já. Dizei que sim, senhor, e muito vo-lo agradeço.

— O fidalgo precisa descansar — interveio um jovem camponês.

Hendrique franziu o sobrolho. Estava a pensar onde se vira alguma vez um campónio interromper uma conversa de senhores.

— Onde aprendeste — perguntou com o fogacho de cólera a enrubescer-lhe a voz — onde aprendeste a meter-te numa conversa de cavaleiros?

Lançarote estendeu a larga mão, a pedir calma:

— Não vos admireis, senhor, por este jovem se preocupar com a minha saúde. A amizade é um bem que não escolhe hierarquias e tanto pode aquecer o peito de um vilão como a couraça de um cavaleiro. Hoje não irei, de facto, a vosso castelo, como tanto desejo; mas podemos emprazar já a hora em que amanhã me irei juntar a vós.

— Seja como quiserdes, senhor. Amanhã virei buscar-vos.

— Não façais tal. Eu próprio lá irei ter guiado por um destes amigos.

— Faço! Permiti-me esse gosto. De caminho vos mostrarei parte do meu domínio. E tu, rapaz, não fiques torvo com as minhas palavras. Elas são filhas do muito gosto que tinha em receber no meu castelo tão ilustre fidalgo.

Lançarote consentiu na proposta e as despedidas foram cordiais.

DIÁRIO DE BORDO

Amigo 413 — Luís Maria Elvas Martins (Lisboa): Podes receber o prémio na Portugália Editora, Av. da Liberdade, 13, 3.º, ás terças, quartas e sextas, lá nos encontrarás da parte da manhã.

Amigo 365 — Maria Guilhermina Claro Lobato (Barreiro): Cá te esperamos. O caso dos Amigos do Barreiro é simples: não levantam os prémios, sem que encontremos explicação para esse facto. Então, porque concorreram, se os livros não lhes interessam? Cá te direi os nomes.

Amigo 593 — Louise Briar Brussel (Estoril): Quanto ao livro não sei se será fácil; mas poderemos indicar-lhes alguns editores portugueses, a quem se poderão dirigir, para o fim em vista. Quanto aos quadros, acho que devias procurar ou mandar procurar pessoalmente o Amigo que tratou disso, para que os consigas reaver. Eu nada sei sobre isso, pois não estive metido na organização da exposição, nem sequer a ela assisti. Podes mandar a entrevista; será publicada, caso interesse, o que estou certo acontecerá. O prémio vai seguir.

Amigo 451 — Luís Manuel Antunes da Silva (Amadora): Tens de esperar alguns dias para que te possa responder quanto ao prémio; não tenho presentes os trabalhos. Quando vens buscar os livros?

Amigo 59 — Dunia Rosale Viegas (Faro): Os livros vão seguir, dentro de dias. Cumprimentos.

Amigo 1 — Isabel Maria Sander Guerra (Lisboa): O livro cá fica aguardando. Podemos fazer a troca, mas será melhor tu própria escolheres quando cá vieres, está bem?

TROTE

Falta de moradas

E' urgente mandarem-nos a morada completa, os Amigos:

Maria da Luz Monteiro Videira (Coimbra); Maria Manuel Coelho da Silva (Porto); Artura de Faria Maurício; Adelino Fernandes (Vila Franca de Xira). Os prémios esperam as moradas para que possam seguir o seu destino.

O começar das aulas

Dentro em breve vai iniciar-se um novo ano lectivo, um novo ano de trabalho em que todos os jovens necessitam de ser ajudados na sua tarefa.

Aos jovens do 2.º ciclo e aos do 3.º que tenha a cadeira de História, recomendamos, mais uma vez, a melhor colecção, no género, que se publica em Portugal:

A Vida Quotidiana

Que já publicou 6 volumes relativos a

GRÉCIA NO TEMPO DE HOMERO
EGIPTO NO TEMPO DOS FARAÓS
CARTAGO NO TEMPO DE ANIBAL
FRANÇA NO TEMPO DE JOANA D'ARC

e aos Aztecas e aos Incas.

SÃO EDIÇÕES:

LIVROS DO BRASIL

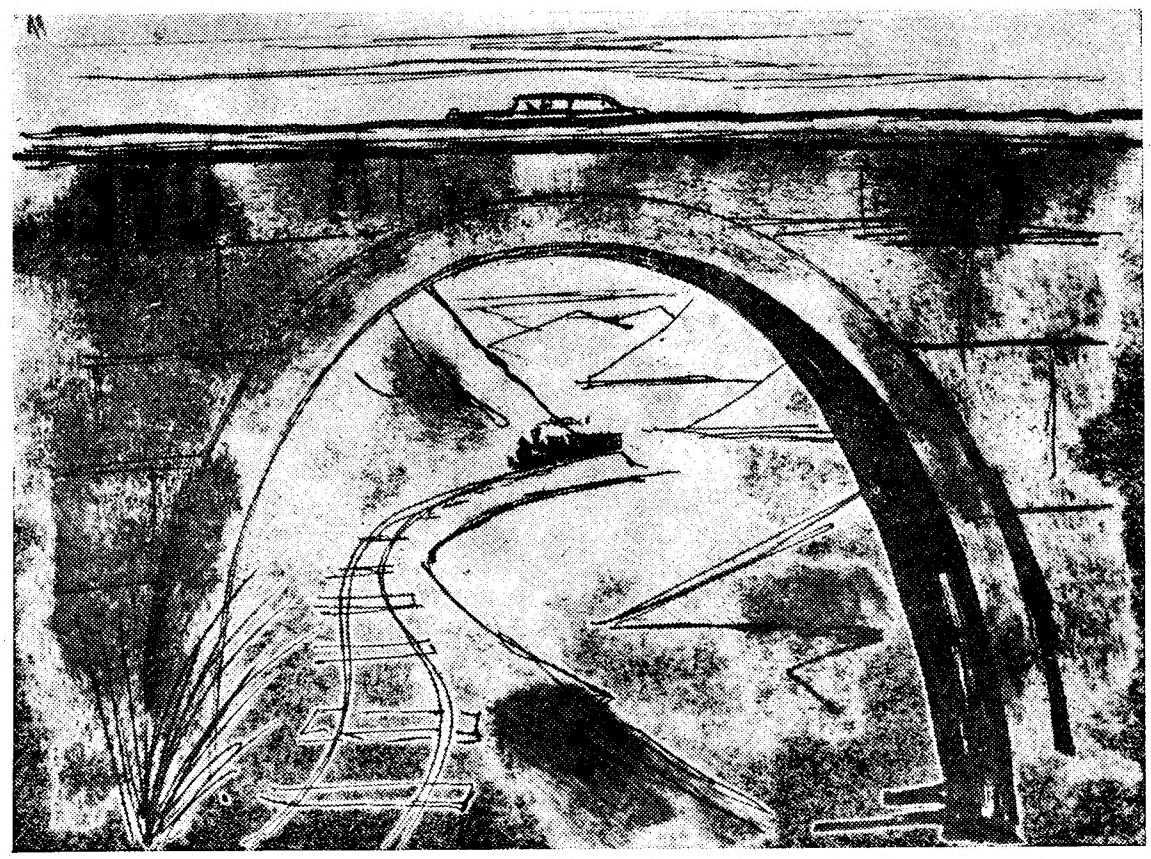
GIGANTES DE PORTUGAL

(Continuação da 1.ª página)

caso já o tenham) devem estar em «Juvenil» até sexta-feira, 2 de Outubro, acompanhadas da mensão dos 3 artigos que mais lhes agradaram no Suplemento desta semana. Além dos prémios habituais, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o grande historiador, contista, romancista e escritor político que hoje recordamos.

A PONTE

Por JORGE MÁRIO HORTA - 14 anos



Ela lá está, dura, severa, centenária e escura. Não é bela, não careceu de grande imaginação da parte do homem que a idealizou, mas é uma ponte.

Sim, é uma ponte; sobre ela passam automóveis; debaixo passa o comboio, mas, por ela, já vão rolando muitos e muitos anos, tantos que ninguém sabe de quando data a sua construção. Sobre ela já passaram as vagonetas de uma mina, já passaram, grandes manadas de gado e, segundo opiniões temerárias, já por ali passaram, também, as pesadas quadrigas romanas; agora passam velozes automóveis. Ela continua de pé e de pé continuará através dos tempos.

E' forte e resistente mas o fumo dos comboios que por debaixo dela correm, enegrece-a, suja-a, mas a ponte é assim mesmo: dura, severa e escura.

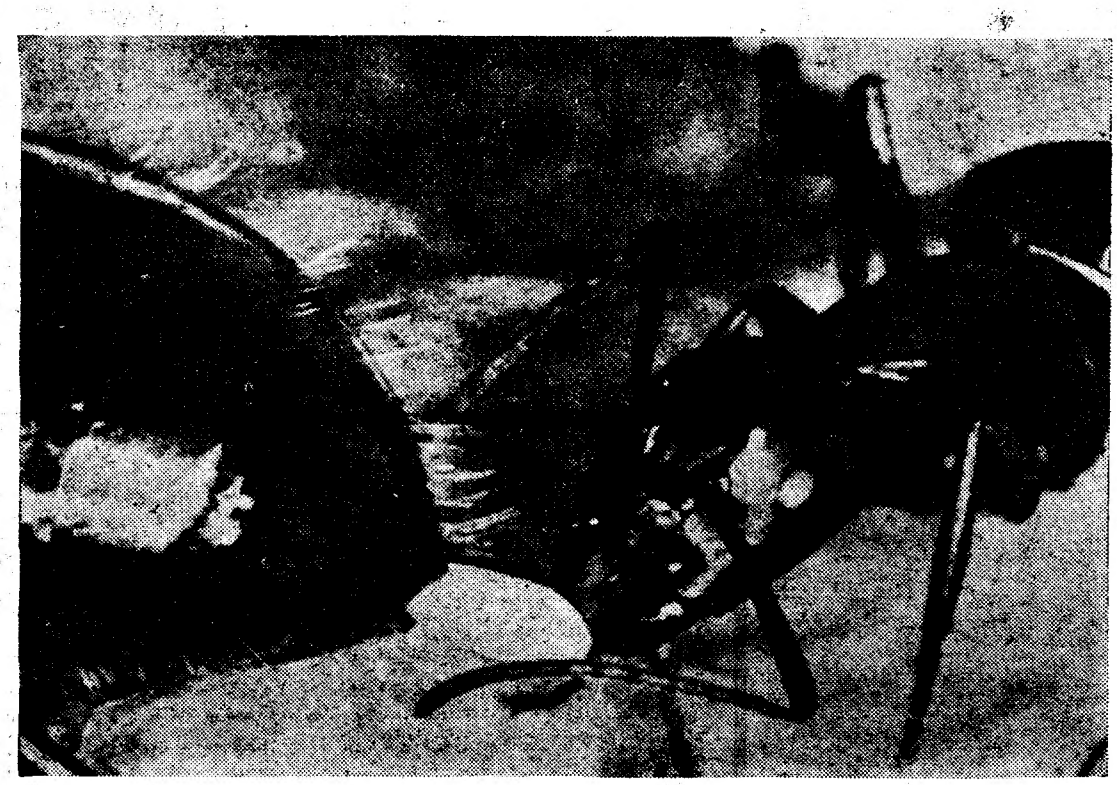
Os seus flancos já foram banhados, outrora, pelas águas revoltas de um ribeiro. Agora não. Sob ela e ladeando a via férrea, crescem viçosos pés de trigo que fustigam, amigàvelmente, o comboio que passa.

E a ponte imponente na sua majestade, ergue-se imortal através dos séculos que vão rolando. Já viu desfilar inumeras gerações tendo, a todas elas, assistido na morte.

Ela lá está. Quem a quiser ver não tem mais que seguir a estrada. Em todas as estradas há uma ponte; todas as pontes têm uma história diferente.

E talvez que alguma delas coincida com a que acabei de contar.

AMIGO N.º 222



ANIMAIS, ESSES DESCONHECIDOS...

D. FORMIGA RABIGA

Já andámos por montes e vales com as pequenas formigas, algumas das quais podemos chamar, sem ofensa, gigantes do mal. Assaltámos com elas os ninhos de outros animais, tomámos de surpresa as capoeiras, afugentámos o Homem de suas casas. Estamos cansados de luta e morte. Voltemos á vida.

Bem entendido, a vida das formigas. Daquelas que vivem tranquilamente labutando, lutando na tarefa pesada do dia a dia de amanhã, criando os filhos, cuidando dos lares tranquilos, enchendo os celeiros para o Inverno que aí vem, amealhando, juntando, criando o dia seguinte com a segurança de quem pensa, e pensa bem no futuro.

Algumas formigas sabem bem que devem sacrificar-se pela colectividade. Sabem que sem elas o formigueiro passará fome e sêde. E sabem, por um instinto seguro, que á sua custa a espécie deve continuar, a colónia crescer, o Mundo encher-se de muitas mais formigas. Transformam-se em odres. Odres vivos. As placas do abdómen são, nelas, separadas umas das outras e a membrana distende-se ao extremo. Esta disformidade não pode regressar. Elas devem morrer no seu posto. E talvez nem o lamentem. Serão condenadas, toda a vida, a servir de distribuidores de líquido para as irmãs da colónia. Algumas ficam suspensas do tecto de um dos compartimentos do formigueiro (talvez a adega). Aí permanecem, incapazes de se mexer, sacrificadas á colectividade. Se se deixam cair, nem já poderão, sózinhas, voltar á posição primitiva, de tal maneira estão obesas.

Nas árvores colocam os bebés, montando uma verdadeira creche onde os pequeninos recebem todos os cuidados de que necessitam. A higiene e a alimentação não são descuradas pelas diligentes amas secas.

Mal a rainha põe, a operária que espreita e vigia esse momento, toma conta dele. Em geral, são as formigas jovens quem se dedicam a esse serviço que requer paciência. As mais velhas, mais cheias de experiências do Mundo e suas ciladas, cabe a guarda para evitar as surpresas exteriores.

A formiga é dotada de um formidável poder reprodutor. Já foi possível calcular que elas atingem 25 milhões de formigas por hectare. Elas devastam, metódicamente, matam, se for preciso, imitando inconscientemente as grandes invasões humanas. Grosseiramente comparando, podemos dizer que «soluções análogas» se apresentam, como se a vida em sociedade, mesmo em escalas muito distintas embora ambas no mundo animal, produzam as mesmas actividades: no homem e na formiga.

Entre estes insectos há especialidades, conforme as tarefas a que se destinam, por exemplo como cortar folhas que guardam depois em celeiros, apascentar o «gado», gado representado por pulgões das roseiras que todos os dias passeiam, ao ar livre, para que se alimentem e engordem.

MARIA HELENA
DA COSTA DIAS

Viagens aos mundos longínquos

Por K. GULZINE

INTRODUÇÃO

A juventude do Mundo inteiro manifesta um grande interesse pelos problemas das viagens interplanetárias. Tal interesse é natural que [illegible] de saber se essas viagens são possíveis. Não [illegible] estudante que não possa responder a essa questão.

Os jovens gostariam de saber que [illegible] são realizáveis ao nível actual da ciência e da técnica; quais [illegible] dos motores de reacção, alma de toda a astronave. Interrogam [illegible] sobre o [illegible] dos futuros voos cósmicos; querem saber do [illegible] o efeito que [illegible] exercerão no organismo humano. A sua [illegible] também se [illegible] sobre se haveria algum perigo resultante da col[illegible] astronave e [illegible] como serão utilizados os satélites artificiais [illegible] assim por [illegible]

Em suma: a juventude interessa-se v[illegible] os multiplos [illegible] da «austronáutica, ciência das comunicações [illegible] ária». No [illegible] esta ciência evoluiu de tal forma, sobretudo [illegible] anos, que [illegible] expôr com mais ou menos pormenor as su[illegible], numa obra [illegible]

Se este trabalho responder ás interr[illegible] dos jovens, se [illegible] despertar um interesse ainda mais vivo e a ansia de saber — o seu objectivo ter-se-á realizado.

O mundo que nos rodeia

Falámos em viagem para os mundos longínquos... Mas que mundos?

Tempos houve em que se acreditava que a terra era o centro do Universo. Só alguns sabios, raros génios como Giordano Bruno, estavam á altura de compreender que a Terra não passa de um grão de areia no Universo, que a vida existe num numero infinito de corpos celestes e que são povoados por seres pensantes, embora possívelmente não sejam iguais aos homens.

Quantos progressos sobre as noções do Universo não se fizeram desde essa época, afinal de contas tão próxima de nós! A ciência desenvolve-se impetuosamente e o homem adquire um poder cada vez maior sobre a natureza. Dia virá em que a nossa «reclusão» na Terra e o mundo estreito em que vivemos parecerão estranhos aos homens do futuro e, provávelmente, não poderão evocá-lo sem se rirem. Dia virá em que os homens, viajando em naves cósmicas, poderão não só visitar os «arredores» da Terra no espaço circunsolar, mas empreender viagens a outros sois, penetrando sempre mais profundamente, no espaço cósmico.

Os corpos celestes são inumeráveis no universo infinito.

A enormes distancias uns dos outros — distancias difícilmente acessíveis á imaginação humana, movem-se no infinito, rodando em torno do seu eixo, sistemas estelares gigantes, os «universos insulares» ou «galáciais», compostos, cada, por biliões e biliões de estrelas. As distancias que os separam são tão grandes que mesmo o raio de luz, que se propaga a uma velocidade de 300.000 km/seg., leva dezenas e centenas de milhares de anos a percorrer o caminho entre duas estrelas quaisquer, situadas nos limites opostos duma família estelar.

O nosso Sol não é, pois, mais que uma simples estrela na periferia duma destas «galaxias» que se move no cosmos. Trata-se duma «estrela média». Há estrelas «gigantes» cujo diametro é centenas e mesmo milhares de vezes maior que o Sol: e há estrelas «anãs», centenas de vezes mais pequenas do que ele. O Sol é mais frio que um numero infinito de estrelas, mas é também mais «quente» que um numero infinito de outras. Há estrelas mais ou menos «densas» e mais ou menos «brilhantes» que o Sol, etc.

Que é, pois o nosso Sol, esta fonte de vida sobre a Terra?

O Sol é uma esfera gasosa gigante em incandescência, cujo diametro é quase 110 vezes superior ao da Terra (cerca de 1390 mil quilómetros). No interior deste enorme globo gasoso em ebulição, lentamente rodando em torno do seu eixo, realizam-se a todo instante complicados processos: «simples átomos de hidrogénio transformam-se em átomos de hélio, desencadeando enormes quantidades de energia encerradas nos nucleos atómicos, o que explica o calor de quase 20 milhões de graus que reina no centro do sol». Nada admira que o Sol emita, em cada segundo, colossais quantidades de energia. Os raios solares penetram em todo o espaço circunsolar, levando a ele o calor e a luz indispensáveis á vida. «São raios vivificantes». Os processos misteriosos que se desenrolam no Sol desempenham na nossa vida um importante papel, influem no tempo, nas «emissões rádio-eléctricas», nos «fenómenos magnéticos» sobre a Terra, etc. Não é por acaso que se dá tanta importancia ás investigações que têm como objectivo estudar a vida do Sol.

O Sol, tal como inumeras outras estrelas, é rodeada de numerosa família de corpos celestes, cujo conjunto forma o «sistema solar» e que com ele evolui no espaço cósmico. Tais astros estão indissoluvelmente ligados ao Sol, do qual se separam por distancias relativamente pequenas, do ponto de vista cósmico.

(Continua no próximo numero)

Soluções dos concursos

N.º 123: Grandes figuras de Portugal: CAMILO CASTELO BRANCO. Qual é a coisa, qual é ela? — O GALO.

VENCEDORES

1. — Amigo 1430 — M.ª José Palla e Carmo (Lisboa).
2. — Amigo 1600 — António Luís da Costa Pereira (Queluz).
3. — Amigo 1725 — Adriano de Almeida Coelho (Lisboa).
4. — Amigo 1308 — José Marques Ferreira (Lisboa).
5. — Amigo 126 — Neolson de Melo Oliveira (Amadora).
6. — Amigo 635 — M.ª Teresa Oliveira Lemos (Lisboa).
7. — Amigo 962 — M.ª Alzira Seixo (Moita do Ribatejo).
8. — Amigo 1661 — Dora Maria Campina (?).
9. — Amigo 1729. — António Vasconcelos (Porto).
10. — Amigo 1418 — Alcídia Maria Ribeiro (?).

PRÉMIOS

1. — «OS MELHORES CONTOS AMERICANOS», da Portugália Editora, Ld.ª.
2. — «ROBINSON SUíÇO», da Portugália Editora, Ld.ª.
3 a 6. — «AVENTURAS DE MARK TWAIN», da colecção «Biblioteca dos Rapazes», da Portugália Editora, Ld.ª.
7. — «OS MELHORES CONTOS INDIANOS», da Portugália Editora, Ld.ª.
8 a 10. — «O HOMEM PERSEGUIDO», por Francesco Cargo, de Estudios COR.

PRÉMIO PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE CAMILO CASTELO BRANCO:

11. — Amigo 362 — José Augusto de Moura Pimenta (Queluz).

11. — «A VIDA DE VAN GOGH», por Henri Perruchot.
«O ANÃO», por Par Lagerkvist — ambos de ESTUDIOS COR.

Atenção, Amigos premiados:
Os Amigos premiados residentes em Lisboa, podem levantar os seus prémios na Av. de Roma, 78, 2.º, dir.º, cinco dias após a sua publicação e dentro do prazo de 30 dias. Os prémios destinados á província, seguem pelo correio, como é costume.

Eis de novo D'Artagnan!

Isto mesmo! Eis de novo D'Artagnan — o herói do romance mais conhecido da juventude, a melhor criação de Alexandre Dumas (Pai). Ei-lo, de novo, em

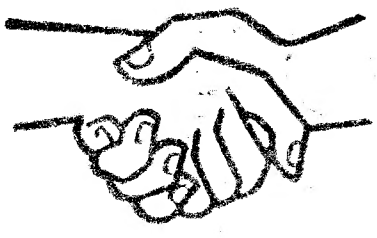
Os três Mosqueteiros

numa excelente tradução adaptada de Maria Franco.

E' o volume n.º 32 da

Biblioteca dos Rapazes
DE
Portugália Editora

A CONVERSA DA SEMANA



1

E agora uma queixa

O Amigo n.º 1172 — Maria José Lancastre escreve-nos a fazer um pedido, um elogio e uma queixa. O pedido é de não se lhe estropiar o nome; o elogio dirige-se «aos progressos fantásticos do «Juvenil», que está o melhor jornal para a juventude»; finalmente (damos a palavra á nossa amiga):

«E agora vamos á queixa: acho que o «Juvenil» está gradualmente a dar menos atenção aos de menos de 15 anos. Talvez seja impressão minha, mas porque é que suprimiram os «2 minutos de intervalo» e os pensamentos célebres? Porque é que já não têm «conversas a sério» com os mais novos? Deve ser impressão minha e nesse caso peço desculpa, mas gostava que, mesmo assim, de vez em quando, conversassem connosco como com os mais velhos».

Fizeste muito bem em usar desta bela franqueza. E tens razão. Não sei se leste os ultimos numeros do «Juvenil». O programa de trabalho que neles enunciámos foi precisamente o de se dividir ao meio o nosso Suplemento: ficando as páginas exteriores «especialmente» dedicadas aos maiores de 15 anos e as de dentro, também «especialmente», dirigidas aos interesses dos jovens menores de 15 anos.

A transformação dependia apenas da chegada do Tossan, pois necessitávamos de alguns desenhos para servir de cabeçalhos ás secções novas do «Juvenil». Agrada-te a resolução, não é verdade?

2

Não é proibido afixar anúncios nesta propriedade

No «Juvenil» n.º 123 veio errada esta epígrafe e onde deveria ler-se «proibido», saiu «permitido». Um nosso novo Amigo estranhou, como é natural, a frase e pergunta-nos:

«Não tendo compreendido bem o que li, gostaria que me informas-

(Continua na página seguinte)

QUAL E' COISA QUAL E' ELA?

Hoje escolhemos mais uma adivinha do livro «Qual é a coisa, qual é ela?», da autoria de Fernando Pires de Lima e editado pela Portugália. Quem adivinhará?

Qual é a coisa, qual é ela,
Que tem pernas e não anda,
Tem boca e não come,
Tem asas e não voa?
O que é?

As respostas, acompanhadas do nome completo, morada, data do nascimento e numero de ficheiro (caso já o tenham), devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 18 de Setembro. E' indispensável que nos indiquem também os três artigos que mais lhe agradaram neste numero.

(Continuação da 1.ª página)

-se de que as mentiras que arranja são verdades.

As palavras continuam...

Os moços pequenos brincam á roda do lago. Mais ao longe, as meninas cantam mansamente:

Oh amendoeira
Carrega a tua rama,
Por causa de ti
Anda o meu amor em chama

Os poucos pares de namorados que hoje se veem por aqui, sorriem. Também trazem os corações inflamados...

Os velhos continuam entre ristinhos mansos, tossezitas e assoadelas. Estão tranquilos. Nada os pode incomodar se não a morte que sabem próxima, e lhes parece ainda longe, entrechocando-se o conhecimento e o desejo. Um a um os amigos têm partido...

— Se o Martins aqui estivesse como gostaria de apanhar este Sol tão quentinho. E ele então, que era tão friorento...

Muda a posição da bengala. Encosta o queixo, e lá começa uma daquelas histórias que eles já conhecem de cor. Contam sempre as mesmas, que com os anos se vão transformando.

Lentamente, tão lentamente como eles, o repuxo vai expelindo a água. Continuamente. Já conhecem o jardim há muitos, mesmo muitos anos.

— Dantes, tudo isto era muito diferente.

— Oh! Se era. Se era!...

Entram no capítulo das recordações da juventude. Um deles fala e o outro, de vez em quando, limita-se a corrigir um facto já obliterado pelos muitos anos que passaram.

— Além havia uma acácia...

— E' verdade... E, um pouco á esquerda, havia um canteiro de violetas, que eu vinha roubar quando era novo, para oferecer á minha Dulce...

Sempre que fala na sua Dulce, a mãe dos seus filhos, os olhos enchem-se duma névoa entorpecedora. Boceja para ter uma desculpa para limpar os olhos. Foi a sua unica paixão. Namoraram-se durante quinze anos. Ela era ainda tão nova quando a conhecera. E fora aqui neste jardim. Tivera um grande desgosto quando o banco onde ela estava sentada nessa altura foi derrubado.

Cala-se e deixa o outro falar á vontade.

— Pois como ia a dizer...

Já não o ouve. Põe-se a pensar nela ruidinho de saudades. Tudo fora tão bem, até quando um dia a viera encontrar, depois de uma viagem, muribunda. Daí por diante a vida nunca mais teve para ele qualquer encanto. Desejou a morte. Desesperou. Se não fossem os filhos teria morrido de desgosto.

Agora, com os filhos casados, vivia sózinho. Já não tinha manias de reformador do Mundo. Entrara na rotina terrível que anuncia o preludio da morte.

— Pois você não se lembra? — Apetecia-lhe calar, esmagar, afogar o amigo no lago. Mas não.

— Oh! Pois claro que sim... — Nem sabia de que se tratava.

— A guerra é inevitável. — Passava á actualidade, á mesma conversa de todos os dias. A guerra era o seu forte, mas só falava dela quando sentia o amigo embrenhado nas recordações. Conheciam-se já muito bem. Tinha sido capitão de Infantaria e, ainda hoje, aposentado, tinha a mania de empregar termos militarões. Os seus gestos, de ordinário, calmos, quando chega á altura da guerra levitam gravemente pelo ar, fazendo no chão, com a bengala, planos de defesa, ataques, linhas de batalha. Tem uma velhice feliz. — Se fosse comandante geral das tropas fazia com que... Tiros, granadas, tudo que explodisse, mas nada de utilizar a aviação. Isso só para malucos. O mais seguro é ter os pés em terra.

— Nada como a Infantaria. E' a melhor arma de todas. Não tenho duvidas. Foi a Infantaria quem venceu a ultima guerra. Se não fosse isso os aliados... — Perde-se em pormenores sem importancia. Ninharias que nada valem. — Quando estivera em França, durante a primeira guerra, até, por acaso... — O outro sonha. Não houve o rol de mentiras e invenções bem intencionadas do amigo. Prefere sonhar. Ainda lhe restam bocadinhos soltos do seu todo idealista.

Os moços continuam a namorar. Um dá um beliscãozinho de amor e apanha uma repreensão da moça. Ela não lhe admite que abuse, mas só quando estão pessoas a ver. Os moços pequenos e as miudinhas brincam como sempre. Com grande alegria veem surgir o homem dos sorvetes.

— Ialó sorvete... E' doce e fresquinho... Está calor está... — grita para quem quer ouvir. As mamãs, que cortam na vida alheia, debaixo das árvores, geralmente não ouvem os gritos alucinantes do homem dos sorvetes, que sua dentro do seu fato branco. Se não dão os cinco tostões da ordem os moços berram, gritam, depois apanham, enfim, uma grande vergonha, de maneira que dão mesmo. Uma delas também compra um para si.

— Um dia não são dias. Não vou ficar mais pobre por causa disto. — Todas concordam e todas compram, porque um dia não são dias.

Os velhos falam. Falam da sua juventude e mocidade. Calam-se.

— Lembro-me que tinha uma coisa para lhe dizer mas já não me lembro bem do que se trata. — Não disse hoje mas pode dizer amanhã. Tanto faz. O que é preciso é dizer alguma coisa, e eles já nada têm para dizer. Estão cansados da vida; de tudo... Mas não querem morrer. Parece que não sabem que já faltou mais. Nunca se libertaram do calor, do frio e da vida. Apesar de ideias bonitas e de ter andado na guerra de catorze-dezoito, é materialista. O outro foi idealista mas teve que se calar. Conformou-se e hoje não é ninguém. Abafaram-no em vida. Sempre a obedecer a um estupido dum chefe sem inteligência nenhuma. Falhou. Ambos são falhados.

A vida calma que levaram para que serviu senão para agora estarem limitados a uma vida decente e calma. Rotina. Sempre essa terrível rotina oca de vida e liberdade. Não se expandiu. Quem sabe se dentro de si não estaria um poeta e um chefe espiritual de alguma escola nova. Quem sabe se dentro de si não estaria um estratagema valioso para matar gente e destruir culturas e civilizações. A vida que os fez viver foi a mesma que os matou. Ela não admite que lhe tragam inovações sem ser á força. E á força esmaga aqueles que sente que podem um dia vir a subir e crescer.

Os velhos estão calados. Já não falam. Dentro de si há uma amargura crónica. Recostam-se no banco. Calados. Os pássaros voam como eles poderiam ter voado. Já não têm ilusões como os meninos e os namorados que sonham por aqui e ali. Entraram na rotina. Nessa rotina que anuncia o preludio...

O QUE PENSAM OS JOVENS DO NOSSO PAIS

Acerca da Técnica e da Liberdade

(Crítica ao trabalho de José Carlos de Morais «Produção, Comunicação e Progresso») por João Castelo-Branco Gonçalves (16 anos)

Sob o título de «Produção, Comunicação e Progresso», José Carlos de Morais equacionou um dos mais importantes aspectos da história humana.

Se lançarmos sobre a história uma rápida panoramica, sem procurar entrar em pormenores tentando discernir uma das linhas gerais que impulsionaram o homem desde a caverna até aos nossos dias, será forçoso concluir que José Carlos de Morais tem razão.

O seu trabalho, lógicamente desenvolvido, mostra-nos a subordinação de todo o progresso a essas duas molas admiráveis que são a produção e a comunicação.

Descobre a situação em que se encontrou sucessivamente o homem perante a Natureza e a sociedade. E aponta-nos o caminho, que segundo ele poderá libertar o homem: a técnica.

Cheguei ao ponto em que me separo da sua linha de pensamento. Parece-me o problema por demais complexo, para se fazer tão categórica afirmação. Vejamos em primeiro lugar, qual o conceito que José Carlos de Morais tem de liberdade. Usando as suas próprias palavras, liberdade opõe-se a necessidade; logo, não ser livre e encontrar na necessidade uma barreira intransponível.

José Carlos de Morais, vê então na técnica um agente libertador, enquanto eu vejo nela um agente aproximador dessa liberdade.

Ninguém, e muito menos o jovem, deve ter o conceito spengleriano segundo o qual «A luta do homem contra a Natureza é sem esperança». A extraordinária aventura do homem rebate esta afirmação.

Portanto, ao referir-me á técnica como agente «aproximador» da liberdade não estou imbuido desse pessimismo. Simplesmente, oponho o homem e a máquina, descobrindo no primeiro uma natureza que a segunda não possui.

E' este o grande obstáculo. Não creio que a técnica possa modificar radicalmente a natureza humana. Seria ainda necessário que modificasse toda a estrutura social existente.

O homem continuará sempre preso ás suas paixões, aos seus desejos, ás suas tendências. Estará sempre «en situation», como afirmou Sartre, ou então deixará de ser homem.

Admitamos que a técnica cirurgica pudesse modificar o homem levando-o a actuar segundo uma vontade externa que não fosse a sua. Esse homem podia sentir-se livre, sem que na realidade o fosse. José Carlos de Morais consideraria livre um homem em tais condições?

Temos aliás um exemplo na literatura dos nossos dias. Huxley na sua obra «Brave new World», mostra bem os perigos que poderão ocorrer desde o momento em que os valores humanos se encontrem subordinados á técnica.

E' o homem que cria a máquina para seu benefício: é o homem que imagina e faz funcionar os complexos mecanismos que povoam o nosso mundo. Jamais o homem poderá evitar estar agrilhuado á máquina.

E desde o advento das máquinas até aos nossos dias, têm-se realmente verificado uma maior independência do trabalhador em relação á máquina. Mas daí até considerar a técnica capaz de dar ao homem a liberdade completa, vai um abismo pleno de dificuldades nem sempre transponíveis.

A inquietação dos homens perante certos problemas será eterna, por mais desenvolvida que a técnica se encontre. Citarei entre vários, um exemplo, a angustia metafísica. Tudo isto que marca o homem, que constitui por assim dizer o estigma do género humano, não poderá ser apagado por nenhuma técnica, se essa mesma técnica for considerada «libertadora».

Há ainda a preferir os aspectos prejudiciais da técnica nos nossos dias: as técnicas de destruição, os variadissimos divertimentos mecanicos que povoam as nossas cidades e que em certos casos só escravizam o homem.

Concluindo esta crítica, quero afirmar que creio na técnica como auxiliar do homem. Reconheço os seus extraordinários serviços, dentro de certo limite. Contudo, oponho ao seu caminho para a liberdade, a natureza humana, esperando que o homem faça sempre da máquina um uso justo e racional, para que receba os seus benefícios, e para que o efeito nunca se possa voltar contra o feiticeiro...

A CONVERSA DA SEMANA

(Continuação da página anterior)

sem se poderei dar algumas sugestões sobre uma possível modificação de formato, de rubricas a incluir, etc.»

Pois podes. Se leres com atenção o que se escrevia a seguir á epígrafe errada, hás-de reparar que a nossa crítica se dirigia justamente aos jovens leitores que se acanham a dizer o que pensam. Notámos que os nossos amigos criticavam abertamente os comentários de professores franceses que publicámos há uns numeros atrás; e que se abstinham de o fazer quando se tratava de um comentário de um dos directores do «Juvenil». Quando não estiverem de acordo, devem ser francos.

Portanto: «NÃO É PROIBIDO AFIXAR ANUNCIOS NESTA PROPRIEDADE».

3

Os artigos preferidos

Esta semana o vencedor do concurso «O artigo mais votado» (que iniciámos, no numero anterior, por sugestão do Amigo António Ramires), foi a Maria José Vieira Lisboa. Eis os resultados da votação:

1—Menina dos olhos tristes ...	250
2—E' fácil sonhar	162
3—História da minha Rosa ...	161
4—Ilusão	126
5—Pedro e o Cavaleiro de Ouro	125
6—Os Cavaleiros da Távola Redonda	125
7—Progresso não é só produção e comunicação	116
8—A conversa da semana	23

A Maria José Lisboa que leia a lista dos vencedores e respectivos prémios.

Atenção!

No dia 24 de Outubro, sábado, Diário de Lisboa Juvenil e Cine Club Imagem oferecem aos nossos leitores a primeira sessão mensal de cinema